

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RENATA MELLO DE CARVALHO

**AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado Profissional em Educação:
Formação de Formadores

São Paulo

2024

RENATA MELLO DE CARVALHO

**AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Formação de Formadores, sob a orientação da Profa. Dra. Emília Cipriano.

São Paulo

2024

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

E-mail _____

Carvalho, Renata Mello

Autonomia das Crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Renata Mello de Carvalho.

São Paulo – 2024.

110 p.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emília Cipriano

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação:

Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

1. Autonomia. 2. Escola. 3 Crianças. 4.Socioemocional. 5. Professores. 6. Colaborativo I.

Cipriano, Emília. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. III. Título. Autonomia das Crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Renata Mello de Carvalho

Autonomia das Crianças nos Anos iniciais do Ensino Fundamental

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Formação de Formadores, sob a orientação da Profa. Dra. Emília Cipriano.

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Emília Maria Bezerra Cipriano Castro Sanches

(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Clarilza Prado de Souza

Prof. Dr. Rodnei Pereira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me guiar e iluminar em todos os momentos dessa jornada.

Ao meu marido, João Eduardo, e às minhas filhas, Nicole e Laura, pelo apoio incondicional à minha decisão de retornar aos estudos e pela paciência e compreensão durante os momentos de ausência.

À minha mãe, que me inspirou a sempre galgar novos horizontes.

À minha coordenadora, que tanto me incentivou a iniciar essa nova jornada.

À minha orientadora, Professora Doutora Emília Cipriano, por compartilhar generosamente seu vasto conhecimento e me guiar com sabedoria, afeto e dedicação ao longo de todo o processo.

À Professora Doutora Clarilza Prado de Souza e ao Professor Doutor Rodnei Pereira, por aceitarem o convite de participar da banca examinadora e pelas contribuições valiosas oferecidas durante o exame de qualificação.

Aos professores e professoras do Formep, cujas orientações, diretas e indiretas, foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de mestrado, por compartilharem experiências, dúvidas e momentos de alegria, tornando essa caminhada mais enriquecedora.

Ao Humberto e Elvira Aranha, pela atenção e prestatividade demonstradas em todos os momentos.

À professora Doutora Regina Célia Almeida Rego Prandini, que foi fundamental em sua mentoria e apoio nos momentos mais difíceis.

Finalmente, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

RESUMO

CARVALHO, Renata Mello. **Autonomia das Crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

O presente estudo tem como objetivo compreender como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia. Busca-se identificar os desafios enfrentados e propor metodologias ativas para o desenvolvimento integral das crianças em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais. Fundamentada nas teorias de Jean Piaget (1896-1980), Lawrence Kohlberg (1927-1987) e Yves de La Taille (1948-), a pesquisa enfoca a autonomia como facilitadora do desenvolvimento cognitivo, moral e social das crianças. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa. Para a produção dos dados foram utilizadas observações em sala de aula, entrevistas e análise de práticas pedagógicas em uma escola privada na cidade de São Paulo. O estudo foi realizado com crianças de 8 e 9 anos, pertencentes a uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, composta por 33 alunos. Os resultados apontaram ações metodológicas que abrem janelas de possibilidades para a construção da autonomia em sala de aula. O trabalho inclui uma proposta formativa para os professores, com o objetivo de instruir caminhos que possibilitem a autonomia entre os alunos. A formação abrange desde fundamentos teóricos até a implementação e avaliação de propostas pedagógicas, visando criar um ambiente escolar que estimule o pensamento crítico e a responsabilidade. O resultado da pesquisa visa ampliar o processo de participação efetiva das crianças a partir das metodologias ativas proporcionando oportunidades para que elas exerçam a autonomia por meio de experiências cotidianas e interações sociais.

Palavras-Chave: Autonomia. Metodologias ativas. Desenvolvimento moral. Crianças. Colaborativos.

ABSTRACT

CARVALHO, Renata Mello. **Autonomia das Crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental I**. 2024. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

The present study aims to understand how children in the early years of Elementary School perceive and experience the construction of their autonomy. The aim is to identify the challenges faced and propose active methodologies for the integral development of children in social, emotional, cognitive and moral aspects. Based on the theories of Jean Piaget (1896-1980), Lawrence Kohlberg (1927-1987) and Yves de La Taille (1948-), the research focuses on autonomy as a facilitator of children's cognitive, moral and social development. The research adopts a qualitative approach. To produce data, classroom observations, interviews and analysis of pedagogical practices were used in a private school in the city of São Paulo. The study was carried out with children aged 8 and 9, belonging to a 3rd year class of Elementary School I, made up of 33 students. The results pointed to methodological actions that open windows of possibilities for building autonomy in the classroom. The work includes a training proposal for teachers, with the aim of instructing paths that enable autonomy among students. Training ranges from theoretical foundations to the implementation and evaluation of pedagogical proposals, aiming to create a school environment that encourages critical thinking and responsibility. The result of the research aims to expand the process of effective participation of children based on active methodologies, providing opportunities for them to exercise autonomy through everyday experiences and social interactions.

Keywords: Autonomy. Active methodologies. Moral development. Children. Collaboratives.

Lista de Figuras

Figura 1 – O que é autonomia?	15
Figura 2 - Tabela das principais pesquisas correlatas	16
Figura 3 - O que é autonomia na escola?	35
Figura 4 – Narrativas	39
Figura 5 - Momentos em sala de aula com autonomia.....	45
Figura 6 - Rotina	47
Figura 7 - Relatos de crianças	48
Figura 8 - Sujeitos da Pesquisa	50
Figura 9 - O que é autonomia na escola?	54
Figura 10 - O que você ainda não tem autonomia para fazer sozinho na escola?.....	59
Figura 11 - Quatro momentos de autonomia na escola.....	65
Figura 12 - Relato de criança 1.....	67
Figura 13 - Relato de criança 2.....	70
Figura 14 - Relato de criança 3.....	73
Figura 15 - Tabela das comandas propostas na produção de dados.....	83
Figura 16 - Gráfico resultados atividade 1.....	84
Figura 17 - Gráfico resultados atividade 2.....	85
Figura 18 - Gráfico resultados atividade 3.....	86
Figura 19 - Gráfico resultados atividade 4.....	88
Figura 20 - Gráfico resultados atividade 5.....	91
Figura 21 - Gráfico resultados atividade 6.....	94

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Pesquisas correlatas	15
2.2 Perspectivas Teóricas sobre a Autonomia	19
2.2.1 Jean Piaget	19
2.2.2 Kohlberg	23
2.2.3 Yves de La Taille	24
2.2.4 Aspectos Relevantes a serem considerados	26
2.2.5 Aspectos Pedagógicos	28
2.2.6 Atividades Práticas	30
3 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	35
3.1 Pesquisa qualitativa	35
3.2 Trajetória da Pesquisa	37
3.3 Narrativa da Criança	39
3.4 Produção da Informação	41
3.4.1 Roda de Conversa	43
3.4.2 Desenho	43
3.5 Contexto - A escola	45
3.5.1 Rotina	47
3.6 Sujeitos da Pesquisa	50
3.7 Análise	51
4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO	54
4.1 Atividade 1 - A Importância da Autonomia na Escola: Desenhos e Narrativas de Crianças no Estágio Operatório Concreto	54
4.2 Atividade 2 - “Desafios de Autonomia Escolar: O Que Você Ainda Não \Consegue Fazer Sozinho?”	59
4.3 Atividade 3 - “Momentos de Autonomia na Sala de Aula: desenhos e narrativas das crianças”	65
4.4 Atividade 4 - Situação Problema: “Foi lançado um filme no cinema que você adora e está louco para assistir, mas a classificação etária é 12 anos. O que você faria? Você tem autonomia para decidir?”	67
4.5 Atividade 5 - Situação Problema: “Na sua casa, você tem autonomia? Você acha que poderia ter mais autonomia? Conte um pouquinho de como é na sua casa?”	70
4.6 Atividade 6 - Situação Problema: “As crianças da sua idade já podem ter autonomia em tudo?”	73
5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO	77
6 - ANÁLISE QUANTITATIVA DAS RESPOSTAS DAS CRIANÇAS	83
7 - CONCLUSÃO	98
8 - PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES	102
1. Formação conceitual	102
2. Discussão Sobre Metodologias Ativas	102
3. Áreas Artísticas	103
4. Práticas Colaborativas com a Família	104
5. Conclusão	104
9- APÊNDICES	106
REFERÊNCIAS	115

1 - INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da construção da autonomia remonta à minha infância. Proveniente de uma família com uma educação conservadora e sendo a mais velha de três irmãos, assumi frequentemente a responsabilidade de cuidar dos meus irmãos enquanto nossa mãe trabalhava fora. Desde cedo, essas responsabilidades moldaram minha capacidade de ser independente e resoluta. Aos doze anos, eu já sabia ir ao banco para pagar boletos escolares e me locomover de ônibus e metrô, experiências que consolidaram minha independência precoce. Com quinze anos, iniciei o curso de magistério com o desejo de trabalhar e ganhar meu próprio dinheiro. Minha mãe, também professora, me apresentou à dona de uma escola de educação infantil, onde fui contratada como auxiliar de professora.

Durante meu tempo nesta escola, aprendi observando e executando as tarefas que as professoras regentes me delegavam. Frequentemente, testemunhava práticas com as quais não concordava, pois notava que as crianças, conforme suas idades, eram capazes de realizar muitas atividades de forma independente, mas as professoras, sobrecarregadas, realizavam as tarefas pelos alunos para economizar tempo. Após dois anos como auxiliar, fui convidada a assumir uma turma, ainda no último ano do magistério. Esta experiência foi única e enriquecedora, permitindo-me agir de acordo com minhas crenças educativas, incentivando os alunos a serem mais autônomos, resultando em progressos notáveis tanto nas atividades pedagógicas quanto nas vivências diárias.

Desde os primórdios da minha carreira como educadora, sentia uma necessidade crescente de incentivar a autonomia entre meus alunos. Minhas observações diárias mostravam-me que essa abordagem gerava avanços significativos, contribuindo de maneira decisiva para o desenvolvimento das crianças. A experiência em sala de aula demonstrou que alunos com rotina e maior autonomia se destacavam em relação àqueles que dependiam dos outros. Esses resultados motivaram minha busca pela autonomia dos meus alunos, estabelecendo rotinas que os tornavam mais seguros e confiantes.

A construção da autonomia também ensina a importância de regras e leis para a convivência. Desde que comecei a focar neste aspecto, os aprendizados tornaram-se ainda mais significativos. As crianças se mostraram mais seguras, acolhidas e participativas para os anos seguintes. Acredito firmemente na troca de ideias e na busca constante por novas

experiências e passei a sentir a necessidade de aprofundar meus conhecimentos sobre o desenvolvimento da autonomia nos anos iniciais do Fundamental.

A falta de autonomia de muitos alunos é uma preocupação central para mim. A construção da autonomia é uma habilidade essencial a ser trabalhada nas escolas, mas observo que nem todos os professores se sentem seguros para construí-la com os alunos. As competências necessárias à autonomia envolvem habilidades e características que estimulam os indivíduos a assumirem responsabilidade por si mesmos, a tomarem decisões informadas e a agirem de forma independente. Esses componentes incluem autoconhecimento, autogerenciamento, tomada de decisão, autoconfiança, assertividade e responsabilidade.

O autoconhecimento, fundamentado nas teorias de Jean Piaget, refere-se à capacidade de compreender as próprias emoções, motivações, pontos fortes e limitações, influenciando o desenvolvimento cognitivo e a autorreflexão. O autogerenciamento envolve a habilidade de regular e controlar as próprias emoções e comportamentos, estabelecendo metas, planejando e monitorando o progresso pessoal, resistindo a tentações e perseverando diante de desafios.

Professores e demais adultos precisam incentivar a autorreflexão nas crianças, ajudando-as a tomar decisões com base em suas próprias considerações e aprendendo com seus erros. Um ambiente acolhedor e encorajador é crucial para o suporte emocional, permitindo que a criança se sinta segura para expressar suas emoções e desenvolver confiança para explorar e agir de forma independente.

A construção da autonomia na escola é a questão central da minha pesquisa. Pretendo aprimorar minhas práticas para desenvolver essa competência essencial para o desenvolvimento integral das crianças nos anos iniciais do ensino Fundamental. A autonomia das crianças constitui-se como um pilar fundamental para o desenvolvimento integral, atuando como vetor para a aquisição de competências sociais, emocionais, cognitivas e morais.

A literatura especializada em desenvolvimento infantil e educação ressalta a importância da autonomia como pilar fundamental para um crescimento saudável e adaptativo. No âmbito da educação, a autonomia das crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental emerge como tema de profundo interesse e relevância. A partir de minha experiência e reflexão sobre o assunto, recorri a teóricos como Piaget (1971), Kohlberg

(1981) e La Taille (2006) para aprofundar minha compreensão sobre autonomia.

Piaget enfatiza que a autonomia é crucial para a transição entre os estágios de desenvolvimento, possibilitando o pensamento de forma independente e crítica. Kohlberg complementa essa visão ao explorar o desenvolvimento moral, propondo que a autonomia é fundamental para a progressão por meio dos estágios de desenvolvimento moral. La Taille apresenta uma perspectiva que conecta a autonomia ao desenvolvimento da cidadania e à construção de valores, enfatizando que a autonomia envolve a capacidade de tomar decisões de maneira independente e a habilidade de compreender e respeitar os valores sociais e éticos. Esses autores nos fazem refletir sobre as consequências profundas e duradouras que a falta de habilitação adequada dos professores para estimular a autonomia pode ter no desenvolvimento emocional, social, cognitivo e moral das crianças, com impactos que se estendem até a vida adulta.

Refletindo sobre essa questão, percebi que o meu papel como educadora vai muito além da transmissão de conhecimento acadêmico. Estou aqui para atuar como facilitadora no processo de autoconhecimento e autodescoberta de cada criança, auxiliando-as a desenvolver a confiança necessária para tomar decisões próprias, a assertividade para expressar suas ideias e opiniões, e a responsabilidade por suas ações e consequências. Estou consciente de que a jornada em direção à autonomia dos alunos exige mais do que simplesmente boa vontade. Essa trajetória implica uma transformação fundamental na abordagem pedagógica que adotamos como educadores. Além disso, trabalhamos o desafio de reconhecer e superar nossas próprias inseguranças e limitações, admitindo que, assim como nossos alunos, estamos em constante processo de aprendizagem.

Essa realização me levou a refletir sobre a importância de criar um ambiente de aprendizagem que valorize e incentive a construção dessa autonomia pelos alunos. Entendi que, para verdadeiramente ajudar nossas crianças a se tornarem indivíduos autônomos e confiantes, precisamos, além de ensinar-lhes conteúdos curriculares, guiá-los na exploração de suas próprias capacidades, emoções e pensamentos. Essa abordagem educacional, embora desafiadora, possibilita enriquecer a experiência de aprendizagem dos alunos e transformar a maneira como eles veem a si mesmos e o mundo ao seu redor.

Por meio do olhar curioso e vivaz de uma criança, percebo que o cerne de meu questionamento se aninha na preocupação com uma notável falta de autonomia que vejo

refletida em muitos estudantes. Essa constatação me guia e me impele a investigar mais a fundo as competências que formam o alicerce da autonomia, que emergem como pilares essenciais para o cultivo de uma autonomia robusta e significativa.

Assim, a reflexão se aprofunda na necessidade imperativa de os educadores estarem adequadamente dispostos para semear e cultivar essas habilidades nos alunos. A pedagogia, portanto, se vê diante de um chamado para além do ensino tradicional; ela é convocada a ser uma incentivadora da autonomia. Este enfoque pedagógico, centrado na autonomia, prepara o terreno para o crescimento individual das crianças e as estimula para assumir as rédeas de suas vidas, para agir de forma independente e consciente.

Nessa jornada, a percepção da criança sobre sua própria autonomia se revela como um reflexo de suas experiências e aprendizados e como um indicador crucial da eficácia de nossas práticas educativas. É por meio dessa percepção que podemos vislumbrar o potencial para a construção de uma autonomia responsável e, acima de tudo, significativa.

Ao final, minhas reflexões e experiências me levaram à delimitação do objetivo de pesquisa e às decisões metodológicas, além da escolha de autores que fundamentam o referencial teórico. Por meio desta pesquisa, espero contribuir para a construção de práticas pedagógicas que possibilitem a construção dessa autonomia pelas crianças e o seu desenvolvimento integral.

Piaget (1971), Kohlberg (1981) e La Taille (2006), apesar de suas abordagens distintas, convergem na importância da autonomia para o desenvolvimento integral das crianças. Piaget destaca a autonomia como essencial para a transição entre estágios de desenvolvimento cognitivo, possibilitando o pensamento crítico e independente. Kohlberg complementa essa visão ao enfatizar a autonomia no desenvolvimento moral, permitindo que as crianças internalizem princípios éticos e tomem decisões baseadas em um entendimento profundo de justiça e moralidade. La Taille, por sua vez, conecta a autonomia ao desenvolvimento da cidadania e à construção de valores sociais e éticos, ressaltando a importância de formar sujeitos autônomos, capazes de autorregulação e participação ativa na sociedade. Juntos, esses teóricos sublinham a necessidade de uma educação que transmita conhecimento e estimule os alunos a se tornarem indivíduos autônomos, críticos e responsáveis, capazes de enfrentar os desafios da vida adulta.

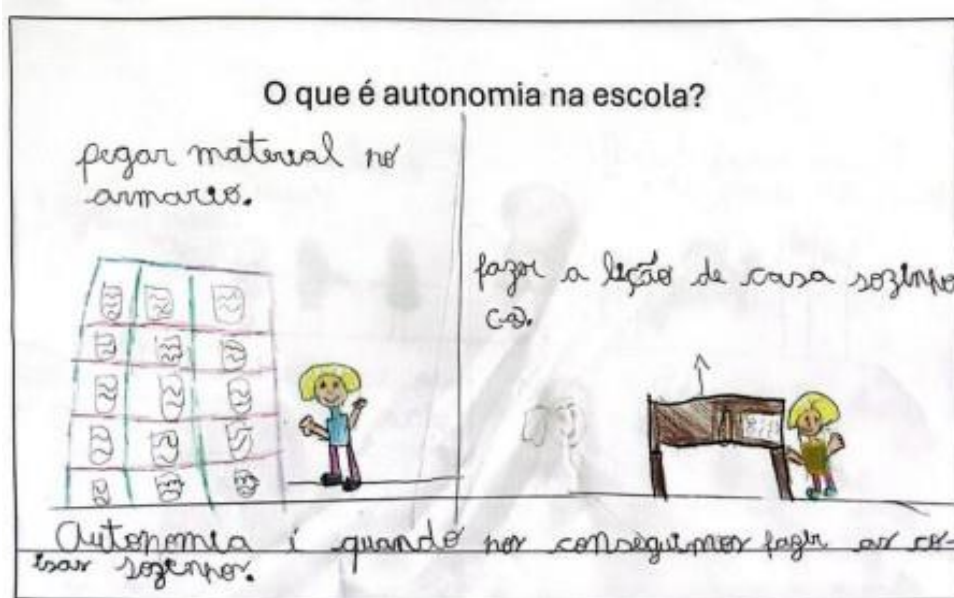
A partir dessas reflexões, estabeleci como objetivo geral da presente pesquisa compreender como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia, identificando os desafios enfrentados e propondo estratégias para o seu desenvolvimento integral em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais.

Os objetivos específicos ficaram assim definidos:

- Investigar como os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e entendem a autonomia em diferentes situações cotidianas na escola, analisando suas interações e pensamentos sobre o tema.
- Analisar as estratégias e metodologias ativas utilizadas pelos educadores para possibilitar a autonomia dos alunos nessa faixa etária, identificando boas práticas e desafios enfrentados.
- Elaborar um conjunto de recomendações fundamentadas nos achados do estudo, incluindo uma proposta de formação continuada que tenha como foco o desenvolvimento da autonomia das crianças e a reflexão sobre os diferentes níveis e contribuições dos valores sócio morais. A proposta deve enfatizar a valorização do diálogo e da participação ativa, a ressignificação do conceito de autonomia, a formação contínua de professores, e a transição entre a educação infantil e o ensino fundamental. Além disso, é essencial a implementação de práticas escolares específicas que favoreçam a autonomia dos alunos.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Figura 1 – O que é autonomia?



2.1 Pesquisas correlatas

O levantamento das pesquisas correlatas foi feito na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Após diversas tentativas de combinações iniciais sobre a compreensão das crianças acerca da construção de sua autonomia, fiz a busca por meio de combinações de palavras-chave que fossem mais assertivas e contemplassem minha problemática. Essas buscas resultaram em uma variedade de trabalhos relevantes.

Utilizei as palavras-chave “autonomia escolar” e “autonomia na escola”. Essa busca resultou em 33 teses e dissertações, das quais, feita a leitura dos títulos, selecionei 15. Após a leitura de seus resumos, restaram as 5 mostradas no quadro a seguir.

A autonomia na educação é um conceito amplamente discutido e analisado por diversos estudiosos, cada um trazendo perspectivas e enfoques distintos. As correlatas pesquisadas apresentam uma análise comparativa das concepções de autonomia segundo Salvi (2018), Santos (2006), Debus (2018), Cezário (2021) e Gilbert (2020), destacando suas convergências e divergências.

Figura 2 - Tabela das principais pesquisas correlatas.

Autor	Ano	Instituição	Título	Referencial Teórico
<u>Salvi, Luciana Rita Bellincanta</u>	2018	Universidade Federal da Fronteira Sul	O sujeito autônomo em Freire: contribuições à educação infantil	Paulo Freire Kosik (2002), Gadotti (1995), Frigotto (2004).
Santos, Kelly Cristina dos PUC - SP https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/10544/1/Dissertacao%20Kelly%20Cristina%20dos%20Santos.pdf	2006	PUC - SP	Autonomia da criança: transição da educação infantil para o ensino fundamental, conforme as prescrições oficiais	Theodoro Adorno (1995) Henry Wallon (1979)
Debus, José Carlos dos Santos https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS_C_1ca29aa1ecc34b87b98af88c935f7162	2018	Universidade Federal de Santa Catarina	Educação para a autonomia: reflexões sobre a atualidade do conceito de autonomia.	Paulo Freire (2006) Jacques Rancière (2007)
Cezário, Vanessa Cardoso https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21102021-110744/publico/tese_vanessa_cardoso_cezario_VerCor.pdf	2021	Universidade de São Paulo	“O oficioso do discurso pedagógico sobre a autonomia: estudo de caso em uma escola democrática”	Paulo Freire (2006) Piaget (1975) Freud (2010)
<u>Gilbert, Anmaly Natália Miguel Monteiro</u>	2020	Universidade Federal de Viçosa	“Escola da Ponte, educação e autonomia: uma investigação sobre a gestão de metodologias ativas e formação de professores no contexto brasileiro”	John Dewey, Paulo Freire

Salvi (2018) explora o conceito de autonomia no pensamento de Paulo Freire, destacando suas raízes e desenvolvimento ao longo de sua vida e obra. Desde cedo, Freire (2017) aprendeu a importância do diálogo e da comunicação aberta, valores centrais em sua pedagogia. Ele criticava a educação “bancária”, onde o educador deposita conhecimento nos educandos, que são receptores passivos. Em contraste, Freire propunha uma educação problematizadora e libertadora, baseada no diálogo e na participação ativa, visando desenvolver a consciência crítica dos educandos (Freire, 2017a, p. 81-82). Para Freire, a autonomia é um processo de humanização que se manifesta na capacidade dos sujeitos de se

autogovernarem e lutarem por sua libertação, permitindo-lhes transformar a realidade social em que vivem (ibidem, p. 93).

Santos (2006) aborda a autonomia no contexto da educação infantil, destacando que a construção da criança como sujeito autônomo é um processo contínuo. A formação contínua de professores é essencial para estabelecer vínculos ativos entre pesquisa e prática, envolvendo os educadores e a escola de forma integrada. A pesquisa-ação realizada por Santos (ibidem) enfatiza a importância de uma formação docente que resgate o exercício da pesquisa concentrada na unidade de trabalho, emancipando a identidade profissional dos professores e possibilitando a liderança e a autoafirmação.

Debus (2018) investiga a pertinência e atualidade do conceito de autonomia nas configurações contemporâneas dos espaços de ensino/aprendizagem em relação às crianças. A pesquisa destaca a necessidade de problematizar, atualizar e ressignificar o conceito de autonomia, considerando o potencial radical e transformador deste conceito. Debus (ibidem) referencia o pensamento emancipador na educação, com reflexões de Freire (2006) e Rancière (2007), e as projeções de indivíduo autônomo de Kant (1999), Rousseau (1992), Nietzsche (2008), Durkheim (2012), Vygotsky (2007) e Piaget (1996). Metodologicamente, valoriza as manifestações das crianças sobre seu cotidiano, destacando a importância de proporcionar oportunidades para que elas exerçam a autonomia por meio de experiências cotidianas e interações sociais.

Cezário (2021) analisa o conceito de autonomia nas orientações e diretrizes curriculares da educação infantil, verificando a articulação entre o final da educação infantil e o início do ensino fundamental. A pesquisa destaca a importância de apoiar-se nas experiências das crianças, estimulando atitudes de autonomia, manifestações artísticas e valorização da cultura infantil. A transição deve preservar os vínculos afetivos e a convivência com diferentes faixas etárias, evitando a antecipação da escolarização e da alfabetização, que pode desconsiderar a especificidade da educação infantil como espaço de convivência social e de vivências lúdicas.

Gilbert (2020) realizou uma pesquisa qualitativa exploratória investigando as concepções de autonomia entre coordenadores e professores de escolas particulares em Goiânia. A análise revelou uma compreensão variada de autonomia, frequentemente vinculada à liberdade e à responsabilidade. Práticas escolares específicas, como a resolução

de conflitos e a escolha de atividades, contribuem significativamente para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. A autonomia é vista como um processo gradual e contínuo, que deve ser cultivado por meio de um ambiente escolar que garanta oportunidades apropriadas para seu desenvolvimento.

As pesquisas de Salvi (2018), Santos (2006), Debus (2018), Cezário (2021) e Gilbert (2020) apresentam convergências significativas em relação à importância da autonomia na educação. Todas destacam a necessidade de um ambiente educativo que incite a participação ativa dos educandos e valorize suas experiências cotidianas. Freire e Piaget compartilham a visão de que a autonomia é essencial para o desenvolvimento integral dos sujeitos e que a educação deve ser um processo dialógico e contextualizado.

No entanto, apresentam diferentes formas e abordagens metodológicas. Enquanto Freire (2017) e Salvi (2018) enfatizam a crítica à educação “bancária” e a necessidade de uma educação libertadora, Santos (2006) foca na formação contínua de professores e na construção da autonomia desde a educação infantil. Debus (2018) problematiza e ressignifica o conceito de autonomia, considerando as configurações contemporâneas dos espaços de ensino/aprendizagem. Piaget (1996) destaca a importância das interações sociais e experiências cotidianas para o desenvolvimento da autonomia, enquanto Cezário (2021) analisa a transição entre a educação infantil e o ensino fundamental, enfatizando a preservação dos vínculos afetivos e a convivência social. Gilbert (2020) investiga as concepções de autonomia entre coordenadores e professores, destacando práticas escolares específicas para oportunizar a autonomia.

A análise dos trabalhos correlatos sobre a autonomia na educação revelou tendências e elementos significativos que contribuem para a compreensão e o favorecimento da autonomia no contexto escolar. Esses estudos apresentam uma diversidade de abordagens e enfoques, mas também convergências que são essenciais para o desenvolvimento do conceito de autonomia. As tendências identificadas incluem a valorização do diálogo e da participação ativa, a formação contínua de professores, a ressignificação do conceito de autonomia, a transição entre educação infantil e ensino fundamental, e a implementação de práticas escolares específicas que incentivem a autonomia. As pesquisas apontam a concepção de autonomia como um processo contínuo, a importância das interações sociais, a ênfase na formação integral do indivíduo, a diversidade metodológica e os desafios na implementação prática.

Os elementos comuns entre os estudos incluem a crítica à educação tradicional, a integração de habilidades socioemocionais, a importância de um ambiente de aprendizagem favorável, o desenvolvimento da consciência crítica e a valorização das experiências cotidianas e das interações sociais. A análise das pesquisas correlatas sugere que, para estimular a autonomia dos alunos, é fundamental criar um ambiente educativo que valorize a participação ativa, o diálogo e as experiências cotidianas dos alunos. Além disso, é essencial investir na formação contínua dos professores para que possam apoiar efetivamente o desenvolvimento da autonomia. A convergência principal entre os estudos reside na importância de um ambiente educativo que incentive a autonomia e a participação ativa dos educandos. Entretanto, as divergências metodológicas e contextuais refletem a necessidade de abordagens diversas para atender às especificidades de cada contexto educativo.

Os autores analisados, apesar de suas abordagens distintas, convergem na importância da autonomia para o desenvolvimento integral dos educandos. Paulo Freire enfatiza a necessidade de uma educação libertadora e dialógica, enquanto Piaget destaca a importância das interações sociais e das experiências cotidianas. Santos, Debus, Cezário e Gilbert complementam essas visões ao focar na formação contínua de professores, na ressignificação do conceito de autonomia e na criação de ambientes educativos que incentivem a participação ativa e a valorização das experiências das crianças. Em suma, a autonomia é vista como um processo contínuo e multifacetado, essencial para a formação de indivíduos críticos, responsáveis e capazes de transformar a realidade social em que vivem.

2.2 Perspectivas Teóricas sobre a Autonomia

As teorias de Jean Piaget (1971) e Yves de La Taille (2006) possibilitam orientações valiosas para a prática educacional, com implicações significativas para a forma como os ambientes de aprendizagem são estruturados. Ambos os teóricos destacam a importância de criar contextos que estimulem a exploração, a experimentação e a cooperação, reconhecendo que esses elementos são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia nas crianças.

2.2.1 Jean Piaget

Jean Piaget (1971), um dos mais influentes psicólogos do desenvolvimento, dedicou sua carreira ao estudo das fases de desenvolvimento cognitivo infantil. Ele identificou

estágios específicos pelos quais as crianças passam à medida que crescem, cada um caracterizado por diferentes capacidades cognitivas e modos de interação com o mundo. No contexto da autonomia, Piaget (1971) enfatizou a importância do desenvolvimento das habilidades de raciocínio lógico e moral, que permitem às crianças tomarem decisões independentes e compreenderem as implicações de suas ações.

Piaget e os Estágios de Desenvolvimento Cognitivo

Jean Piaget (1971) desenvolveu uma teoria abrangente sobre o desenvolvimento cognitivo, que propõe que as crianças passam por quatro estágios distintos ao longo de seu crescimento: sensório-motor, pré-operacional, operatório concreto e operatório formal. Cada estágio é caracterizado por habilidades cognitivas específicas e formas de pensamento que evoluem à medida que a criança se desenvolve.

1. Estágio Sensório-Motor (0-2 anos): Durante este estágio, os bebês e crianças pequenas exploram e aprendem sobre o mundo principalmente por meio de suas ações motoras e percepções sensoriais. Eles começam a entender a permanência do objeto, ou seja, a noção de que os objetos continuam a existir mesmo quando não estão à vista. Este é um período de intensa exploração e descoberta, onde os sentidos e os movimentos são as principais ferramentas de aprendizado.

2. Estágio Pré-Operacional (2-7 anos): Neste estágio, as crianças começam a desenvolver o uso de símbolos, como palavras e imagens, para representar objetos e eventos. A linguagem se torna uma ferramenta crucial para a comunicação e o pensamento. No entanto, as crianças ainda são altamente egocêntricas, o que significa que têm dificuldade em ver as coisas do ponto de vista de outras pessoas. Elas também tendem a se concentrar em aspectos únicos e perceptíveis dos objetos e eventos, sem considerar as inter-relações entre eles.

3. Estágio Operatório Concreto (7-11 anos): Durante este estágio, as crianças começam a pensar de maneira mais lógica e organizada sobre eventos concretos. Elas desenvolvem a capacidade de realizar operações mentais, como a conservação e a reversibilidade. As crianças também começam a compreender classificações complexas e relações de causa e efeito. No entanto, seu pensamento lógico é limitado a situações reais e concretas, não abrangendo ainda conceitos abstratos.

4. Estágio Operatório Formal (a partir de 11 anos): No estágio final da teoria de Piaget (1971), os adolescentes desenvolvem a capacidade de pensar de forma abstrata e hipotética. Eles podem considerar múltiplas variáveis e possibilidades ao resolver problemas e são capazes de formular e testar hipóteses de maneira sistemática. Esta capacidade de pensamento formal e abstrato permite aos adolescentes e adultos jovens planejarem para o futuro, pensar criticamente sobre questões complexas e entender conceitos filosóficos e científicos avançados.

A teoria de Piaget (1971) apresenta uma estrutura valiosa para entender como as capacidades cognitivas das crianças evoluem ao longo do tempo. Cada estágio representa um conjunto de habilidades e formas de pensamento que são fundamentais para o desenvolvimento intelectual e social das crianças, preparando-as para enfrentar desafios mais complexos à medida que crescem.

Foco no Estágio Operatório Concreto

Crianças na faixa etária de 8 e 9 anos geralmente se encontram no estágio operatório concreto, conforme descrito pela teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget (1971). Durante este estágio, elas começam a desenvolver a capacidade de pensar logicamente sobre eventos e situações concretas, embora ainda possam ter dificuldades com conceitos abstratos. Este estágio é essencial para a construção da autonomia infantil, pois é quando as crianças começam a compreender conceitos fundamentais como conservação e reversibilidade.

Conservação: A conservação refere-se à compreensão de que certas propriedades dos objetos, como volume, massa e número, permanecem constantes, mesmo quando sua aparência externa muda. Por exemplo, uma criança que entende o conceito de conservação de volume sabe que a quantidade de líquido em um copo alto e estreito é a mesma que em um copo baixo e largo, apesar de parecerem diferentes. Essa habilidade é crucial para o desenvolvimento do pensamento lógico, permitindo que as crianças façam julgamentos precisos sobre o mundo ao seu redor.

Reversibilidade: A reversibilidade é a capacidade de entender que uma ação pode ser revertida para retornar ao estado original. Por exemplo, uma criança que entende a reversibilidade sabe que, se tiver duas bolas de massa de modelar do mesmo tamanho e uma delas for achatada, ela ainda pode ser transformada de volta em uma bola. Essa habilidade é

vital para o pensamento lógico e a resolução de problemas, pois permite que as crianças considerem múltiplas etapas e possíveis resultados de uma ação. A reversibilidade contribui para a capacidade das crianças de planejar e prever consequências, habilidades essenciais para a autonomia.

Durante o estágio operatório concreto, as crianças também começam a desenvolver habilidades de classificação e seriação. Elas podem organizar objetos em categorias e ordenar itens de acordo com critérios específicos, como tamanho ou cor. Essas habilidades são fundamentais para a autonomia, pois permitem que as crianças façam julgamentos informados e tomem decisões baseadas em evidências concretas.

Classificação: A classificação envolve a capacidade de agrupar objetos com base em características comuns. Por exemplo, uma criança pode separar uma coleção de botões por cor ou tamanho. Essa habilidade ajuda as crianças a organizarem informações de maneira lógica, facilitando a compreensão e a tomada de decisões.

Seriação: A seriação é a capacidade de ordenar objetos de acordo com um critério específico, como tamanho ou quantidade. Por exemplo, uma criança pode organizar uma série de blocos do menor para o maior. Essa habilidade é importante para a resolução de problemas e para a compreensão de sequências lógicas.

No estágio operatório concreto, as crianças começam a pensar de maneira mais estruturada e sistemática sobre o mundo ao seu redor. Elas se tornam mais capazes de realizar operações mentais que envolvem raciocínio lógico e a manipulação de informações concretas. Este desenvolvimento cognitivo fornece uma base sólida para a construção da autonomia, permitindo que as crianças façam escolhas mais informadas e compreendam melhor as consequências de suas ações.

Piaget (1971) argumenta que essas habilidades melhoram a capacidade das crianças de resolver problemas práticos e favorecem a independência, à medida que elas aprendem a confiar em seu próprio raciocínio e julgamento. Assim, o estágio operatório concreto é uma fase crítica no desenvolvimento da autonomia infantil, preparando as crianças para enfrentar desafios mais complexos e tomar decisões mais responsáveis à medida que crescem.

2.2.2 Kohlberg

Lawrence Kohlberg desenvolveu sua teoria do desenvolvimento moral com base nas ideias de Jean Piaget, expandindo-as significativamente. Ele propôs que o desenvolvimento moral ocorresse em três níveis, cada um contendo dois estágios, totalizando seis estágios. A seguir, detalho cada um desses níveis e estágios, incluindo as idades aproximadas em que esses estágios costumam ocorrer (Kohlberg, 1981).

Nível Pré-convencional: este nível é típico de crianças pequenas e está centrado nas consequências pessoais das ações.

- **Estágio 1:** Obediência e Punição (aproximadamente até os 9 anos): neste estágio, as crianças seguem regras para evitar punições. O raciocínio moral está diretamente ligado à obediência e à autoridade, e a moralidade é vista em termos de consequências físicas de uma ação. Algo que é considerado "errado" resulta em punição (Kohlberg, 1981).

- **Estágio 2:** Individualismo e Intercâmbio (aproximadamente entre 7 e 12 anos): as crianças reconhecem que diferentes indivíduos têm interesses diferentes e podem concordar com trocas para satisfazer esses interesses. A moralidade é vista como um mercado de trocas, onde os interesses próprios são primordiais. As regras ainda são importantes, mas sua interpretação é mais flexível e orientada para os benefícios individuais (Kohlberg, 1981).
Nível Convencional: este nível é comum durante a adolescência e está focado em manter as normas sociais e a ordem dentro do grupo social.

- **Estágio 3:** Relações Interpessoais e Conformidade (aproximadamente entre 10 e 15 anos): o comportamento moral é motivado pelo desejo de agradar os outros e ser considerado bom. A moralidade é julgada em termos de expectativas sociais e papéis, e as ações são avaliadas com base nas intenções e na aprovação social (Kohlberg, 1981).

- **Estágio 4:** Manutenção da Ordem Social (a partir dos 15 anos e na idade adulta): a moralidade está vinculada à manutenção da ordem social e ao respeito às leis e regras. O indivíduo começa a considerar a sociedade em um contexto mais amplo, e a moralidade envolve a responsabilidade de cumprir as leis para evitar o caos social (Kohlberg, 1981).

Nível Pós-convencional: este nível é alcançado por poucos indivíduos e está centrado em princípios éticos universais que transcendem leis e normas sociais.

- **Estágio 5:** Contrato Social e Direitos Individuais (normalmente a partir dos 20 anos):

as leis são vistas como contratos sociais mutáveis que podem ser alterados para beneficiar a sociedade. A moralidade envolve a consideração dos direitos e valores de todas as pessoas, e o indivíduo reconhece que algumas leis podem ser injustas e devem ser desafiadas (Kohlberg, 1981).

- **Estágio 6:** Princípios Éticos Universais (raramente alcançado): a moralidade é governada por princípios éticos universais e abstratos, como justiça, igualdade e respeito pela dignidade humana. O indivíduo age de acordo com esses princípios, mesmo que isso vá contra leis e normas sociais. Este estágio envolve a internalização completa de princípios morais que são aplicados independentemente das expectativas da sociedade (Kohlberg, 1981).

As idades fornecidas são aproximadas, pois o desenvolvimento moral pode variar de pessoa para pessoa. Além disso, nem todos os indivíduos passam por todos os estágios. Muitos adultos permanecem nos estágios convencionais, e alcançar os estágios pós-convencionais é menos comum. Kohlberg conceitua a autonomia como a capacidade dos indivíduos de agir de acordo com princípios morais internalizados, especialmente evidente nos estágios pós convencionais. Aqui, a autonomia significa, além de seguir regras, entender e aplicar princípios éticos universais, mesmo quando isso exige desafiar as normas estabelecidas (Kohlberg, 1981).

2.2.3 Yves de La Taille

Yves de La Taille (2006) é um renomado psicólogo e pesquisador francês, cujas contribuições para a psicologia do desenvolvimento e a educação moral são amplamente reconhecidas no campo acadêmico. Sua obra apresenta uma compreensão aprofundada e crítica sobre a formação da autonomia moral e social em crianças, dialogando diretamente com as teorias estabelecidas por Jean Piaget (1971), complementando e expandindo os conceitos deste, especialmente no que diz respeito à construção da autonomia em crianças. Ele foca principalmente na formação ética e no desenvolvimento moral, possibilitando uma perspectiva rica e detalhada sobre como as crianças desenvolvem a capacidade de se autogovernar e tomar decisões baseadas em princípios internos. La Taille (ibidem) argumenta que a autonomia moral é, além da capacidade de seguir regras, a internalização de valores e princípios que guiam o comportamento da criança de maneira independente.

Para crianças de 8 e 9 anos, esse processo é particularmente crucial. Durante essa fase, elas começam a questionar normas e regras estabelecidas, desenvolvendo um senso de justiça baseado em princípios de igualdade e reciprocidade. Nesta idade, as crianças começam a perceber que as regras não são absolutas e podem ser discutidas e modificadas com base em princípios mais amplos de justiça e equidade. Elas entendem que as regras devem servir ao bem-estar coletivo e não à obediência cega.

La Taille (ibidem) enfatiza que a construção da autonomia moral envolve três componentes principais: a capacidade de reflexão, a capacidade de julgamento e a capacidade de ação.

1. Capacidade de Reflexão: Permite que a criança pense criticamente sobre as normas e valores que lhe são apresentados. Essa habilidade é fundamental para que a criança possa questionar e compreender o contexto e a finalidade das regras.

2. Capacidade de julgamento: Envolve a habilidade de avaliar situações e tomar decisões com base em princípios éticos. Isso significa que a criança compreende as regras e pode decidir quando e como aplicá-las de maneira justa.

3. Capacidade de Ação: Refere-se à habilidade de agir de acordo com esses julgamentos, mesmo diante de pressões externas. A criança compreende, julga e coloca em prática suas decisões de maneira ética.

Além disso, o autor destaca a importância do ambiente social e das interações com os pares e adultos no desenvolvimento da autonomia moral. Ele argumenta que as crianças aprendem a internalizar valores e princípios por meio de experiências de cooperação, negociação e resolução de conflitos. Essas interações proporcionam oportunidades para que as crianças pratiquem a tomada de decisões éticas e desenvolvam um senso de responsabilidade moral.

La Taille (2006) também aborda a importância da educação moral na escola, sugerindo que o currículo deve incluir atividades que possibilitem a reflexão ética e o desenvolvimento de habilidades de julgamento moral. Ele defende que a educação moral deve ir além da simples transmissão de regras e normas, incentivando as crianças a questionarem, discutir e internalizar princípios éticos de maneira crítica e autônoma.

2.2.4 Aspectos Relevantes a serem considerados:

Cooperação e respeito

A importância da cooperação e do respeito mútuo no desenvolvimento da autonomia é amplamente reconhecida, sendo destacada por teóricos como Jean Piaget (1971) e Yves de La Taille (2006). Este, em particular, ressalta que a interação social desempenha um papel crucial no processo de desenvolvimento moral das crianças. Ele argumenta que, por meio da cooperação, as crianças aprendem a negociar, resolver conflitos e considerar diferentes pontos de vista, habilidades essenciais para a construção da autonomia moral.

A cooperação possibilita às crianças oportunidades para se envolverem em situações que exigem colaboração e compreensão mútua. Nessas interações, as crianças precisam ouvir, compreender e respeitar as perspectivas dos outros, o que as ajuda a desenvolver empatia e um senso de justiça. Elas começam a perceber que suas ações têm consequências tanto para si mesmas, quanto para os outros ao seu redor. Esse entendimento é fundamental para o desenvolvimento de um comportamento ético e autônomo.

Além disso, La Taille (ibidem) destaca que o respeito mútuo é fundamental para que as crianças possam internalizar normas e valores de forma autônoma. O respeito mútuo permite que as crianças vejam os outros como iguais, dignos de consideração e respeito, o que facilita a criação de um ambiente em que as decisões são tomadas de maneira justa e equitativa. Quando as crianças sentem que suas opiniões são valorizadas e respeitadas, elas são mais propensas a se engajar ativamente em processos de tomada de decisão e a desenvolver um senso de responsabilidade social. Essas experiências de cooperação e respeito mútuo são vitais para que as crianças aprendam a tomar decisões informadas e justas. Ao considerar as necessidades e os direitos dos outros, elas desenvolvem um senso de moralidade que vai além da simples obediência às regras impostas. Elas começam a entender a importância de princípios éticos e a aplicar esses princípios em suas ações diárias, construindo assim uma autonomia moral sólida.

Descentralização do Pensamento

La Taille (2006), ao complementar as ideias de Piaget (1976), aprofunda a discussão sobre a descentralização do pensamento e sua importância para o desenvolvimento da autonomia nas crianças. Piaget já havia introduzido a noção de que, conforme as crianças crescem, elas passam de um pensamento egocêntrico para um mais descentralizado. La

Taille expande essa ideia, argumentando que a habilidade de descentralizar o pensamento é fundamental para a construção da autonomia.

Descentralizar o pensamento significa que as crianças se tornam menos focadas apenas em suas próprias perspectivas e mais capazes de considerar os pontos de vista dos outros. Inicialmente, as crianças tendem a ver o mundo de maneira egocêntrica, onde suas próprias necessidades e desejos são o centro de suas preocupações. No entanto, à medida que amadurecem, elas começam a reconhecer que outras pessoas têm pensamentos, sentimentos e necessidades diferentes dos seus.

La Taille (ibidem) destaca que essa capacidade de considerar múltiplas perspectivas é crucial para o desenvolvimento da autonomia. Quando as crianças aprendem a ver as coisas sob diferentes ângulos, elas desenvolvem uma compreensão mais profunda e equilibrada das situações. Essa habilidade de descentralização é essencial para a tomada de decisões justas e equilibradas, pois permite que as crianças considerem o impacto de suas ações sobre si mesmas e sobre os outros.

Além disso, a descentralização do pensamento ajuda as crianças a resolverem conflitos de maneira mais eficaz. Elas aprendem a negociar, a comprometer-se e a encontrar soluções que sejam benéficas para todos os envolvidos. Esse processo de negociação e resolução de conflitos é uma parte fundamental do autogoverno, possibilitando que as crianças possam gerir suas próprias vidas de maneira mais autônoma e responsável.

O autor também observa que a descentralização do pensamento contribui para o desenvolvimento da empatia. Quando as crianças são capazes de se colocar no lugar dos outros e entender suas perspectivas, elas desenvolvem um senso mais profundo de empatia e compaixão. Isso melhora suas habilidades sociais e fortalece sua capacidade de tomar decisões que respeitem os direitos e necessidades dos outros.

Portanto, fomentar a descentralização do pensamento nas crianças envolve criar ambientes de aprendizagem que incentivem a reflexão, o diálogo e a consideração de múltiplas perspectivas. Os educadores podem estimular essa habilidade por meio de atividades que envolvam trabalho em grupo, discussões e resolução de problemas em contextos sociais diversos. Ao fazer isso, ajudam as crianças a desenvolverem um pensamento mais equilibrado e justo, essencial para sua autonomia e desenvolvimento moral.

2.2.5 Aspectos Pedagógicos

Piaget (1971) enfatizou que as crianças aprendem de maneira mais eficaz quando estão ativamente envolvidas em experiências práticas. Ele acreditava que o papel dos educadores deveria ser o de facilitadores, criando ambientes que permitam às crianças investigarem e explorarem conceitos de forma independente. Para ele, as atividades práticas e a interação com o ambiente são essenciais para que as crianças construam seu próprio entendimento do mundo e desenvolvam habilidades de pensamento crítico.

De forma semelhante, La Taille (2006) argumenta que os educadores devem proporcionar oportunidades para que as crianças participem de atividades que envolvam negociação, resolução de conflitos e cooperação. Essas atividades são cruciais para que as crianças aprendam a considerar diferentes pontos de vista e a tomar decisões informadas. Para o autor, o papel do educador é criar condições que incentivem a reflexão e o desenvolvimento do julgamento moral das crianças, permitindo-lhes aprender a agir de acordo com princípios éticos internalizados.

Tanto Piaget quanto La Taille concordam que a autonomia diz respeito à capacidade de tomar decisões baseadas em um entendimento profundo e pessoal das normas e valores. Eles defendem que os educadores devem ir além do ensino de regras e conceitos, e, em vez disso, devem criar condições que encorajem as crianças a pensarem por si mesmas e a aplicar suas próprias capacidades de julgamento em situações práticas.

Portanto, para permitir um desenvolvimento efetivo da autonomia, os educadores devem focar em criar ambientes de aprendizagem que possibilitem desafios significativos, oportunidades para a interação social e espaço para a experimentação. Isso permitirá que as crianças desenvolvam, além de habilidades cognitivas, uma sólida base de princípios morais e éticos, conforme sugerido pelas teorias de Piaget (1971) e La Taille (2006).

As contribuições teóricas de Jean Piaget e Yves de La Taille possibilitam uma compreensão abrangente e multifacetada sobre o desenvolvimento da autonomia infantil. Piaget (1971) nos fornece uma estrutura detalhada dos estágios de desenvolvimento cognitivo, destacando como as capacidades de raciocínio lógico e moral evoluem ao longo do tempo. Sua ênfase na importância das experiências práticas e da interação com o ambiente sublinha a necessidade de um aprendizado ativo e exploratório para o desenvolvimento da autonomia.

Por outro lado, Yves de La Taille (2006) complementa e expande essas ideias ao focar na formação ética e no desenvolvimento moral. Ele argumenta que a verdadeira autonomia envolve a internalização de valores e princípios que guiam o comportamento de maneira independente e consciente. La Taille destaca a importância das interações sociais, da cooperação e do respeito mútuo como elementos cruciais para a construção da autonomia moral.

Ambos os teóricos concordam que a descentralização do pensamento é fundamental para o desenvolvimento da autonomia. À medida que as crianças aprendem a considerar múltiplas perspectivas, elas desenvolvem uma compreensão mais profunda e equilibrada das situações, o que é essencial para a tomada de decisões justas e informadas. Essa habilidade de descentralização também estimula a empatia e a capacidade de resolver conflitos de maneira eficaz.

As implicações dessas teorias para a prática educacional são significativas. Educadores devem criar ambientes de aprendizagem que possibilitam a exploração, a experimentação e a cooperação. Atividades práticas, interações sociais e oportunidades para a reflexão crítica são essenciais para que as crianças desenvolvam suas habilidades cognitivas e uma sólida base de princípios morais e éticos.

Em suma, a integração das perspectivas de Piaget e La Taille possibilita uma base teórica robusta para práticas educativas que garantam o desenvolvimento integral das crianças. Ao valorizar a autonomia, a reflexão crítica e a responsabilidade social, formamos indivíduos independentes, éticos, responsáveis e preparados para enfrentar os desafios da vida adulta de maneira consciente e reflexiva.

A abordagem de Piaget (1971) nos lembra da importância de respeitar os estágios de desenvolvimento cognitivo das crianças, proporcionando-lhes experiências práticas e interações que estimulem seu raciocínio lógico e moral. Por meio da exploração e da experimentação, as crianças constroem seu próprio entendimento do mundo, desenvolvendo habilidades essenciais para a autonomia.

Por outro lado, La Taille (2006) enfatiza a necessidade de uma formação ética que vá além da simples obediência a regras. Ele argumenta que a verdadeira autonomia moral envolve a internalização de valores e princípios que guiam o comportamento de maneira independente e consciente. A interação social, a cooperação e o respeito mútuo são

elementos cruciais nesse processo, permitindo que as crianças desenvolvam empatia, capacidade de julgamento e habilidades de resolução de conflitos.

Ao criar ambientes de aprendizagem que incentivem a reflexão crítica, a discussão e a consideração de múltiplas perspectivas, os educadores podem permitir a descentralização do pensamento, essencial para a construção de uma autonomia sólida. Atividades que envolvem trabalho em grupo, debates e resolução de problemas em contextos sociais diversos são particularmente eficazes para ajudar as crianças a desenvolverem um pensamento mais equilibrado e justo.

Portanto, as teorias de Piaget (1971) e La Taille (2006) nos fornecem diretrizes para a prática educacional, destacando a importância de um aprendizado ativo, exploratório e ético. Ao integrar essas perspectivas, podemos criar um ambiente educativo que estimule o desenvolvimento cognitivo e a formação moral e social das crianças, preparando-as para serem cidadãos responsáveis e conscientes.

Em conclusão, a autonomia infantil é um processo complexo e multifacetado que envolve tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o moral. As contribuições de Jean Piaget (1971) e Yves de La Taille (2006) nos possibilitam uma compreensão profunda e detalhada desse processo, fornecendo uma base teórica sólida para práticas educativas que busquem a autonomia, a reflexão crítica e a responsabilidade social. Ao valorizar esses aspectos, formamos indivíduos capazes de pensar, agir e sentir de maneira autônoma e ética, capazes de enfrentar os desafios da vida adulta de maneira consciente e reflexiva.

2.2.6 Atividades Práticas

Práticas pedagógicas que possibilitam a autonomia

A interconexão entre as metodologias ativas de aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia infantil é um tema crucial nas discussões pedagógicas atuais, pois reflete uma mudança paradigmática na forma como entendemos o processo educacional. Tradicionalmente, a educação era vista como um processo linear, no qual o conhecimento era transmitido do professor para o aluno de maneira direta e passiva. Nesse modelo, o aluno era frequentemente relegado a um papel receptivo, limitando sua capacidade de engajar-se ativamente no próprio processo de aprendizagem. No entanto, as metodologias ativas rompem com essa tradição, colocando o aluno no centro do processo educacional e

garantindo uma aprendizagem que é, ao mesmo tempo, mais participativa e reflexiva.

Entre as metodologias ativas, destacam-se práticas como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), a Aprendizagem por Projetos, a Sala de Aula Invertida e o Ensino Híbrido. A Aprendizagem Baseada em Problemas, por exemplo, incentiva os alunos a trabalhar em torno de problemas reais e complexos, exigindo que eles busquem soluções de forma colaborativa e criativa. Nesse processo, os alunos desenvolvem o conhecimento técnico necessário para resolver o problema e habilidades de pesquisa, comunicação e, crucialmente, a capacidade de pensar criticamente e tomar decisões informadas.

A Aprendizagem por Projetos, por outro lado, permite que os alunos explorem temas de interesse pessoal ou coletivo de maneira profunda e integrada. Ao trabalhar em projetos que muitas vezes envolvem várias disciplinas, os alunos aprendem a conectar diferentes áreas do conhecimento e a aplicar o que aprenderam de forma prática. Esse processo não só fortalece a compreensão conceitual, mas também estimula a responsabilidade e a autonomia, à medida que os alunos são encorajados a gerir seu tempo, definir metas e avaliar seu progresso.

A Sala de Aula Invertida é outra abordagem que desafia as convenções tradicionais. Nessa metodologia, os alunos são introduzidos ao conteúdo teórico fora da sala de aula, geralmente por meio de vídeos, leituras e outras ferramentas digitais. O tempo de aula é então dedicado a atividades práticas, discussões e resolução de problemas, permitindo que os alunos apliquem o que aprenderam de maneira ativa e colaborativa. Esse formato maximiza o tempo de interação entre alunos e professor e incentiva a autonomia, já que os alunos são responsáveis por absorver o conteúdo teórico de forma independente.

O Ensino Híbrido combina elementos do ensino presencial e do ensino a distância, permitindo uma flexibilidade que é essencial para atender às necessidades individuais dos alunos. Ao ter a possibilidade de escolher como e quando acessar os materiais de estudo, os alunos desenvolvem a habilidade de gerir seu próprio aprendizado, uma competência fundamental em um mundo onde a educação ao longo da vida se tornou uma necessidade.

Essas metodologias ativas são sustentadas por teorias educacionais que enfatizam a importância da aprendizagem ativa e contextualizada. Piaget (1976) é uma das figuras centrais nesse debate, com sua teoria construtivista que defende que o conhecimento é construído ativamente pelo aluno por meio de interações constantes com o ambiente.

Segundo Piaget, o aprendizado ocorre quando o aluno é desafiado a equilibrar novas informações com seus conhecimentos pré-existentes, processo que estimula a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades críticas e resolução de problemas.

A valorização da autonomia, dentro desse quadro teórico, é vista como um objetivo central da educação, especialmente em um mundo que exige cada vez mais flexibilidade e adaptabilidade. Yves de La Taille (2006) acrescenta que o desenvolvimento cognitivo e social é maximizado em ambientes que incentivam a exploração, a experimentação e a interação social. Em outras palavras, os ambientes de aprendizagem que mais incentivam a autonomia são aqueles que encorajam os alunos a explorar suas próprias ideias, experimentar soluções diferentes e interagir com seus pares de maneira significativa.

Na prática, implementar essas metodologias ativas implica uma transformação significativa no papel do educador. O professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e assume o papel de facilitador do aprendizado, criando ambientes ricos em recursos e experiências que estimulam a autonomia dos alunos. Isso inclui desde a disponibilização de materiais diversos que atendam a diferentes estilos de aprendizagem até a organização do espaço físico de modo que os alunos possam se mover livremente, colaborar com os colegas e ter acesso às ferramentas necessárias para realizar seus projetos.

A configuração do espaço educacional é fundamental nesse processo. Ambientes flexíveis e adaptáveis, onde os alunos têm a liberdade de escolher onde e como trabalhar, incitam a independência e a autogestão. Além disso, a integração de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem possibilita aos alunos acesso a uma vasta gama de informações e ferramentas que podem ser utilizadas para aprofundar seus estudos, realizar pesquisas e colaborar com colegas, tanto localmente quanto à distância.

A relação entre as metodologias ativas e o desenvolvimento da autonomia infantil é, portanto, fundamental para a formação de indivíduos capazes de navegar com sucesso pelos desafios do mundo moderno. Ao incentivar os alunos a tomar a iniciativa de seu próprio aprendizado, essas metodologias os preparam para enfrentar os desafios acadêmicos e lhes fornecem as habilidades e a confiança necessárias para lidar com os desafios da vida cotidiana e da sociedade em constante mudança. O resultado é a formação de indivíduos mais críticos, reflexivos e autônomos, capazes de contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento social e econômico de suas comunidades.

Atividades práticas que possibilitam o desenvolvimento da autonomia infantil

Para permitir efetivamente a autonomia infantil dentro do contexto das metodologias ativas, é fundamental implementar atividades práticas que envolvam os alunos de maneira ativa e reflexiva. Essas atividades facilitam a aquisição de conhecimento e desenvolvem habilidades essenciais para a autonomia e o pensamento crítico. A seguir, detalho algumas dessas práticas:

Projetos Interdisciplinares: envolver os alunos em projetos que integrem diversas disciplinas possibilita uma oportunidade para explorar temas de interesse comum. Esses projetos permitem que os alunos desenvolvam habilidades de pesquisa, planejamento e execução, enquanto aplicam o conhecimento de diferentes áreas de forma colaborativa. Ao trabalhar em projetos interdisciplinares, os alunos têm a chance de ver a relevância do que estão aprendendo e como diferentes campos do saber se interconectam.

Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL): propor problemas reais ou simulados que os alunos devem resolver estimula a investigação, a colaboração e a aplicação prática do conhecimento. A abordagem PBL incentiva os alunos a analisar e resolver problemas complexos, estimulando a autonomia ao exigir que eles formulem hipóteses, conduzam pesquisas e apresentem soluções criativas.

Estudos de Caso: utilizar estudos de caso permite que os alunos examinem situações complexas e reais, tomem decisões e proponham soluções. Esta metodologia desenvolve habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas, pois os alunos precisam analisar contextos diversos, pensar alternativas e justificar suas decisões com base em evidências.

Laboratórios de Inovação: criar espaços dedicados à experimentação, prototipagem e teste de ideias incita a criatividade e a autonomia. Nos laboratórios de inovação, os alunos têm a liberdade de explorar conceitos, construir protótipos e realizar experimentos, o que estimula o pensamento criativo e a capacidade de aplicar conhecimentos de maneira prática.

Portfólios Reflexivos: incentivar os alunos a manterem portfólios reflexivos ajuda-os a monitorar seu próprio progresso. Esses portfólios são ferramentas valiosas para a autoavaliação, permitindo que os alunos identifiquem suas conquistas e áreas de melhoria. A reflexão constante sobre suas experiências de aprendizagem é crucial para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de autoavaliação.

Rodas de Conversa e Debates: propor discussões em grupo sobre temas relevantes estimula a argumentação e o respeito pelas opiniões alheias. As rodas de conversa e os debates são oportunidades para os alunos desenvolverem habilidades de comunicação, aprenderem a articular suas ideias e considerarem diferentes perspectivas, o que é fundamental para a autonomia intelectual e social.

Autogestão de Projetos: permitir que os alunos escolham e gerenciem seus próprios projetos desde a concepção até a apresentação final desenvolve habilidades de planejamento, organização e autogestão. Ao assumir a responsabilidade por seus próprios projetos, os alunos aprendem a tomar decisões, resolver problemas e lidar com desafios de forma independente.

Feedback Contínuo: apresentar um feedback constante e construtivo é essencial para o desenvolvimento da autonomia. O feedback ajuda os alunos a refletirem sobre seu progresso, ajustarem suas estratégias de aprendizado e identificarem áreas para melhoria. Um feedback bem estruturado e regular proporciona um guia para o crescimento contínuo e o autoaperfeiçoamento.

Integrar essas práticas no ambiente educacional cria um espaço de aprendizado dinâmico e significativo. Ao adotar metodologias ativas que estimulam a autonomia, os educadores possibilitam que os alunos possam enfrentar, com confiança e competência, os desafios da vida cotidiana e da sociedade em constante mudança. Essas atividades facilitam a aquisição de conhecimento e cultivam a responsabilidade, a capacidade de tomar decisões informadas e a habilidade de autoavaliação, que são essenciais para um desenvolvimento integral da criança.

3 - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Figura 3 - O que é autonomia na escola?



3.1 Pesquisa qualitativa

Minha pesquisa teve como objetivo compreender como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia. Para isso, identifiquei os desafios enfrentados por elas e propus estratégias para seu desenvolvimento integral, abrangendo aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais. Optei por uma abordagem qualitativa, que se caracteriza por cinco aspectos principais: a imersão no contexto natural em que a pesquisa ocorre e no objeto de estudo; a natureza descritiva dos dados coletados; o foco no processo investigativo, que inclui as manifestações do problema nas atividades, procedimentos e interações; a valorização das percepções dos participantes sobre o tema e a abertura para discussão dessas visões; e a análise dos dados de forma indutiva, sem a necessidade prévia de validar hipóteses, conforme afirmam Lüdke e André (1986).

Nesse tipo de pesquisa, o conhecimento é validado por meio da relação dinâmica entre a objetividade do mundo real e a subjetividade do pesquisador, que participa ativamente do processo de construção do conhecimento e interpreta os fenômenos a partir de uma perspectiva significativa. Essa interação dialética enfatiza a importância da contradição inerente ao fenômeno observado e à capacidade criativa do observador (Chizzotti, 2000, p. 80). Em Educação, por se tratar prioritariamente de fenômenos humanos e sociais, a pesquisa qualitativa ganha destaque por investigar um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ela trabalha no campo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002, p. 21-22).

Contudo, isso não implica que as informações geradas por métodos quantitativos e qualitativos sejam antagônicas; na verdade, elas se complementam e interagem de maneira dinâmica. Conforme aponta Minayo (2002), o que distingue a pesquisa quantitativa da qualitativa é fundamentalmente a sua essência:

“A abordagem qualitativa mergulha no universo dos significados intrínsecos às ações e interações humanas, explorando aspectos que não são imediatamente visíveis ou quantificáveis por meio de fórmulas, médias ou estatísticas.” (Minayo, 2002, p. 22).

Flick (2009) argumenta que a pesquisa qualitativa possui características fundamentais, incluindo a flexibilidade na escolha de métodos e teorias que melhor se ajustem a cada estudo específico; a incorporação da visão dos participantes na análise; a valorização da atuação, reflexão e subjetividade do pesquisador como elementos essenciais na produção do conhecimento; além da vasta gama de abordagens e técnicas disponíveis para sua realização. O autor enfatiza que o aprendizado prático, adquirido *in loco*, é particularmente eficaz, representando a forma mais eficiente de ensinar e aprender a conduzir pesquisa qualitativa.

Um ponto importante ressaltado pelo autor na postura do investigador durante a observação é evitar atribuir aos gestos da criança significados impostos pelo adulto que não correspondam à perspectiva da criança. Esse distanciamento do investigador é um dos principais desafios para garantir uma observação científica adequada. A esse respeito, Chizzotti (2000) afirma que:

“O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos. Essa compreensão será alcançada com uma conduta participante que partilhe da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, procurando compreender a significação social por eles atribuída ao mundo que circunda e aos atos que se realizam.” (Chizzotti, 2000, p. 82).

Lüdke e André (1986) discutem a necessidade de estabelecer o confronto entre dados, evidências e informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele para realizar uma pesquisa eficaz: “É preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.” (Lüdke & André, *ibidem*, p. 1).

As autoras relatam que uma pesquisa se desenha a partir de um problema de interesse do pesquisador, que define sua atividade de busca em uma determinada área do conhecimento para solucionar sua questão. Esse conhecimento decorre de seu interesse, de sua busca pelo saber e das sistematizações de pesquisas prévias tomadas como referência. O pesquisador serve, então, como um propagador do conhecimento acumulado e do conhecimento adquirido a partir de suas descobertas.

3.2 Trajetória da Pesquisa

A trajetória da pesquisa foi cuidadosamente planejada para garantir que as vozes das crianças fossem ouvidas e compreendidas de maneira autêntica e significativa. A decisão de utilizar rodas de conversa como metodologia central foi motivada pela crença de que este formato estimule um ambiente colaborativo e de confiança, onde as crianças podem expressar suas ideias e sentimentos sem medo de julgamento.

Desde o início, a preparação do ambiente foi crucial. Organizar as crianças em círculo, um formato que simboliza igualdade e inclusão, foi uma estratégia para garantir que cada criança pudesse ver e ouvir claramente as outras, sentindo-se valorizada e segura para compartilhar suas histórias e pensamentos. Esse arranjo físico, combinado com a criação de um clima emocionalmente seguro e acolhedor, foi fundamental para o sucesso das rodas de conversa.

Optar por uma abordagem narrativa para a produção de dados significou reconhecer a importância do sujeito – neste caso, as crianças – como o centro da pesquisa. As narrativas infantis, apesar de muitas vezes curtas e pontuais, revelam camadas profundas de significados e percepções. Trabalhar com essas narrativas exigiu um olhar atento e sensível, capaz de captar as nuances das falas infantis e de compreender que as experiências relatadas estão sempre imersas em um contexto histórico e cultural mais amplo.

O uso das narrativas trabalhou a coleta de dados e a construção de uma memória coletiva entre pesquisadora e participantes. Como mediadora das rodas de conversa, minhas funções foram coletar informações e facilitar um processo em que as crianças pudessem refletir sobre suas próprias vivências e construir um entendimento mais elaborado sobre o que significa ser autônomo. Dessa forma, a pesquisa se tornou uma via de mão dupla, em que tanto o pesquisador quanto as crianças contribuíram para a construção do conhecimento.

3.3 Narrativa da Criança

Figura 4 – Narrativas



Meu nome é [redacted] e tenho 9 anos, hoje vou falar sobre autonomia.

Eu comecei a construir autonomia no 3º ano e a autonomia não é só para o 3º ano, é para a vida toda.

Descobri que a autonomia que eu tenho na escola me ajuda em várias coisas, como por exemplo:

quando eu tinha 7 ou 8 anos eu tinha medo de andar na minha escola sozinho. Mas que daí eu comecei a andar pela escola sozinho, e meu medo acabou.

Também na lição de casa que eu sempre tenho que fazer, e minha mãe sempre pede para eu fazer a mala para ir viajar, mesmo quando eu tenho preguiça de fazer e não quero. Mas agora eu arrumo minhas roupas e minha mãe não coloca na mala.

A autonomia é importante em tudo. Temos que saber fazer as coisas sozinho.

Imagina se não sabemos fazer um trabalho que o chefe pediu, agente começa a chorar e ligamos para a mamãe. Não né?

Então ter autonomia é sempre importante.



Meu nome é [redacted] e tenho 8 anos. No 3º ano aprendi autonomia e autonomia me fez fazer minhas lições sozinho. Agora na minha escola ando sozinho sem minha mãe e não tenho medo de fazer. Minha mãe me pediu que eu fizesse.

Eu agora arrumo minha roupa e minha mochila e escolho minha roupa para sair. É quando volto na escola arrumo minha mochila e meu estojo.

Eu sinto que minhas coisas melhoraram e quando tem prova estudo sem ajuda e vou bem na prova.

Quando é sexta-feira geralmente vou comprar lanche e me delícia escolher o que vou lancher.

Quando tenho pausa na escola vou porque sei que eu tenho autonomia para ir sem fazer bagunça.

Tenho autonomia para deixar as escolas para ir pro recreio.

Ter autonomia é muito bom porque quando for adulta já vou saber fazer as coisas sozinho sem ajuda.

As narrativas das crianças desempenham um papel essencial na pesquisa, funcionando como uma janela para suas percepções e experiências relacionadas à autonomia. O conceito de autonomia foi introduzido de forma acessível e vinculado ao cotidiano das crianças. Em vez de definições abstratas, o tema foi explorado por meio de perguntas simples e diretas, como “O que você gosta de fazer sozinho na escola?” ou “Como você se sente ao fazer algo sem ajuda?”. Estas questões facilitaram a reflexão das crianças sobre suas experiências e permitiram que articulassem seus sentimentos de maneira concreta e relacionada à sua realidade.

Durante as rodas de conversa, o meu papel como mediadora foi fundamental para assegurar que todas as crianças tivessem a oportunidade de se expressar. Cada criança é única, com diferentes níveis de confiança e estilos de comunicação. Assim, foi crucial criar um ambiente que favorecesse a expressão de todos, especialmente das crianças mais tímidas ou reservadas. A mediação incluiu a formulação de perguntas que explorassem a capacidade das crianças de tomar decisões e agir de forma independente e os desafios e inseguranças associados ao processo de construção da autonomia. Esse enfoque ajudou a captar uma gama completa de experiências e sentimentos relacionados à autonomia.

Passegi (2011) destaca a importância de considerar a criança como protagonista de sua própria história, uma perspectiva que fundamenta a abordagem adotada nesta pesquisa. Segundo a autora, “a criança é capaz de narrar e de ser protagonista de sua própria história” (Passegi, *ibidem*, p. 12). Reconhecer as crianças como sujeitos ativos, capazes de refletir sobre suas experiências e comunicar suas percepções é essencial para validar as narrativas coletadas. Para Passegi, as narrativas das crianças devem ser vistas como expressões genuínas das experiências infantis, proporcionando insights valiosos sobre como elas percebem e vivenciam a autonomia em diferentes contextos.

A autora argumenta ainda que “as narrativas infantis, embora muitas vezes curtas e pontuais, revelam aspectos profundos da experiência infantil” (Passegi, *ibidem*, p. 14). As narrativas das crianças, portanto, são mais do que simples relatos; são formas ricas de expressão que possibilitam uma visão detalhada do mundo da criança, refletindo suas emoções, desafios e compreensões pessoais.

A abordagem narrativa, segundo Passegi (*ibidem*), permite que o pesquisador compreenda as crianças como sujeitos sociais com capacidade para articular e refletir sobre

suas próprias histórias. Passegi (2014) afirma que “a reflexividade narrativa nos permite retomar as nossas próprias vivências para nós e para os outros, por meio do ato de narrar” (Passegi, *ibidem*, p. 20). A pesquisa deve valorizar e interpretar essas narrativas como relatos de eventos e expressões da forma como as crianças processam e compreendem suas experiências de autonomia. O papel do pesquisador é ouvir atentamente, respeitando a forma como as crianças constroem e comunicam suas histórias, e contextualizar essas narrativas dentro de uma estrutura mais ampla de desenvolvimento infantil e social.

Passegi (2014) amplia essa visão ao discutir a reflexividade narrativa, um conceito que enfatiza a capacidade da criança de refletir sobre suas próprias experiências e de expressá-las por meio da narrativa.

“não só permite que as crianças articulem suas vivências, mas também possibilita ao pesquisador um entendimento mais profundo das formas como essas experiências moldam a identidade e a compreensão das crianças sobre sua autonomia” (Passegi, 2014, p. 25).

Assim, a pesquisa coleta dados sobre o que as crianças fazem ou sentem e busca compreender o significado dessas experiências para elas, dentro de um contexto mais amplo. As narrativas das crianças são, portanto, um meio de explorar como elas vivenciam e interpretam a autonomia, possibilitando uma visão valiosa sobre suas necessidades, desafios e progressos no processo de se tornarem mais independentes.

3.4 Produção da Informação

A produção de informação a partir das narrativas das crianças foi um processo complexo e multifacetado, que exigiu uma abordagem cuidadosa na coleta e na análise e interpretação dos dados obtidos. Durante as rodas de conversa, cada narrativa foi ouvida com atenção e consideração. Além das palavras expressas pelas crianças, as observações das expressões faciais, tons de voz e linguagem corporal foram cruciais para uma compreensão mais profunda dos sentimentos e percepções das crianças. Essas dimensões não-verbais enriqueceram a interpretação das narrativas, revelando aspectos que muitas vezes não são explicitamente verbalizados, mas que são essenciais para uma análise completa.

Após a coleta das narrativas, o trabalho de análise envolveu uma identificação sistemática de padrões e temas recorrentes nas falas das crianças. A análise qualitativa das narrativas permitiu a compreensão de como as crianças percebem e vivenciam a autonomia,

bem como os fatores que influenciam essas percepções. Fatores como o apoio de adultos, a confiança nas próprias habilidades e o medo de falhar foram identificados como elementos significativos que moldam a experiência de autonomia das crianças. Este processo analítico foi um momento de reflexão profunda. Cada *insight* extraído das narrativas orientou a continuidade do trabalho e ajudou a formular novas perguntas e abordagens.

A análise dos desenhos das crianças, que complementam as narrativas orais, foi uma ferramenta valiosa para obter uma visão mais completa das percepções infantis. Os desenhos proporcionaram uma forma adicional de expressão, permitindo que as crianças transmitissem suas ideias e sentimentos de maneiras visuais. A interpretação dos desenhos foi realizada com o mesmo cuidado e atenção dedicados às narrativas verbais. Reconheceu-se que cada traço e escolha de cor poderia conter significados importantes e possibilitar *insights* adicionais sobre as experiências e percepções das crianças.

A produção da informação, portanto, envolveu mais do que a coleta de dados; foi um processo ativo de construção de conhecimento. A reflexividade, tanto das crianças quanto minha, como pesquisadora, desempenhou um papel central neste processo. Como discutido por Passegi (2014), a reflexividade narrativa é fundamental para a construção de um conhecimento profundo e autêntico. A autora afirma que a reflexividade permite que tanto os participantes quanto os pesquisadores voltem às suas próprias experiências e as examinem sob uma nova luz, buscando um processo contínuo de autoexame e construção de significado (Passegi, *ibidem*, p. 153). Este processo é essencial para compreender de maneira mais completa o desenvolvimento da autonomia infantil.

A produção de conhecimento sobre as crianças na pesquisa envolve o reconhecimento das crianças como sujeitos completos e pensantes. A abordagem metodológica adotada valoriza as percepções das crianças e as reconhece como contribuições fundamentais para a compreensão de seu desenvolvimento e de sua inserção no mundo. Conforme Cerisara destaca, “esse outro olhar que estamos nos propondo a construir exige a compreensão de que as crianças, à sua maneira, compreendem o mundo que as cerca” (2004, p. 37). A pesquisa com crianças demanda uma abordagem que valorize suas vozes e percepções como elementos centrais na construção do conhecimento sobre a infância e seu desenvolvimento.

3.4.1 Roda de Conversa

A escolha de rodas de conversa para a realização desta pesquisa é conveniente, pois proporciona um momento em que a criança pode expressar seus pensamentos de maneira informal. Assim, ela foi usada como estratégia para obter as narrativas dos alunos. Durante as rodas, as crianças têm a oportunidade de construir um momento de fala e de escuta, interagindo com seus pares. A roda é um ambiente rico e estimulador de conhecimento, onde as crianças praticam sua oralidade e apresentam seus desejos e questionamentos. Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental afirma que “durante a roda de conversa existe uma constante troca de ideias que resultará no aumento da capacidade comunicativa como a fala, a exposição de ideias, dúvidas e descobertas” (Brasil, 1998, p. 127).

Foram feitas várias rodas de conversa com as crianças no coletivo. Cada roda foi realizada em um espaço diferente, com o objetivo de entender o que as crianças traziam em suas falas e perceber a relação delas com cada espaço. A duração de cada roda de conversa variou de acordo com as reações e a disponibilidade de cada criança. As rodas foram divididas por temas: os espaços e as brincadeiras e a visão da escola. Foram momentos descontraídos, realizados na brinquedoteca, na sala de aula e no pátio, para que as crianças se sentissem à vontade.

Durante as rodas de conversa, discutimos e relembramos os acordos da nossa classe. Nossa sala de aula é climatizada, de tamanho adequado, com mesas e cadeiras apropriadas para a idade dos alunos, além de prateleiras acessíveis que guardam os materiais coletivos. Essa organização estimula a autonomia das crianças, permitindo que elas peguem os materiais e objetos sem a ajuda de um adulto, fazendo suas próprias escolhas (Horn, 2004).

3.4.2 Desenho

Os desenhos são uma forma de expressão que permite às crianças comunicarem sentimentos, ideias e vivências que podem não ser facilmente verbalizadas. Segundo Piaget (1956), o desenho infantil é uma manifestação do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, refletindo suas capacidades de representação simbólica e pensamento concreto.

A análise dos desenhos focou em aspectos como: temas representados, uso de cores e detalhamento e interpretação simbólica. Os desenhos foram analisados em conjunto com as

narrativas orais para obtermos uma visão mais completa das experiências das crianças. A cada momento de conversa realizada, as crianças também tiveram a oportunidade de desenhar para representar os espaços da escola e situações vivenciadas. Desenhar é uma forma de a criança lidar com a realidade que a cerca, representando situações do seu dia a dia.

A análise dos desenhos seguiu os seguintes passos: coleta de desenhos, classificação dos desenhos, interpretação dos desenhos e triangulação de dados. Essa metodologia permitiu uma compreensão mais profunda das percepções e experiências das crianças, contribuindo significativamente para a análise dos dados da pesquisa.

3.5 Contexto - A escola

Figura 5 - Momentos em sala de aula com autonomia.



A instituição educacional selecionada para análise nesta dissertação é uma escola particular renomada na cidade de São Paulo, com mais de 110 anos de história, reconhecida como uma das mais prestigiadas do Brasil. O campus ocupa uma vasta área de aproximadamente 20.000 metros quadrados, hospedando em torno de 4.500 estudantes e 1.000 colaboradores, distribuídos por 5 edifícios que mesclam modernidade e tecnologia, mantendo a arquitetura tradicional.

Com uma infraestrutura completa para atender de forma independente às necessidades de sua comunidade, a escola possui um poço artesiano, gerador de energia, sistema de coleta seletiva de resíduos, serviços de manutenção e uma gráfica própria. Para facilitar a vida dos estudantes e pais, a instituição possui papelaria, loja de uniformes, restaurante e uma frota de cerca de 40 ônibus com rastreamento por satélite, operados por motoristas qualificados.

A escola acolhe alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com horários diferenciados para cada segmento educacional. Os prédios, inaugurados em épocas distintas, são dedicados a diferentes finalidades educativas. O edifício mais recente, de 1993, é destinado à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo salas de

aula, áreas administrativas e espaços específicos como laboratório de ciências e auditório. O prédio de 1973 é focado em atividades esportivas e culturais, abrigando departamentos de esportes, ginásio, bibliotecas e espaços para cursos extracurriculares.

O terceiro edifício, fundado em 1971, é reservado para os alunos dos 5º e 6º anos, contando com salas de aula, ateliê de arte e um auditório. O quarto prédio, estabelecido em 1965, atende aos 7º e 8º anos, dispondo de laboratórios, ateliês de arte e o inovador Telhado Verde, um espaço dedicado à sustentabilidade e aprendizado prático.

Por fim, o edifício mais antigo, um patrimônio histórico de 1911, serve aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, incorporando laboratórios especializados, museu, centro de inovação e tecnologia, além de departamentos administrativos e educacionais. Este prédio também abriga o programa de internacionalização em parceria com a Universidade de Missouri, que possibilita aos alunos obter um diploma válido nos Estados Unidos, além do brasileiro.

A orientação pedagógica da escola está fundamentada no Projeto Político Pedagógico (PPP), que organiza a escola com base em uma gestão participativa. Esse modelo visa a divisão de responsabilidades e a união dos atores do contexto escolar diante dessas responsabilidades, orientando suas práticas em torno da formação integral do indivíduo aliada à excelência de seu ensino. A escola valoriza a construção do conhecimento e o desenvolvimento de métodos de investigação e pensamento crítico, unindo aprendizagem e experiências dos alunos.

As diretrizes educacionais da escola são baseadas em eixos estruturantes que permeiam todos os segmentos da instituição, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A vinculação desses eixos ao currículo dos estudantes coloca o aluno como sujeito da aprendizagem e construtor de seu próprio conhecimento, sendo amparado, conduzido, incentivado e intermediado por seus professores, pares e pela equipe pedagógica do colégio.

A escola fundamenta suas práticas pedagógicas nos pressupostos da aprendizagem significativa de Ausubel (1982), que conecta o conhecimento antigo ao novo, considerando as fases de desenvolvimento dos educandos. A instituição acredita que, por meio das relações e interações sociais, experiências e vivências dos alunos, ocorre um processo dinâmico de construção do conhecimento no qual o professor tem papel fundamental ao questionar, problematizar, estimular, apoiar e orientar seus alunos.

Os objetivos de aprendizagem da escola são fundamentados na interconexão dos eixos estruturantes da educação integral dos alunos e nos objetivos, habilidades e competências apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), articulando fatores cognitivos a fatores socioemocionais. Isso abrange um conjunto de saberes de (auto)conhecimento de sentimentos e emoções, visando oportunizar interações interpessoais respeitadas, colaborativas e éticas.

3.5.1 Rotina

Figura 6 - Rotina



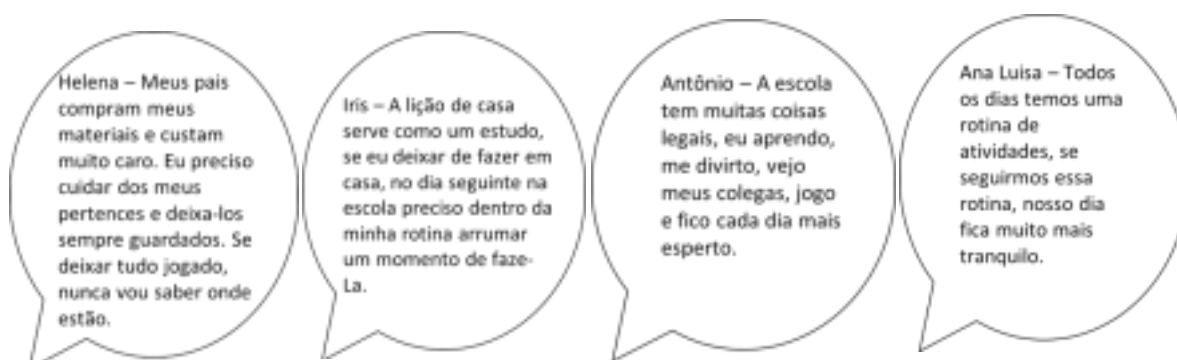
Quando inicia o ano letivo, procuro estabelecer com meus alunos um vínculo de amizade, confiança e afetividade. Geralmente, eles começam o novo ano observando e conhecendo a nova professora e os novos colegas. À medida que as semanas passam, eles tendem a testar algumas regras da escola, procurando entender qual será o comportamento da professora.

Nos primeiros dias de aula, estabelecemos acordos para uma boa convivência em sala de aula. É muito importante e significativo que a elaboração dos acordos parta da narrativa das próprias crianças, uma vez que, aos 8 e 9 anos, elas estão no Estágio Operatório

Concreto, conforme proposto por Piaget (1964). Nesse estágio, as crianças desenvolvem a capacidade de pensar logicamente sobre eventos concretos (ibidem).

Dessa forma, elaboramos cartazes com os acordos da nossa classe, baseando-nos nas contribuições dos próprios alunos. A seguir, apresento alguns:

Figura 7 - Relatos de crianças



Cada criança possui um escaninho individual dentro do armário, onde organiza seus livros e cadernos. Há também uma exposição de livros, denominada biblioteca da classe. Nas paredes, estão expostos cartazes feitos pelos alunos sobre os acordos da classe, além de uma tabela numérica, calendário, quadro de aniversariantes e exposição das letras do alfabeto em letra de fôrma e cursiva.

As mesas e cadeiras das crianças não têm uma disposição fixa, podendo ser organizadas em grupos, duplas ou individualmente, conforme as atividades propostas. Nos dias de avaliações e provas, as mesas ficam separadas individualmente e enfileiradas. Desde o início do ano, uma das conquistas das crianças é a autonomia de escolher seu próprio lugar. No entanto, algumas ainda precisam da mediação da professora para direcionar onde se sentar, especialmente se não conseguem cumprir os acordos ou se o local escolhido atrapalha seu rendimento acadêmico e a convivência com os colegas. Em tais casos, é necessário um diálogo para mostrar que a escolha de lugares fixos, feita pela professora, facilita a rotina da sala (Horn, 2004).

O modo como os materiais e a sala de aula estão organizados motiva as crianças a interagirem, estimulando um protagonismo infantil nas ações desenvolvidas neste espaço. Durante as rodas de conversa, as crianças expressam que gostam da sala de aula, dos

brinquedos e das atividades propostas pela professora. Veem a sala como um espaço de diversão e aprendizagem, conforme revelam os depoimentos de João e Laura: (nomes fictícios):

“A gente se diverte com a professora, ela é muito carinhosa, mas também fica brava em alguns momentos. Adoro quando a professora conta histórias e participa das brincadeiras propostas.” (João, 8 anos).

“O mais legal na nossa classe é que a gente aprende brincando. A professora é engraçada, mas quando precisa, fica brava também.” (Laura, 8 anos).

O professor deve refletir sobre sua prática e repensar o espaço apresentado à sua turma, analisando se os objetivos pedagógicos estão sendo alcançados e se é necessária uma reorganização das dinâmicas, materiais e metodologias abordadas.

O pátio escolar é uma outra área essencial para o desenvolvimento infantil, proporcionando um local de interação significativa. As crianças, sujeitos desta pesquisa, declaram o pátio como um dos lugares que mais gostam de estar e onde se sentem livres para brincar da forma que desejam. No intervalo, as crianças podem descer sozinhas e lá permanecem por 40 minutos, supervisionadas por vigilantes e professoras substitutas, que organizam atividades dirigidas. Nas rodas de conversa, elas relataram suas experiências no pátio:

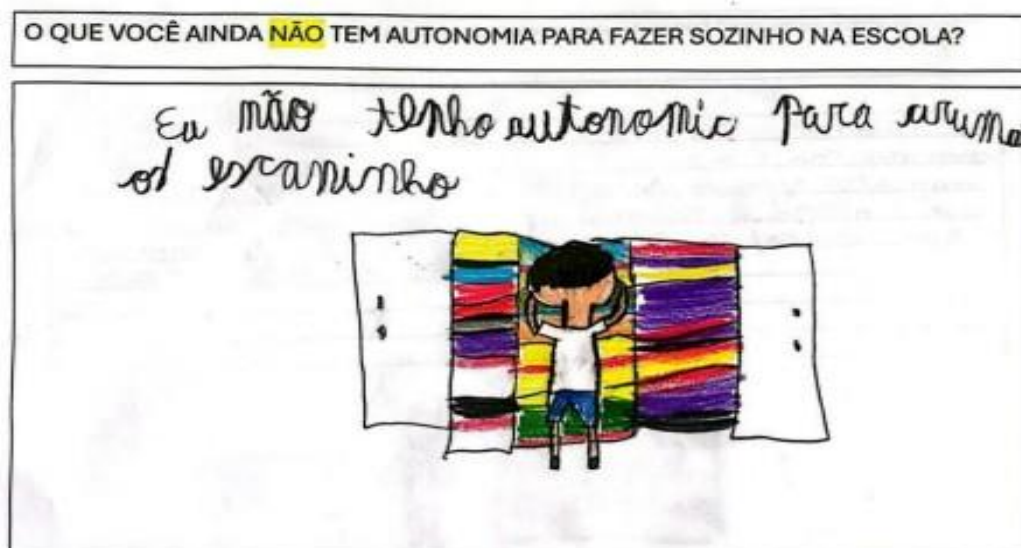
“Adoro a hora do recreio e gosto de jogar futebol.” (Davi).

“Gosto de brincar com os colegas no pátio, adoro quando tenho atividades com os professores de Educação Física.” (Daniel).

“Gosto de brincar lá porque é grande e tem muito espaço para correr.” (Ana Helena).

3.6 Sujeitos da Pesquisa

Figura 8 - Sujeitos da Pesquisa



Realizei minha pesquisa com uma turma de 33 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, com idades entre 8 e 9 anos, todos pertencentes à classe em que leciono. A turma é composta por 17 meninos e 16 meninas, formando um grupo muito ativo e participativo. É uma classe mista, ainda em processo de alfabetização, onde a escrita está em fase de desenvolvimento. Por isso, os erros ortográficos ainda são comuns e considerados parte natural do processo de aprendizagem, uma vez que as escritas são espontâneas e refletem a formação em andamento.

As crianças demonstram grande engajamento nas atividades propostas, mas há um grupo de meninos que precisa de limites bem definidos para manter a disciplina e o foco nas tarefas. Além disso, a turma inclui várias crianças questionadoras e algumas que têm muita dificuldade em lidar com “nãos”, o que demanda uma abordagem pedagógica cuidadosa e paciente.

Entendo que, nesse contexto, a diversidade de habilidades e temperamentos exige uma atenção especial às individualidades, proporcionando um ambiente de aprendizado que valoriza tanto a autonomia quanto o processo gradual de alfabetização. A escrita das crianças, ainda em formação, gera *insights* valiosos sobre suas percepções e o desenvolvimento da autonomia, mesmo que expressa por meio de textos com erros ortográficos, que fazem parte de seu crescimento educacional.

A classe apresenta um bom desempenho acadêmico, mostrando grandes ganhos ao longo do semestre. As crianças têm demonstrado progresso significativo em diversas áreas do conhecimento. Além do desempenho acadêmico, os alunos são carinhosos e amorosos, apresentando boa socialização com os colegas. Eles interagem de maneira positiva, colaborando uns com os outros e formando um ambiente de aprendizado acolhedor e cooperativo.

3.7 Análise

Durante o desenvolvimento da minha pesquisa com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, adotei uma abordagem contínua e detalhada para investigar a construção da autonomia escolar. A metodologia central que utilizei baseou-se em rodas de conversa diárias, complementadas por atividades como a produção de desenhos e narrativas, além de reflexões sobre regras de convivência e combinados estabelecidos em sala de aula. Essas rodas de conversa foram momentos cruciais de troca e reflexão, onde incentivei as crianças a compartilharem suas experiências, sentimentos e opiniões sobre sua autonomia na escola. Criei um ambiente acolhedor e seguro para que elas pudessem expressar-se livremente sobre situações em que sentiam que podiam agir de forma autônoma, bem como sobre aquelas em que ainda percebiam a necessidade de suporte. Essas discussões revelaram as áreas em que as crianças já manifestavam um senso de independência, mas também os desafios que ainda enfrentavam para alcançar maior autonomia.

Durante as rodas de conversa, capturei narrativas que ilustravam momentos em que as crianças conseguiram resolver problemas sozinhas, tomar decisões importantes ou realizar tarefas sem a ajuda de adultos. Por exemplo, algumas crianças relataram sua habilidade de escolher livros na biblioteca ou de organizar seu material para as atividades escolares, demonstrando seu crescimento em termos de autorregulação. Por outro lado, elas também abordaram situações em que ainda sentiam falta de autonomia, como a dificuldade em manter o foco durante as atividades ou em lidar com conflitos interpessoais sem a intervenção de um adulto. Para enriquecer a investigação, propus atividades de desenho, em que as crianças foram incentivadas a ilustrar situações que simbolizavam sua autonomia na escola e outras em que ainda precisavam de auxílio. Analisei esses desenhos minuciosamente, com atenção para elementos visuais que indicavam tanto a autossuficiência quanto a dependência em determinadas tarefas. As imagens foram interpretadas à luz do

contexto verbal fornecido durante as rodas de conversa, o que me permitiu obter uma compreensão mais rica e aprofundada das percepções das crianças.

Além das rodas de conversa e dos desenhos, organizei a rotina diária da sala de aula de modo a motivar a autonomia dos alunos em diversas atividades. Planejei as tarefas diárias para que as crianças tivessem a oportunidade de tomar decisões, planejar suas próprias atividades e gerir seu tempo de maneira independente. Logo no início do dia, envolvi as crianças no planejamento das atividades, discutindo coletivamente a ordem das tarefas e refletindo sobre suas prioridades e responsabilidades. Essa prática não só incentivava a autonomia, mas também reforçava a importância da organização e da responsabilidade individual.

Os espaços da escola e a organização da sala de aula desempenharam um papel crucial nesse processo. A disposição dos móveis, a acessibilidade dos materiais e a criação de áreas específicas para diferentes atividades foram pensadas para estimular a independência das crianças. Organizei a sala de aula de forma que as crianças pudessem acessar facilmente os recursos de que necessitavam para as atividades diárias, estimulando, assim, a autossuficiência e a confiança em suas capacidades. As áreas comuns, como a biblioteca e o pátio, também foram exploradas de maneira a incentivar a autonomia, permitindo que as crianças circulassem livremente e fizessem escolhas sobre onde e como utilizar esses espaços para suas atividades.

Estabeleci combinados de boa convivência, essenciais para criar um ambiente propício ao desenvolvimento da autonomia. Durante as rodas de conversa, discutíamos regularmente os direitos e deveres das crianças na sala de aula, ajudando-as a entender que a autonomia está intrinsecamente ligada ao cumprimento de normas coletivas e ao respeito pelos outros. A organização do espaço físico da escola, somada à clareza das regras de convivência, criou um ambiente estruturado que favoreceu a liberdade com responsabilidade, onde as crianças puderam experimentar e praticar sua autonomia de maneira segura e orientada.

A análise dos dados que coletei a partir dessas atividades foi realizada em diálogo com as teorias de Piaget (1945) e Yves de La Taille (2006), o que me permitiu contextualizar as descobertas dentro de uma estrutura sólida de desenvolvimento cognitivo e moral. A partir dessas análises, fiz ajustes contínuos nas práticas pedagógicas para assegurar que o estímulo

da autonomia ocorresse de forma eficaz e integrada à rotina escolar. Por exemplo, ao identificar que algumas crianças enfrentavam dificuldades específicas, como a organização de seus materiais escolares, implementei estratégias direcionadas, tais como *checklists* visuais e revisões coletivas dos materiais antes do início das atividades. Esse processo contínuo de observação, análise e adaptação me permitiu captar a percepção das crianças sobre sua autonomia e observar a evolução dessas percepções ao longo do tempo, possibilitando um ensino mais personalizado e alinhado às necessidades individuais de cada aluno.

O trabalho que realizei com as rodas de conversa, os desenhos, a reflexão sobre as regras de convivência e a organização dos espaços escolares revelou as áreas de crescimento e desafio em relação à autonomia infantil e forneceu uma base sólida para a implementação de práticas pedagógicas mais eficazes. Essa abordagem integrada contribuiu significativamente para o desenvolvimento integral das crianças, ao fomentar tanto sua capacidade de agir de maneira autônoma quanto sua habilidade de tomar decisões informadas e responsáveis, dentro e fora do ambiente escolar.

4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Atividade 1 - A Importância da Autonomia na Escola: Desenhos e Narrativas de Crianças no Estágio Operatório Concreto

Figura 9 - O que é autonomia na escola?



Organização da Atividade

Para investigar como as crianças de 8 e 9 anos percebem e expressam a autonomia no ambiente escolar, organizei uma atividade composta por várias etapas, visando explorar tanto suas habilidades linguísticas quanto artísticas.

Na roda de conversa, iniciei a atividade com uma discussão interativa sobre o conceito de autonomia, adaptando-o ao contexto escolar. Para tornar o tema acessível, utilizei exemplos práticos do cotidiano escolar, como escolher o que fazer durante o recreio, organizar o próprio material escolar, ou tomar decisões sobre tarefas de casa. Fiz uso de quadros explicativos e histórias em quadrinhos que ilustram situações de autonomia. Fiz

perguntas direcionadas, como “O que vocês fazem sozinhos na escola?” e “Como vocês se sentem quando conseguem fazer algo sem ajuda?”, para estimular a reflexão e o envolvimento das crianças.

Na segunda etapa, as crianças foram incentivadas a escrever uma narrativa sobre “O que é autonomia na escola?”. Este exercício teve como objetivo permitir que elas expressassem suas ideias e percepções de forma estruturada, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e de pensamento crítico. Para facilitar o início da redação, forneci exemplos de inícios de frases, como “Para mim, ser autônomo na escola é...” e “Eu me sinto autônomo quando...”. As crianças receberam folhas de papel, lápis e canetas coloridas para escreverem suas narrativas, o que também ajudou a tornar a atividade mais atrativa e menos desafiadora.

Além da narrativa escrita, as crianças foram convidadas a fazer um desenho que representasse a autonomia na escola. Expliquei que o desenho poderia mostrar uma situação em que elas se sentissem autônomas ou uma situação em que desejassem ser mais autônomas. A expressão artística foi crucial para incluir aqueles alunos que se expressam melhor visualmente. Para essa parte da atividade, foram disponibilizados materiais variados, como papel para desenho, lápis de cor, giz de cera e canetinhas. O ambiente foi preparado para ser inspirador e acolhedor, incentivando a criatividade e a expressão pessoal.

Após a realização das atividades de escrita e desenho, organizei uma sessão de compartilhamento, onde cada criança teve a oportunidade de apresentar seu desenho e narrativa para a turma. Durante a apresentação, perguntei sobre o que as inspirou e como se sentiram ao realizar a atividade. Esse momento foi fundamental para estabelecer a troca de ideias e o fortalecimento dos vínculos afetivos na sala de aula. Também permitiu que as crianças vissem diferentes perspectivas sobre o conceito de autonomia, enriquecendo sua compreensão coletiva.

A atividade revelou que as crianças têm uma compreensão inicial, mas significativa, do que significa ser autônomo na escola. Os desenhos e narrativas mostraram que elas associam a autonomia a ações como tomar decisões, realizar tarefas sozinhas e ajudar os colegas. Essas descobertas são coerentes com a literatura que destaca a importância de gerar ambientes de aprendizagem que incentivem a autonomia para o desenvolvimento integral dos alunos (Reeve, 2006).

Algumas Reflexões: Atividade 1 - “A Importância da Autonomia na Escola: Desenhos e Narrativas de Crianças no Estágio Operatório Concreto”

Esta atividade teve como objetivo explorar como as crianças entre 8 e 9 anos percebem e experienciam a autonomia na escola. A escolha por desenhos e narrativas foi baseada na teoria de Piaget (1976), que destaca o estágio operatório concreto como um período crucial para o desenvolvimento da capacidade de pensar logicamente sobre regras e autonomia. Utilizar histórias em quadrinhos e quadros explicativos ajuda a concretizar o conceito de autonomia, facilitando a compreensão das crianças. A atividade buscou proporcionar às crianças um espaço para expressarem suas visões pessoais sobre o que significa ser autônomo na escola, estimulando reflexão e expressão criativa.

Jean Piaget descreveu o estágio operatório concreto, que geralmente ocorre entre os 7 e 11 anos de idade, como um período em que as crianças desenvolvem a capacidade de pensar logicamente sobre eventos concretos, embora ainda tenham dificuldade com conceitos abstratos. Durante este estágio, elas começam a entender a conservação, a reversibilidade e a classificação, e são capazes de realizar operações mentais baseadas em objetos e situações concretas. A discussão interativa sobre o conceito de autonomia, utilizando exemplos práticos do cotidiano escolar, é uma aplicação direta da teoria de Piaget.

Ao escrever narrativas sobre “O que é autonomia na escola?”, as crianças exercitam suas habilidades de pensamento lógico e estruturado. A atividade de redação permite que elas organizem suas ideias de maneira lógica, um aspecto crucial do estágio operatório concreto. Fornecer inícios de frases ajuda a guiar o pensamento das crianças, mantendo-o dentro de um contexto concreto. O desenho permite que as crianças expressem suas ideias de forma visual, o que é particularmente útil para aqueles que ainda estão desenvolvendo habilidades linguísticas. No estágio operatório concreto, as crianças são capazes de representar situações concretas por meio de desenhos, o que facilita a expressão de conceitos como autonomia. A troca de ideias durante a sessão de compartilhamento garante a socialização e a compreensão coletiva, aspectos importantes do desenvolvimento cognitivo segundo Piaget. Ao ouvir e ver as perspectivas dos colegas, as crianças podem comparar e contrastar suas próprias ideias, enriquecendo seu entendimento do conceito de autonomia.

Yves de La Taille enfatiza a importância da autonomia moral, que é a capacidade de tomar decisões baseadas em princípios éticos e valores pessoais, em vez de apenas seguir

regras impostas por outros. A discussão sobre autonomia no contexto escolar, com perguntas como “O que vocês fazem sozinhos na escola?” e “Como vocês se sentem quando conseguem fazer algo sem ajuda?”, incentiva as crianças a refletirem sobre suas próprias ações e decisões. Isso está alinhado com a ideia de La Taille de motivar a autonomia moral, em que as crianças começam a entender a importância de tomar decisões baseadas em seus próprios valores e julgamentos.

Escrever sobre o que significa ser autônomo na escola permite que as crianças explorem e articulem seus próprios valores e princípios. Este exercício desenvolve habilidades linguísticas e estimula a reflexão sobre a autonomia moral, incentivando as crianças a pensarem sobre o porquê de suas ações e decisões. Por meio do desenho, as crianças podem expressar situações em que se sentem autônomas ou desejam ser mais autônomas, refletindo sobre suas próprias experiências e valores. Isso está em linha com a ideia de La Taille de que a expressão artística pode ser uma forma de explorar e comunicar valores morais e éticos.

Compartilhar suas narrativas e desenhos com os colegas cria um ambiente de respeito mútuo e valorização das diferentes perspectivas. Isso é fundamental para o desenvolvimento da autonomia moral, pois as crianças aprendem a considerar e respeitar os valores e decisões dos outros, ao mesmo tempo em que refletem sobre os seus próprios. A atividade descrita está profundamente alinhada com as teorias de Piaget e La Taille. Ao utilizar métodos concretos e interativos, a atividade facilita a compreensão do conceito de autonomia para crianças no estágio operatório concreto, conforme descrito por Piaget. Simultaneamente, ao incentivar a reflexão sobre ações e decisões pessoais, estimula o desenvolvimento da autonomia moral, conforme enfatizado por La Taille. Dessa forma, a atividade não só contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também para seu crescimento moral e ético.

A análise dos resultados da primeira atividade de produção de dados revelou *insights* importantes sobre como meus alunos percebem a autonomia, destacando o autogerenciamento e a responsabilidade como componentes essenciais. Esses achados têm profundas implicações para minha prática educacional e para o desenvolvimento integral dos alunos.

Inicialmente, o autogerenciamento foi identificado por 10 alunos como uma habilidade crucial para a autonomia. Essa competência envolve a capacidade de planejar, monitorar e avaliar suas próprias ações, estabelecendo metas claras, priorizando tarefas e mantendo a disciplina necessária para atingir os objetivos estabelecidos. Alunos que desenvolvem fortes habilidades de autogerenciamento tendem a ser mais proativos, exibindo maior independência na resolução de problemas e uma capacidade aprimorada para lidar com desafios acadêmicos e pessoais. Esse aspecto do autogerenciamento é vital, pois possibilita aos alunos assumirem o controle sobre seu aprendizado com uma mentalidade de crescimento e autoeficácia.

Por outro lado, a responsabilidade foi mencionada por 23 alunos como um pilar fundamental da autonomia. A responsabilidade implica assumir a responsabilidade por suas ações e decisões, reconhecendo as consequências que elas podem ter. No contexto educacional, a responsabilidade se traduz em um compromisso dos alunos com seu próprio aprendizado, incluindo a realização de tarefas, a participação ativa nas aulas e o cumprimento dos prazos estabelecidos. Esta habilidade é crucial para o desenvolvimento de um senso de dever e compromisso, elementos essenciais para o sucesso tanto acadêmico quanto pessoal.

Os resultados da pesquisa sugerem que o desenvolvimento da autonomia dos alunos está intrinsecamente ligado ao fortalecimento dessas duas habilidades. O estímulo do autogerenciamento e da responsabilidade deve, portanto, ser um objetivo central em minhas práticas pedagógicas. Para alcançar isso, preciso criar um ambiente educacional que forneça aos alunos oportunidades regulares para praticar e aprimorar essas competências. Estratégias como projetos baseados em problemas, atividades de autoavaliação e a incorporação de metas pessoais podem ser eficazes nesse processo.

Além disso, é essencial que eu desempenhe um papel ativo na modelagem e no apoio ao desenvolvimento dessas habilidades. Isso pode incluir a criação de rotinas estruturadas que incentivem o autogerenciamento, o fornecimento de feedback construtivo e a facilitação de discussões que geram a reflexão sobre a responsabilidade pessoal. A integração dessas práticas pode ajudar a cultivar um ambiente de aprendizagem que valoriza a autonomia.

Em suma, o ganho da autonomia por meio do desenvolvimento do autogerenciamento e da responsabilidade prepara as crianças para enfrentarem os desafios futuros com

confiança e competência. Ao focar nessas áreas, pode contribuir significativamente para a formação de indivíduos independentes e criativos, prontos para navegar pelos complexos cenários do mundo acadêmico e além. A autonomia, alicerçada em uma sólida base de autogerenciamento e responsabilidade, além de ser um objetivo educacional desejável, é uma necessidade crucial para o desenvolvimento integral dos meus estudantes.

Compreender como as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia, identificando os desafios enfrentados e propondo estratégias eficazes para garantir seu desenvolvimento integral em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais, tem sido um objetivo central para mim. Por meio das reflexões proporcionadas por essa pesquisa, vejo com clareza a importância de continuar incentivando e trabalhando com essas habilidades para assegurar um desenvolvimento saudável e equilibrado dos meus alunos.

4.2 Atividade 2 - “Desafios de Autonomia Escolar: O Que Você Ainda Não \Consegue Fazer Sozinho?”

Figura 10 - O que você ainda não tem autonomia para fazer sozinho na escola?



Na roda de conversa, continuando a investigação sobre a autonomia das crianças no contexto escolar, organizei uma segunda atividade com o objetivo de identificar as áreas onde elas ainda sentem a necessidade de apoio. A pergunta central desta atividade foi: “O que você ainda não tem autonomia para fazer sozinho na escola?” Além de escrever um relato, cada criança foi convidada a fazer um desenho que representasse essa limitação percebida.

Iniciei a atividade com uma discussão sobre o significado de autonomia e como isso poderia se manifestar no contexto escolar. Utilizei exemplos práticos, muitos deles relatados pelas próprias crianças, para que elas pudessem relacionar o conceito às suas experiências diárias. Questionei sobre situações específicas onde se sentiam autônomas e onde ainda precisavam de ajuda, incentivando a reflexão e o engajamento.

As crianças foram incentivadas a escrever uma narrativa sobre “O que você ainda não tem autonomia para fazer sozinho na escola?”. Esse exercício permitiu que expressassem suas percepções e desafios de forma estruturada, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e de pensamento crítico. Além da narrativa, as crianças foram convidadas a fazer um desenho que representasse a situação ou atividade em que ainda não se sentem autônomas. A expressão artística proporcionou uma forma alternativa de comunicação, permitindo que aqueles com maior facilidade para se expressar visualmente pudessem participar ativamente.

Após a realização das atividades, organizei uma sessão de compartilhamento, em que cada criança teve a oportunidade de apresentar seu desenho e narrativa. Durante essa etapa, cada aluno explicou suas criações, compartilhando suas percepções e desafios com a turma. Essa etapa foi fundamental para estimular a troca de ideias e o fortalecimento dos vínculos afetivos na sala de aula.

Algumas Reflexões: Atividade 2 - “Desafios de Autonomia Escolar: O Que Você Ainda Não Consegue Fazer Sozinho?”

A atividade revelou que as crianças têm uma compreensão significativa dos momentos em que se sentem autônomas na sala de aula. Elas associaram a autonomia a ações como tomar decisões, realizar tarefas sozinhas, ajudar os colegas e expressar opiniões.

- **Tomar decisões:** Muitas crianças mencionaram sentir-se autônomas ao escolherem seus lugares na sala de aula e decidirem suas atividades durante o tempo livre. Este aspecto da autonomia é crucial, pois permite que as crianças exerçam o poder de decisão em situações cotidianas, estimulando um senso de controle e responsabilidade sobre seu ambiente escolar. Essas escolhas aparentemente simples podem fortalecer a confiança das crianças em sua capacidade de tomar decisões informadas e responsáveis. Além disso, ao selecionar suas atividades durante o tempo livre, as crianças aprendem a gerir seu tempo de forma eficiente e a identificar suas preferências e interesses pessoais.

- Realizar tarefas independentes: Alguns exemplos incluíram organizar materiais, completar atividades escolares e participar de projetos em grupo. A habilidade de realizar tarefas de forma independente é um indicador importante de autonomia. Organizar seus materiais, por exemplo, demonstra a capacidade de planejar e manter a ordem, habilidades essenciais para a vida acadêmica e pessoal. Completar atividades escolares sem assistência direta dos professores reflete a confiança nas próprias capacidades e o desenvolvimento de uma ética de trabalho autônoma. A participação em projetos em grupo, por sua vez, além de fomentar a cooperação e o trabalho em equipe, permite que as crianças contribuam de forma independente para o sucesso coletivo, fortalecendo o senso de responsabilidade e iniciativa.

- Ajudar colegas: Vários alunos destacaram momentos em que se sentiram autônomos ao ajudar colegas com dificuldades acadêmicas ou emocionais. Este comportamento altruísta demonstra autonomia, empatia e solidariedade. Ao ajudar um colega, as crianças exercitam suas habilidades sociais e de comunicação e desenvolvem um entendimento mais profundo sobre cooperação e apoio mútuo. Essa prática fortalece a comunidade escolar e cria um ambiente mais acolhedor e colaborativo. A capacidade de identificar quando um colega precisa de ajuda e tomar a iniciativa de dá-lo suporte é uma habilidade valiosa que reflete maturidade emocional e social.

- Expressar opiniões: As rodas de conversa foram citadas como momentos de autonomia, onde as crianças podiam expressar suas opiniões e participar das decisões da classe. Este aspecto da autonomia é vital para o desenvolvimento da capacidade crítica e da expressão individual. Durante as rodas de conversa, as crianças têm a oportunidade de compartilhar seus pensamentos, sentimentos e ideias, gerando um ambiente de respeito e escuta ativa. Participar das decisões da classe permite que as crianças sintam que suas vozes são valorizadas e que elas têm um papel ativo na construção de sua experiência escolar. Isso fortalece o senso de pertencimento e incentiva a responsabilidade compartilhada.

Esses relatos destacam a importância de proporcionar oportunidades diversas para que as crianças experimentem e desenvolvam sua autonomia. Por meio dessas experiências, elas ganham confiança em suas habilidades e aprendem a valorizar e respeitar a autonomia dos outros. Essas vivências contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, preparando-as para se tornarem indivíduos responsáveis e conscientes em suas comunidades.

Além das situações de autonomia na sala de aula, algumas crianças também

mencionaram momentos de autonomia em casa, como cuidar de tarefas domésticas ou fazer escolhas pessoais. Nesta atividade, exploramos os desafios específicos que as crianças enfrentam em relação à autonomia na escola. Inspirada na teoria de Piaget (1976), que enfatiza o desenvolvimento moral e a compreensão das regras durante o estágio operatório concreto, a atividade incentivou as crianças a refletirem sobre áreas em que ainda não se sentem autônomas. O objetivo foi de identificar esses desafios e apoiar as crianças no desenvolvimento de habilidades de tomada de decisão e responsabilidade.

Piaget (1976) enfatiza a importância do desenvolvimento moral e da compreensão das regras durante o estágio operatório concreto. A atividade de identificar áreas onde as crianças ainda não se sentem autônomas permite que elas reflitam sobre suas limitações e desafios, consolidando seu entendimento sobre a autonomia. Por meio dessa reflexão, as crianças são encorajadas a desenvolver uma compreensão mais profunda das regras e da moralidade, essencial para o crescimento cognitivo e emocional.

Yves de La Taille destaca a importância da autonomia moral, que envolve a capacidade de tomar decisões baseadas em princípios éticos e valores pessoais, em vez de apenas seguir regras impostas por outros. A atividade de refletir sobre onde as crianças ainda não se sentem autônomas e discutir esses desafios estimula o desenvolvimento da autonomia moral. As crianças são incentivadas a pensar criticamente sobre suas ações e decisões, aprendendo a agir de acordo com seus próprios valores e princípios.

A combinação de narrativas escritas e desenhos utilizada na atividade permite uma compreensão mais profunda das dificuldades e necessidades das crianças. Piaget e La Taille ressaltam que métodos que proporcionem formas alternativas de expressão são essenciais para atender às diversas formas de aprendizado. Ao compartilhar suas narrativas e desenhos, as crianças contribuem com um ambiente colaborativo, essencial para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. Essa abordagem facilita a expressão das crianças, permitindo que elas articulem seus pensamentos e sentimentos de maneira concreta e visual.

Dessa forma, a atividade não só contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças, conforme descrito por Piaget, mas também para seu crescimento moral e ético, conforme enfatizado por La Taille. Proporcionar um ambiente que incentive a reflexão sobre a autonomia e a expressão individual é fundamental para formar indivíduos responsáveis, críticos e conscientes.

Ao analisar os resultados da atividade de coleta de informações realizada com 33 alunos, pude obter *insights* valiosos sobre como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia. Os dados coletados destacaram quatro áreas principais: locomoção pela escola, resolução de conflitos, organização dos materiais e responsabilidade com as lições. Cada uma dessas áreas contribui de maneira significativa para o desenvolvimento integral da autonomia entre os alunos, refletindo tanto suas capacidades práticas quanto sociais.

Primeiramente, a locomoção pela escola, mencionada por 12 alunos, revelou-se um aspecto crucial da autonomia. A habilidade de se mover de forma independente dentro do ambiente escolar permite que os alunos acessem recursos e participem de atividades sem a necessidade de supervisão constante. Este comportamento não só estimula a confiança, mas também incentiva os alunos a se orientarem e a se familiarizarem com o espaço escolar, facilitando uma maior integração e participação nas atividades escolares. Refletindo sobre isso, percebo que a locomoção independente é um passo essencial para que as crianças desenvolvam um senso de responsabilidade e autossuficiência.

A habilidade de resolver conflitos, destacada por 6 alunos, é outro componente essencial da autonomia. A capacidade de lidar com desentendimentos e problemas interpessoais de forma autônoma é fundamental para o desenvolvimento de competências sociais. Alunos que conseguem mediar conflitos demonstram maturidade e são capazes de manter um ambiente harmonioso, essencial para a convivência em grupo e para o desenvolvimento de uma cultura escolar positiva. Essa habilidade é particularmente importante, pois prepara as crianças para enfrentar desafios sociais de maneira construtiva e ética.

A organização com os materiais, mencionada por 10 alunos, reflete um aspecto prático e vital da autonomia. Manter os materiais escolares organizados é crucial para o sucesso acadêmico, pois facilita o cumprimento de tarefas e a preparação para as aulas. Alunos que conseguem gerenciar seus materiais de forma eficiente tendem a ser mais preparados e apresentam um melhor desempenho escolar, demonstrando disciplina e autossuficiência. Refletindo sobre isso, vejo que a organização é uma habilidade fundamental que contribui para a construção de hábitos de estudo sólidos e duradouros.

Por fim, a responsabilidade com as lições, ressaltada por 5 alunos, é fundamental para o desenvolvimento de uma atitude proativa em relação ao aprendizado. Ser responsável pelas próprias lições implica em cumprir prazos, realizar tarefas de casa e estudar de forma independente. Essa habilidade é crucial para a construção de uma base sólida de conhecimento e para o desenvolvimento de hábitos de estudo que perduram ao longo da vida acadêmica. Refletindo sobre isso, percebo que a responsabilidade com as lições é um indicador importante de maturidade e comprometimento com o próprio aprendizado.

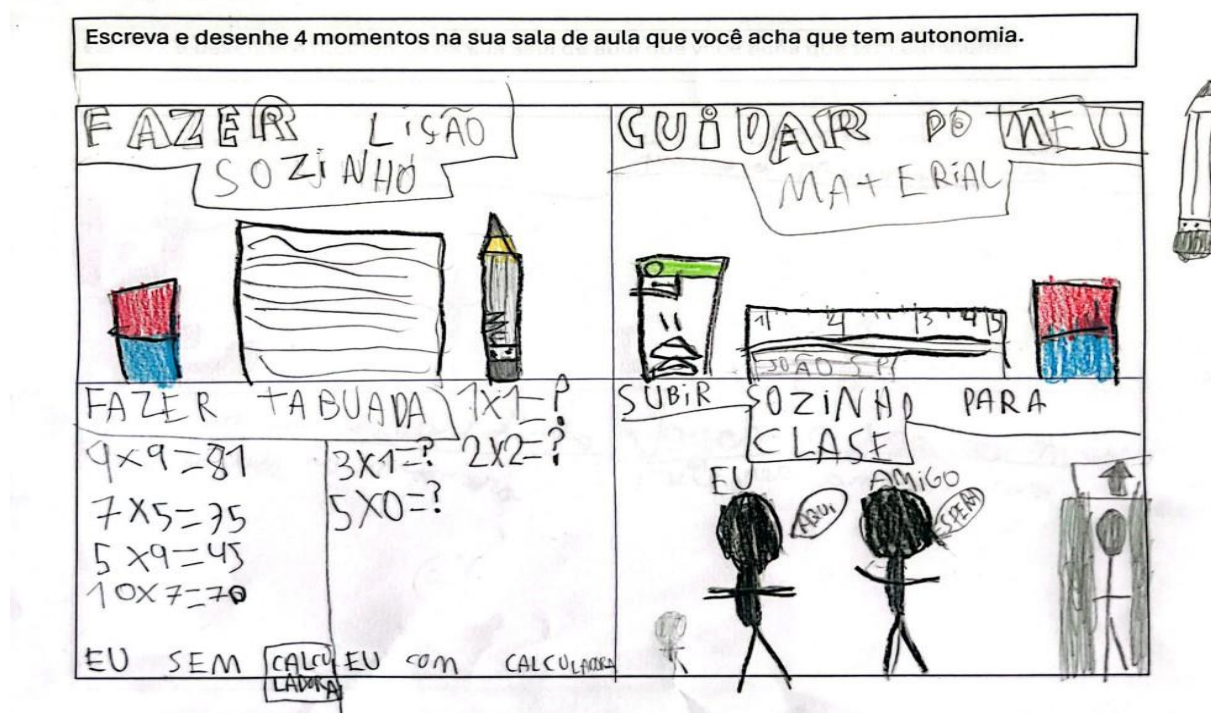
Os resultados desta atividade de coleta de informações sublinham a importância de estimular a autonomia dos alunos em várias áreas, cada uma contribuindo para uma autonomia mais ampla e integrada. A locomoção independente, a resolução eficaz de conflitos, a organização dos materiais e a responsabilidade com as lições são aspectos interconectados que, juntos, possibilitam que os alunos sejam mais independentes, criativos e responsáveis.

Trabalhar a autonomia em todas essas áreas deve ser um objetivo central em qualquer ambiente educacional. A autonomia bem desenvolvida prepara os alunos para enfrentar os desafios acadêmicos e pessoais com confiança e competência. Além disso, ao fomentar essas habilidades, os educadores contribuem para a formação de indivíduos mais completos e preparados para navegar pelos complexos cenários da vida escolar e além. Em resumo, a autonomia, quando desenvolvida de maneira abrangente e integrada, emerge como um pilar fundamental para o sucesso educacional e pessoal dos alunos.

Refletindo sobre esses resultados, reafirmo a importância de compreender como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia. Identificar os desafios enfrentados e propor estratégias eficazes para o seu desenvolvimento integral em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais é essencial para garantir que cada criança possa crescer de maneira saudável e confiante.

4.3 Atividade 3 - “Momentos de Autonomia na Sala de Aula: desenhos e narrativas das crianças”

Figura 11 - Quatro momentos de autonomia na escola.



A atividade proposta para os alunos foi desenhar e escrever sobre quatro momentos na sala de aula em que sentem que têm autonomia. Esta atividade visa aprofundar a compreensão das situações em que as crianças se percebem como autônomas, permitindo uma análise mais detalhada das práticas pedagógicas que favorecem essa autonomia.

Organização da Atividade

Iniciei a atividade com uma discussão na roda de conversas sobre o que significa ser autônomo na sala de aula. As crianças compartilharam exemplos práticos de situações em que se sentiram independentes. As crianças foram incentivadas a escrever uma narrativa detalhada sobre quatro momentos específicos na sala de aula em que se sentiram autônomas. Expliquei como estruturar suas narrativas, começando pela descrição da situação, suas ações e sentimentos, e refletindo sobre a importância da autonomia. Em seguida, cada criança criou um desenho representando esses momentos, usando materiais artísticos à sua escolha.

Após concluírem os desenhos e narrativas, realizamos uma sessão de compartilhamento. Cada criança apresentou seus trabalhos, explicando suas escolhas e reflexões sobre a autonomia na sala de aula. Os colegas fizeram perguntas e comentários construtivos, contribuindo com um ambiente de respeito e apoio mútuo.

Algumas Reflexões: Atividade 3 - “Momentos de Autonomia na Sala de Aula: Desenhos e Narrativas das Crianças”

A atividade “Momentos de Autonomia na Sala de Aula: Desenhos e Narrativas das Crianças” foi elaborada para explorar momentos específicos em que as crianças se sentem autônomas na sala de aula, fundamentando-se nas teorias de Jean Piaget e Yves de La Taille.

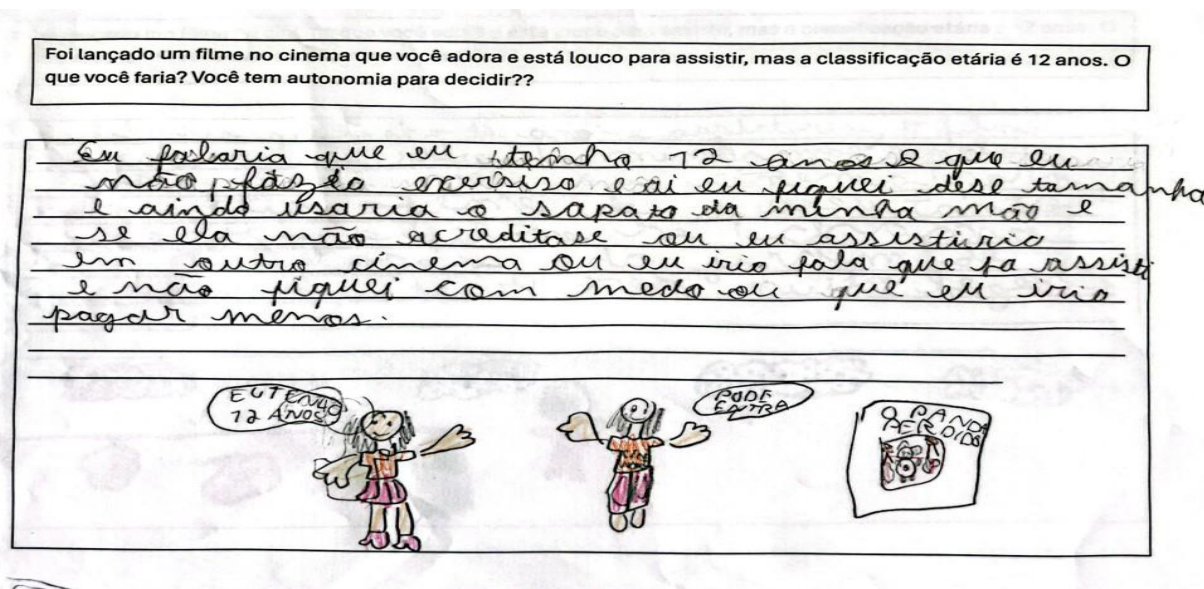
Jean Piaget descreve como as crianças constroem conhecimento por meio de interações ativas com o ambiente. Ele enfatiza a importância de proporcionar oportunidades para que as crianças explorem e experimentem de forma independente, essencial para o desenvolvimento da autonomia. Na atividade “Momentos de Autonomia na Sala de Aula”, as crianças utilizam desenhos e narrativas para expressar suas experiências de autonomia, alinhando-se com a visão de Piaget sobre a aprendizagem ativa e construtiva.

Yves de La Taille, por sua vez, argumenta que a autonomia envolve a capacidade de tomar decisões baseadas em princípios éticos e morais, além da independência física ou cognitiva. A atividade incentiva as crianças a refletirem sobre suas ações e decisões, criando um ambiente onde elas podem desenvolver uma compreensão mais profunda e crítica de suas capacidades e desafios, em consonância com a visão de De La Taille sobre a importância da reflexão moral no desenvolvimento da autonomia.

Esta atividade se justifica pela complementaridade de suas abordagens, que juntas possibilitam uma compreensão abrangente do desenvolvimento da autonomia nas crianças, tanto do ponto de vista cognitivo quanto moral.

4.4 Atividade 4 - Situação Problema: “Foi lançado um filme no cinema que você adora e está louco para assistir, mas a classificação etária é 12 anos. O que você faria? Você tem autonomia para decidir?”

Figura 12 - Relato de criança 1



A atividade proposta visou trabalhar a construção da autonomia e a capacidade de tomada de decisão das crianças em situações que envolvem regras e limites estabelecidos externamente. O objetivo era permitir que as crianças experimentassem e compreendessem os limites e as responsabilidades associados à tomada de decisões.

Para iniciar a atividade, apresentei a situação problema às crianças: “Foi lançado um filme no cinema que você adora e está louco para assistir, mas a classificação etária é 12 anos. O que você faria? Você tem autonomia para decidir?” Este momento serviu para contextualizar o problema e despertar o interesse e a curiosidade das crianças.

Em seguida, organizei uma discussão em grupo onde as crianças puderam compartilhar suas primeiras impressões e ideias sobre a situação. Fiz perguntas como: “Vocês já passaram por uma situação parecida? Como se sentiram?” e “O que acham que poderiam fazer nessa situação?” Esta etapa permitiu que as crianças refletissem sobre suas próprias experiências e as compararam com as dos colegas, estimulando a empatia e a compreensão mútua. Depois da discussão inicial, expliquei a importância das regras de classificação etária dos filmes e como elas são estabelecidas para proteger as crianças de conteúdos inadequados. Falei sobre o papel dos pais e responsáveis na tomada de decisões que envolvem essas regras e como a autonomia está relacionada à capacidade de compreender e respeitar esses limites. As

crianças foram então convidadas a escrever ou desenhar como agiriam na situação apresentada. Deveriam considerar se tinham autonomia para tomar essa decisão sozinhas ou se precisam do apoio de um adulto. Este momento individual permitiu que cada criança refletisse profundamente sobre a situação e elaborasse uma resposta baseada em sua própria compreensão de autonomia e responsabilidade.

Após a atividade individual, realizamos uma sessão de compartilhamento onde cada criança teve a oportunidade de apresentar suas decisões e justificar suas escolhas. Durante essa etapa, estimei a troca de ideias e a reflexão sobre as diferentes perspectivas apresentadas. Perguntas como “Por que você decidiu agir dessa forma?” e “O que você acha que poderia acontecer se tomasse outra decisão?” ajudaram a aprofundar a discussão.

Para finalizar, fiz uma síntese das principais ideias discutidas e reforcei a importância da autonomia responsável. Destaquei como a capacidade de tomar decisões informadas e respeitar os limites é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social das crianças.

Algumas Reflexões: Atividade 4 - Situação Problema: “Foi lançado um filme no cinema que você adora e está louco para assistir, mas a classificação etária é 12 anos. O que você faria? Você tem autonomia para decidir?”

Esta atividade teve como propósito explorar como as crianças percebem e lidam com situações que envolvem regras externas, como a classificação etária de filmes. Inspirada na teoria de Piaget (1976), que destaca o desenvolvimento moral e a compreensão das regras durante o estágio operatório concreto, a atividade incentivou as crianças a refletirem sobre suas capacidades de tomar decisões informadas e respeitar limites estabelecidos. O objetivo foi de discutir a situação-problema e permitiu o desenvolvimento de uma autonomia responsável.

Piaget (1976) enfatiza a importância do desenvolvimento moral e da compreensão das regras durante o estágio operatório concreto, geralmente entre 7 e 11 anos. Nesse período, as crianças começam a entender a lógica por trás das regras e a necessidade de segui-las para o bem-estar coletivo. Enfrentar situações realistas que envolvem regras externas, como a classificação etária de filmes, proporciona uma oportunidade prática para as crianças exercitarem essas habilidades. A atividade propõe uma reflexão sobre a importância dessas regras e como elas ajudam a proteger e orientar comportamentos adequados.

No contexto da situação-problema apresentada, as crianças são convidadas a pensar sobre os motivos pelos quais a classificação etária é estabelecida e a considerar a importância de respeitar essas limitações, mesmo quando desejam muito assistir a um filme. Essa reflexão é essencial para que elas compreendam que a autonomia se trata de entender e respeitar as normas que existem para garantir segurança e bem-estar.

Yves de La Taille complementa essa visão ao destacar a importância da autonomia moral, que envolve a capacidade de tomar decisões baseadas em princípios éticos e valores pessoais. Discutir sobre a classificação etária dos filmes e o papel dos pais na tomada de decisões ajuda as crianças a compreenderem a importância das regras como elementos que protegem e orientam o comportamento adequado. A reflexão sobre essas regras motiva o desenvolvimento de uma autonomia mais madura e responsável, onde as crianças aprendem a balancear suas vontades com a necessidade de seguir normas que beneficiam o coletivo.

Por meio desta atividade, as crianças têm a oportunidade de discutir e refletir sobre a importância de respeitar as regras, entendendo que essas normas são estabelecidas para seu próprio bem-estar e segurança. Além disso, ao explorar suas próprias respostas à situação problema, as crianças desenvolvem habilidades críticas de tomada de decisão e de avaliação moral, fundamentais para seu crescimento pessoal.

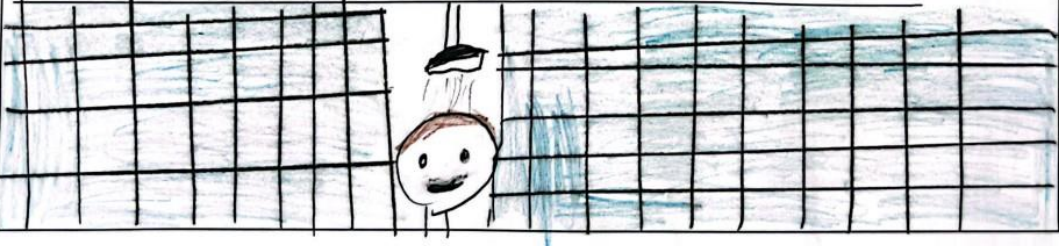
Podemos dessa forma concluir que a atividade não só contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças, conforme descrito por Piaget, mas também para seu crescimento moral e ético, conforme enfatizado por La Taille. Proporcionar um ambiente que incentive a reflexão sobre a autonomia e a expressão individual é fundamental para formar indivíduos responsáveis, críticos e conscientes. Por meio dessas experiências, as crianças ganham confiança em suas habilidades e aprendem a valorizar e respeitar a autonomia dos outros, contribuindo para um desenvolvimento integral que considera todas as esferas da vida infantil.

4.5 Atividade 5 - Situação Problema: “Na sua casa, você tem autonomia? Você acha que poderia ter mais autonomia? Conte um pouquinho de como é na sua casa?”

Figura 13 - Relato de criança 2

Na sua casa, você tem autonomia? Você acha que poderia ter mais autonomia? Conte um pouquinho de como é na sua casa.

na minha casa tenho muita autonomia em tudo me troco sozinho tomo banho sozinho meu pai sempre sabe em qual tenho autonomia em tudo na minha casa as crianças não podem mexer em lata, fogo, machado, liquidificador e outras coisas perigosas e também não podem mexer no fogo.



A atividade proposta teve como objetivo explorar e refletir sobre a autonomia das crianças em um ambiente familiar. A escolha dessa atividade foi fundamentada na importância de entender como a autonomia era percebida e exercida pelas crianças no contexto escolar e em suas vidas domésticas. Essa compreensão foi essencial para garantir um desenvolvimento integral que considerasse as diversas esferas de atuação da criança.

Para iniciar a atividade, apresentei às crianças a situação problema: “Na sua casa, você tem autonomia? Você acha que poderia ter mais autonomia? Conte um pouquinho de como é na sua casa?” Esse questionamento visou estimular a reflexão sobre suas experiências cotidianas e a identificação dos momentos em que exercem autonomia ou sentem falta dela.

Organizei uma discussão inicial em grupo para que as crianças pudessem compartilhar suas percepções e experiências sobre a autonomia em casa. Perguntei: “Vocês sentem que têm autonomia em casa? Quais são as situações em que vocês podem tomar decisões sozinhos?” e “Vocês gostariam de ter mais autonomia? Em quais aspectos?” Essa discussão permitiu que as crianças refletissem sobre suas próprias realidades e as comparassem com

as dos colegas, gerando um entendimento mais amplo sobre o conceito de autonomia. Após a discussão inicial, expliquei o conceito de autonomia e como ele se manifesta em diferentes contextos. Ressaltei a importância de ter autonomia em casa, pois ela contribui para o desenvolvimento de habilidades de autogestão e responsabilidade. Reforcei que a autonomia não significa ausência de regras, mas sim a capacidade de tomar decisões dentro dos limites estabelecidos.

As crianças foram então convidadas a escrever ou desenhar sobre suas experiências de autonomia em casa. Deveriam responder às perguntas: “Na sua casa, você tem autonomia? Você acha que poderia ter mais autonomia? Conte um pouquinho de como é na sua casa?” Esse momento individual permitiu que cada criança refletisse profundamente sobre sua realidade doméstica e expressasse suas percepções de maneira estruturada.

Após a atividade individual, realizamos uma sessão de compartilhamento onde cada criança teve a oportunidade de apresentar suas reflexões. Durante essa etapa, estimulei a troca de ideias e a reflexão sobre as diferentes perspectivas apresentadas. Perguntas como “Por que você acha que tem (ou não tem) autonomia em casa?” e “Como você acha que poderia ter mais autonomia?” ajudaram a aprofundar a discussão.

Para finalizar, fiz uma síntese das principais ideias discutidas e reforcei a importância da autonomia responsável tanto em casa quanto na escola. Destaquei como a capacidade de tomar decisões informadas e respeitar os limites é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social das crianças.

Algumas Reflexões: Atividade 5 - Situação Problema: “Na sua casa, você tem autonomia? Você acha que poderia ter mais autonomia? Conte um pouquinho de como é na sua casa?”

Esta atividade teve como objetivo explorar e refletir sobre a autonomia das crianças em um ambiente familiar. A compreensão da autonomia no contexto doméstico é fundamental para um desenvolvimento integral que considere as diversas esferas de atuação da criança. Para Piaget (1976) o desenvolvimento da autonomia está intimamente ligado à compreensão das regras e à capacidade de tomar decisões de maneira independente. Durante o estágio operatório concreto, que ocorre aproximadamente entre os 7 e 11 anos, as crianças começam a entender melhor as regras e os princípios que regem o comportamento social. Refletir sobre a autonomia em casa ajuda as crianças a desenvolverem habilidades de

autogestão e responsabilidade, pois elas começam a perceber a importância de tomar decisões informadas e de seguir regras que fazem sentido para o bem-estar coletivo.

Por exemplo, ao refletirem sobre suas rotinas domésticas, as crianças podem identificar tarefas que realizam sozinhas, como arrumar o quarto ou fazer a lição de casa sem a supervisão constante dos pais. Essas atividades buscam o desenvolvimento de uma ética de trabalho autônoma e de habilidades de planejamento e organização. Além disso, discutir as áreas onde gostariam de ter mais autonomia pode abrir um diálogo sobre a confiança mútua entre pais e filhos, fortalecendo os laços familiares e a compreensão das capacidades individuais de cada criança.

Yves de La Taille complementa essa visão ao enfatizar a importância da autonomia moral, que envolve a capacidade de tomar decisões baseadas em princípios éticos e valores pessoais. No contexto familiar, isso significa que as crianças começam a desenvolver um senso de responsabilidade e de julgamento moral que vai além da simples obediência às regras impostas pelos pais. Discutir sobre a autonomia em casa permite que as crianças compreendam melhor o papel dos pais e responsáveis na construção de um ambiente que favoreça o desenvolvimento da autonomia.

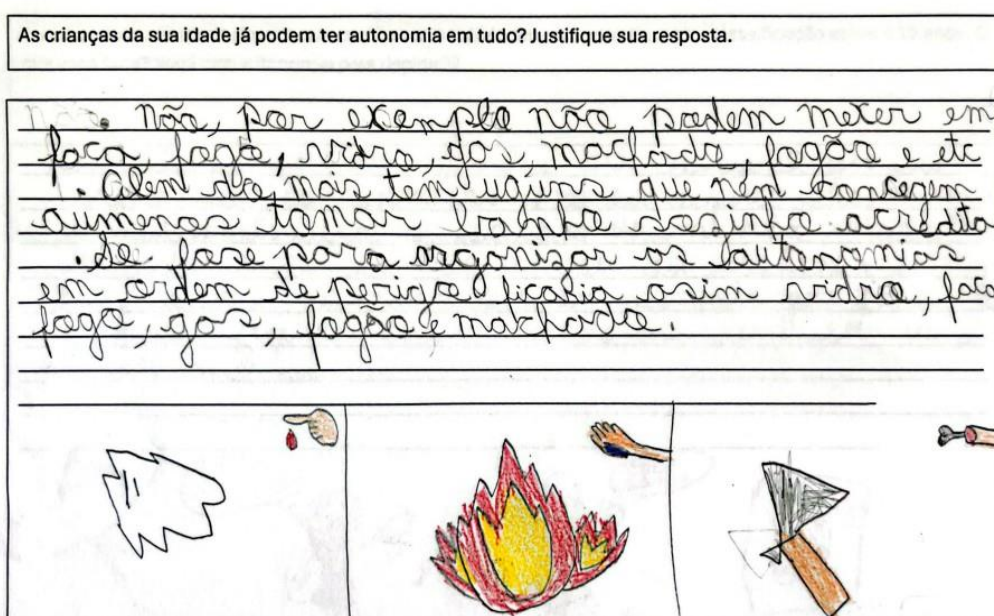
Por exemplo, ao responder à pergunta “Você acha que poderia ter mais autonomia?”, as crianças são incentivadas a pensar criticamente sobre suas próprias necessidades e desejos em relação à liberdade e responsabilidade. Elas podem reconhecer situações em que já demonstram autonomia moral, como ao decidir compartilhar brinquedos com irmãos ou ao escolher como gastar sua mesada de maneira responsável. Ao mesmo tempo, podem identificar áreas onde sentem que ainda precisam de mais liberdade para crescer e aprender por conta própria.

Por meio desta atividade, as crianças tiveram a oportunidade de expressar suas percepções e sentimentos sobre a autonomia em um ambiente seguro e estruturado. Isso incita o desenvolvimento cognitivo e moral, conforme descrito por Piaget e La Taille, e fortalece a comunicação e a compreensão dentro da família. Proporcionar um espaço para essa reflexão é essencial para ajudar as crianças a crescerem como indivíduos responsáveis, críticos e conscientes, capazes de tomar decisões informadas e éticas tanto em casa quanto em outros contextos sociais.

Ao refletir sobre suas experiências e aspirações de autonomia, as crianças ganham um entendimento mais profundo de si mesmas e de suas capacidades, além de desenvolverem integralmente todas as esferas de sua vida.

4.6 Atividade 6 - Situação Problema: “As crianças da sua idade já podem ter autonomia em tudo?”

Figura 14 - Relato de criança 3



Na roda de conversa, a atividade proposta teve como objetivo explorar e refletir sobre os limites e possibilidades da autonomia em crianças da faixa etária estudada. A escolha dessa atividade foi fundamentada na necessidade de compreender como as crianças percebem sua própria capacidade de exercer autonomia em diferentes aspectos de suas vidas. Além disso, a atividade buscou permitir o pensamento crítico e a capacidade de argumentação das crianças.

Para iniciar a atividade, apresentei às crianças a situação problema: “As crianças da sua idade já podem ter autonomia em tudo? Justifique sua resposta.” Esse questionamento visou estimular a reflexão sobre os limites e possibilidades da autonomia e incentivar as crianças a argumentar e justificar suas respostas.

Organizei uma discussão inicial em grupo para que as crianças pudessem compartilhar suas percepções sobre a autonomia em relação à sua idade. Perguntei: “Vocês acham que crianças da nossa idade podem ter autonomia em tudo? Em quais situações vocês acham que podem ter mais ou menos autonomia?” Essa discussão permitiu que as crianças refletissem sobre suas próprias experiências e comparassem suas opiniões com as dos colegas, gerando um entendimento mais amplo sobre o conceito de autonomia e seus limites.

Após a discussão inicial, expliquei os conceitos de autonomia e responsabilidade, destacando como eles se manifestam em diferentes contextos. Ressaltei que, embora a autonomia seja importante para o desenvolvimento pessoal, ela deve ser acompanhada de uma compreensão das responsabilidades associadas. Isso é essencial para garantir que as decisões tomadas pelas crianças sejam seguras e informadas.

As crianças foram então convidadas a escrever ou desenhar suas respostas à pergunta: “As crianças da sua idade já podem ter autonomia em tudo? Justifique sua resposta.” Esse momento individual permitiu que cada criança refletisse profundamente sobre suas percepções e argumentar suas opiniões de maneira estruturada.

Após a atividade individual, realizamos uma sessão de compartilhamento onde cada criança teve a oportunidade de apresentar suas reflexões. Durante essa etapa, estimei a troca de ideias e a reflexão sobre as diferentes perspectivas apresentadas. Perguntas como “Por que você acha que as crianças da sua idade podem (ou não podem) ter autonomia em tudo?” e “Quais são as situações em que você acha que pode ter mais autonomia?” ajudaram a aprofundar a discussão. Para finalizar, fiz uma síntese das principais ideias discutidas e reforcei a importância de equilibrar a autonomia com a responsabilidade. Destaquei como a capacidade de tomar decisões informadas e respeitar os limites é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social das crianças.

Algumas Reflexões Atividade 6 - Situação Problema: “As crianças da sua idade já podem ter autonomia em tudo?”

Os resultados desta atividade são valiosos para ajustar práticas pedagógicas e desenvolver estratégias que estimulam a autonomia dos alunos. Compreender onde as crianças se percebem como autônomas ajuda a criar um ambiente de aprendizagem que apoie e desafie seu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

A análise das narrativas e desenhos revelou diversas áreas em que as crianças ainda não se sentem totalmente autônomas. Algumas áreas identificadas incluem:

“Não tenho autonomia para organizar meus materiais, eu sempre perco tudo e preciso de ajuda para achar e me organizar com as minhas coisas.”
P.C - 8 anos

“Não consigo ainda resolver os conflitos e brigas com meus colegas, preciso sempre da ajuda da professora”. A. B. - 8 anos

“Mesmo quando a professora deixa, eu não posso escolher meu lugar na classe, sempre fico com aqueles amigos que fazem muita bagunça e acabo me distraíndo. C.C - 8 anos

“Eu ainda gosto de fazer bagunça e atrapalhar meus colegas, ainda não consigo cumprir os combinados. Minha professora, sempre briga comigo.
D. M - 8 anos

Os dados coletados com esta atividade indicam que, apesar dos avanços na priorização da autonomia, ainda existem áreas em que as crianças necessitam de suporte adicional. Esses *insights* são importantes para ajustar as práticas pedagógicas e criar estratégias específicas para fomentar a autonomia nas áreas identificadas. A compreensão das limitações percebidas pelas próprias crianças é essencial para desenvolver um ambiente de aprendizagem que não só apoie, mas também desafie os alunos a se tornarem cada vez mais autônomos.

O propósito aqui foi explorar e refletir sobre os limites e possibilidades da autonomia nas crianças da faixa etária estudada. Inspirada na teoria de Piaget (1976), que destaca o desenvolvimento do pensamento crítico e da compreensão das regras durante o estágio operatório concreto, a atividade incentivou as crianças a argumentarem sobre as diferentes situações em que podem exercer autonomia. O objetivo foi incitar o pensamento crítico, a capacidade de argumentação e a compreensão dos aspectos éticos e práticos da autonomia infantil.

A escolha dessa atividade foi fundamentada na necessidade de compreender como as crianças percebem sua própria capacidade de exercer autonomia em diferentes aspectos de suas vidas. Além disso, a atividade buscou motivar o pensamento crítico e a capacidade de argumentação das crianças. Piaget (1976) destaca que o desenvolvimento do pensamento crítico é essencial durante o estágio operatório concreto. Discutir os limites da autonomia permite que as crianças desenvolvam habilidades de argumentação e reflexão crítica sobre suas próprias capacidades e responsabilidades. Por exemplo, ao refletirem sobre situações

em que podem ou não exercer autonomia, como escolher suas próprias roupas ou fazer a lição de casa sozinhas, as crianças começam a internalizar a importância de tomar decisões bem fundamentadas e de compreender as consequências dessas decisões.

Yves de La Taille complementa essa perspectiva ao enfatizar a importância da autonomia moral. Ele argumenta que a verdadeira autonomia envolve a capacidade de fazer escolhas e a compreensão das implicações éticas dessas escolhas. Refletir sobre as possibilidades e limites da autonomia ajuda as crianças a entenderem que a verdadeira autonomia envolve tomar decisões informadas e responsáveis. Ao considerar situações em que precisam de orientação ou supervisão, as crianças desenvolvem um senso de responsabilidade e de respeito pelas normas e valores compartilhados.

Essa atividade proporcionou às crianças uma oportunidade de discutir e refletir sobre suas experiências de autonomia. Ao argumentarem sobre as diferentes situações em que podem exercer autonomia, as crianças foram incentivadas a pensar criticamente sobre suas próprias capacidades e responsabilidades. Por exemplo, uma criança pode reconhecer que pode escolher seu próprio lanche, mas também entender que precisa seguir regras de segurança ao usar a cozinha. Essas discussões ajudam a consolidar a compreensão de que a autonomia é um equilíbrio entre liberdade e responsabilidade.

O estímulo do pensamento crítico e da capacidade de argumentação por meio desta atividade está alinhada com os princípios de Piaget e La Taille. Ao envolver as crianças em discussões sobre as limitações e possibilidades da autonomia, a atividade apoia o desenvolvimento cognitivo e moral e prepara as crianças para se tornarem indivíduos mais reflexivos e responsáveis.

A atividade proposta foi projetada para explorar e permitir a autonomia das crianças, incentivando a reflexão crítica e a argumentação. Baseando-se nas teorias de Piaget e Yves de La Taille, a atividade visou desenvolver um entendimento mais profundo e equilibrado da autonomia, considerando tanto as capacidades individuais quanto as responsabilidades éticas associadas.

5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, apresento uma análise abrangente dessas conversas, incluindo transcrições de narrativas e reflexões sobre os temas discutidos.

A primeira roda de conversa revelou que as crianças gostam do ambiente da sala de aula e do pátio. Nenhuma narrativa sugeriu alterações e mudanças em relação ao espaço. Cruz (2008) acrescenta que ouvir as vozes das crianças nos fornece elementos para que possamos modificar os espaços escolares e transformá-los em locais para o educar e o brincar, respeitando suas vontades.

Ao discutir o conceito de autonomia, percebi que as crianças tinham uma compreensão básica, mas diversa, desse conceito. Algumas associavam autonomia à capacidade de realizar tarefas sozinhas, enquanto outras a viam como a habilidade de tomar decisões por conta própria. As crianças explicaram suas percepções de várias maneiras:

Criança 1: “Autonomia é quando a gente consegue fazer as coisas sem precisar pedir ajuda pra ninguém.”

Criança 2: “Eu acho que é quando a gente pode escolher o que fazer, como onde sentar ou que livro ler.”

Criança 3: “Para mim, autonomia é quando eu posso decidir qual jogo brincar na hora do recreio.”

Criança 4: “É poder fazer as coisas sem que alguém diga como tem que ser feito, tipo arrumar minha mesa do jeito que eu quero.”

Essas respostas revelam que, para as crianças, a autonomia envolve tanto a execução de tarefas de forma independente quanto a liberdade de escolha. A compreensão dessas nuances é crucial para criar um ambiente que realmente valorize e incentive a autonomia. Quando perguntei sobre o que eles não conseguem fazer sozinhos na escola, muitas crianças mencionaram tarefas e decisões que ainda exigem a permissão ou ajuda de um adulto. Uma criança compartilhou sua frustração:

Criança 5: “Eu ainda não consigo fazer minha lição de matemática sozinho. Eu sempre preciso pedir ajuda para professora ou pros meus pais. Eu acho difícil entender os problemas e saber por onde começar.”

Criança 6: “Eu queria poder escolher onde sentar na sala de aula. Conforme a gente vai conseguindo aprender os combinados e o que é certo e errado, a professora deixa a gente escolher o lugar, mas eu ainda não consigo sentar-se num lugar sem atrapalhar meus colegas, daí é ela que precisa escolher onde tenho que sentar”.

Criança 8: “Eu não posso usar o *ipad* sem pedir, mesmo que seja para algo da escola. Eu sempre preciso da permissão da professora. Tem o momento certo de usar os *ipads*”

Criança 9: “Eu não posso levar meu brinquedo favorito para a escola. Meus pais dizem que eu posso perder, mas eu queria poder cuidar dele aqui também.”

Essas narrativas destacam a necessidade de flexibilizar certas regras e práticas escolares para permitir que as crianças experimentem mais controle sobre suas atividades diárias, o que poderia contribuir para o desenvolvimento de sua autonomia.

Diante do exposto, entende-se a necessidade de momentos de diálogo na sala, ouvir o que as crianças têm a dizer para que possa ser realizado um trabalho na perspectiva da interação e da autonomia, em que o educando possa se expressar, dando sentido à prática educativa. Proporcionar esse diálogo é aceitar a livre expressão das crianças, possibilitando intervenções nos contextos vividos. Ao se pensar na organização do espaço na Educação Infantil, é fundamental considerar as crianças, como elas aprendem e como utilizam esses espaços.

As crianças também compartilharam situações em que já sentem que têm autonomia, ajudando a identificar áreas onde eles se sentem confiantes e independentes:

Criança 10: “Eu já posso pegar os materiais que preciso desenhar ou fazer uma atividade. Não preciso pedir permissão para isso.”

Criança 11: “Eu consigo escolher qual livro eu quero ler durante a hora da leitura. A professora deixa a gente escolher entre várias opções.”

Criança 12: “Na aula, a gente pode escolher o que desenhar ou pintar. Eu gosto de poder decidir o que vou criar.”

Criança 13: “Eu posso organizar meus cadernos e minhas coisas na mochila sem precisar de ajuda. Isso me faz sentir responsável.”

Criança 14: “Eu posso escolher com quem fazer dupla nas atividades de grupo. Isso é legal porque eu gosto de trabalhar com meus amigos.”

Essas respostas indicam que quando as crianças têm a oportunidade de exercer escolhas e responsabilidades, elas se sentem mais seguras e capazes de gerir suas próprias atividades. Isso fortalece seu senso de autonomia e autoeficácia.

Finalmente, discutimos se as crianças acreditam que podem ter autonomia em tudo e como isso se aplica em suas casas. As respostas variaram, refletindo a diversidade de experiências familiares e pessoais:

Criança 15: “Acho que a gente pode ter autonomia em algumas coisas, mas não em tudo. Por exemplo, em casa, eu posso escolher o que brincar, mas não posso cozinhar sozinho.”

Criança 16: “Na minha casa, eu posso arrumar meu quarto e escolher minhas roupas. Mas minha mãe não me deixa mexer no fogão. Ela diz que é perigoso.”

Criança 17: “Eu acho que crianças da nossa idade não podem ter autonomia em tudo porque ainda estamos aprendendo muitas coisas. Precisamos de ajuda dos adultos para algumas coisas.”

Criança 18: “Eu posso escolher meus brinquedos e meus livros em casa, mas não posso decidir sobre as tarefas de casa, como lavar a louça. Meus pais dizem que ainda não sou grande o suficiente.”

Criança 19: “Eu posso decidir a hora de fazer minha lição de casa, mas meus pais têm que conferir se eu fiz tudo certo. Eles dizem que é pra garantir que eu aprenda bem.”

As discussões em sala de aula revelaram que, embora as crianças desejem e possam exercer autonomia em várias áreas, ainda há limitações que refletem a necessidade de orientação e supervisão dos adultos. A partir dessas conversas, refletir sobre como poderia ajustar minhas práticas pedagógicas para garantir mais autonomia entre os alunos. Uma das ações consideradas foi a implementação de atividades de autogestão. Isso inclui a introdução de projetos individuais onde as crianças possam planejar e executar suas tarefas com supervisão mínima. Por exemplo, permitir que escolham um tema para um projeto de pesquisa e definam seus próprios prazos e métodos de apresentação.

Outra estratégia foi aumentar as opções de escolha, possibilitando mais oportunidades para as crianças decidirem sobre aspectos do seu dia a dia escolar. Isso pode incluir a escolha de lugares na sala de aula e os livros que leem, ajudando-as a desenvolver um senso de responsabilidade e preferências pessoais. Durante as atividades de leitura, poderia ser criada uma “biblioteca de escolhas” com uma variedade de gêneros e tópicos para que os alunos possam selecionar o que mais lhes interessa.

Avaliei a possibilidade de flexibilizar regras rígidas sobre permissões para atividades simples, como ir ao banheiro, para reduzir constrangimentos e aumentar a confiança das crianças em suas decisões. Estabelecer plaquinhas de banheiro, por exemplo, com as quais, sempre que sentir a necessidade, a criança possa sair da classe, é uma maneira de autogestão pelas crianças e uma forma de eu saber que tem crianças fora da classe. Trabalhei para criar um ambiente acolhedor, onde os alunos se sentissem à vontade para expressar suas necessidades e pedir ajuda sem medo de julgamento, estabelecendo uma cultura de apoio mútuo e de respeito. Isso poderia incluir sessões regulares de feedback em que os alunos pudessem compartilhar suas opiniões sobre as atividades e regras da sala de aula.

Após realizar as rodas de conversa com meus alunos, dediquei um tempo significativo para ler todos os textos produzidos por eles. Meu objetivo era buscar o conteúdo essencial de todas as coletas de informações, analisando com profundidade cada narrativa compartilhada. As crianças expressaram de maneira autêntica suas percepções sobre autonomia, tanto na escola quanto em suas vidas pessoais. Muitas crianças associam a autonomia à capacidade de realizar tarefas sem a ajuda de um adulto. Elas valorizam a liberdade de tomar decisões, como escolher onde sentar ou qual livro ler. Por exemplo, uma das crianças mencionou:

“Autonomia é quando a gente consegue fazer as coisas sem precisar pedir ajuda pra ninguém.”

Outra criança compartilhou:

“Eu acho que é quando a gente pode escolher o que fazer, como onde sentar ou que livro ler.”

As crianças também falaram sobre as dificuldades que enfrentam ao tentar exercer autonomia em determinadas áreas. Uma criança comentou:

“Eu ainda não consigo fazer minha lição de matemática sozinho. Eu sempre preciso pedir ajuda para a professora ou pros meus pais. Eu acho difícil entender os problemas e saber por onde começar.”

Essa observação destacou a necessidade de um apoio mais direcionado em áreas específicas, como a matemática, onde as crianças ainda se sentem inseguras. Outro ponto importante foi a discussão sobre as regras e permissões na escola. Algumas crianças expressaram o desejo de ter mais liberdade para tomar decisões simples, como escolher onde se sentar ou quando usar o *iPad*. Uma delas disse:

“Eu não posso usar o *iPad* sem pedir, mesmo que seja para algo da escola. Eu sempre preciso da permissão da professora. Tem o momento certo de usar os *iPads*.”

As crianças relataram situações em que conseguem pegar materiais, organizar seus cadernos e escolher livros para leitura sem a ajuda de um adulto. Essas conquistas mostram que, quando possibilitamos a oportunidade de exercer autonomia, as crianças se sentem mais confiantes e capazes de gerir suas próprias atividades. Refletindo sobre as discussões finais, percebi que há um equilíbrio entre o desejo de independência e a necessidade de orientação dos adultos. As respostas variaram, desde: “Eu acho que crianças da nossa idade não podem ter autonomia em tudo porque ainda estamos aprendendo muitas coisas. Precisamos de ajuda dos adultos para algumas coisas” até “Na minha casa, eu posso arrumar meu quarto e escolher minhas roupas. Mas minha mãe não deixa eu mexer no fogão. Ela diz que é perigoso.”

A partir dessa leitura minuciosa, concluí que preciso ajustar minhas práticas pedagógicas para garantir mais autonomia entre os alunos. Pensei em implementar atividades de autogestão, onde as crianças possam planejar e executar tarefas com supervisão mínima. Também considerei aumentar as opções de escolha, possibilitando mais oportunidades para que decidam sobre aspectos do seu dia a dia escolar, como escolher lugares na sala de aula e livros para leitura. Flexibilizar certas regras, como permissões para atividades simples, também pareceu uma boa ideia para reduzir constrangimentos e aumentar a confiança das crianças em suas decisões. Além disso, trabalhar para criar um ambiente acolhedor, onde se sintam à vontade para expressar suas necessidades e pedir ajuda sem medo de julgamento, será fundamental para estabelecer uma cultura de apoio mútuo e respeito.

A combinação de narrativas e desenhos mostrou-se uma metodologia eficaz para explorar e compreender as percepções das crianças sobre a autonomia. A expressão artística e linguística permite que as crianças externalizem suas ideias e sentimentos de maneira concreta e tangível, facilitando a reflexão e o entendimento de conceitos abstratos. Este método atende às diversas formas de aprendizado e produz uma compreensão mais profunda e pessoal dos temas abordados. A atividade foi bem-sucedida em introduzir e explorar o conceito de autonomia com crianças de 8 e 9 anos. Por meio de narrativas e desenhos, as crianças puderam expressar suas compreensões e sentimentos sobre autonomia,

proporcionando dados valiosos para a minha pesquisa de mestrado. As observações obtidas reforçam a necessidade de ambientes educativos que incentivem a autonomia desde os primeiros anos escolares.

As atividades propostas são fundamentadas em teorias educacionais que ressaltam a importância do desenvolvimento da autonomia e da capacidade de tomada de decisão nas crianças. A organização dos espaços e a estrutura física são pensadas para práticas na construção da autonomia. Quanto mais atrativos e desafiadores são os espaços, mais essenciais se tornam para qualquer ato de aprendizagem e construção do conhecimento. O ambiente deve se tornar uma superfície refletora em que os protagonistas da experiência de aprendizagem consigam ver os traços de sua atuação, tornando-se capazes de falar sobre como estão aprendendo. É necessário garantir às crianças espaços e objetos ideais que contribuam com suas aprendizagens, tendo em mente os espaços nos quais as crianças constroem suas identidades e suas histórias pessoais, tanto reais quanto imaginárias. A forma como organizamos os espaços mostra como vemos as crianças. O que pensamos sobre elas torna-se um fator determinante na definição de sua identidade, de seus direitos e dos contextos educacionais apresentados a elas e sua construção da autonomia. É preciso enxergar a criança como ser competente e crítico, capaz de construir seus próprios símbolos e códigos ao mesmo tempo em que aprende a decodificar os símbolos e códigos já estabelecidos. Os caminhos e processos de aprendizagem das crianças passam pela relação com o contexto espacial e temporal, que deve ser um ambiente satisfatório para o seu desenvolvimento.

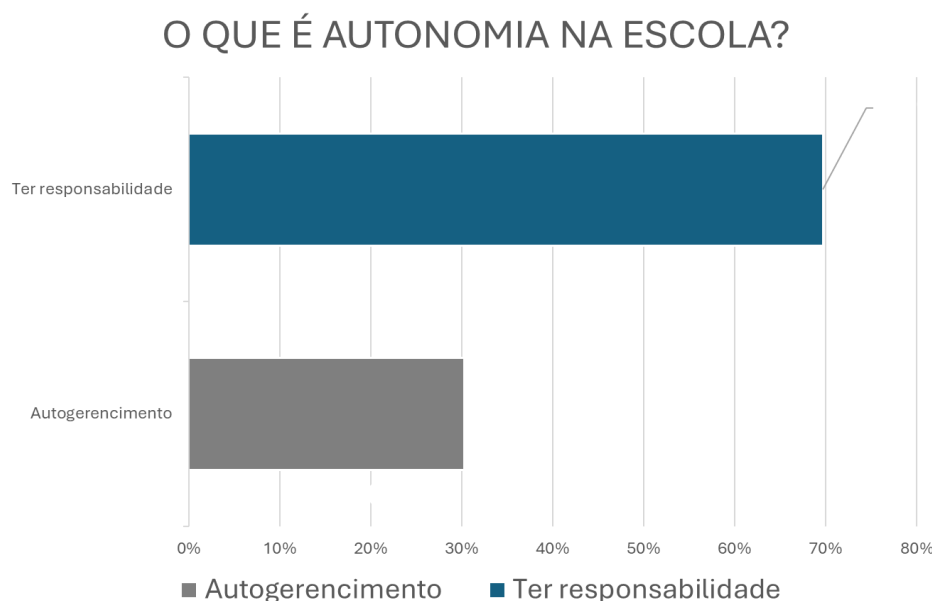
Ao integrar essas práticas no dia a dia da sala de aula, espero aumentar a autonomia dos alunos e fomentar um ambiente onde eles se sintam mais confiantes, responsáveis e motivados a aprender.

6 - ANÁLISE QUANTITATIVA DAS RESPOSTAS DAS CRIANÇAS

Figura 15 - Tabela das comandas propostas na produção de dados.

O QUE É AUTONOMIA NA ESCOLA?	Percentual
Autogerenciamento	30%
Ter responsabilidade	70%
Total	100%
DA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA	Percentual
Locomoção pela escola	36%
Organização com os materiais	30%
Resolver conflitos	18%
Responsabilidade com as lições	15%
Total	100%
SUA SALA DE AULA QUE VOCÊ ACHA QUE TEM AUTONOMIA.	Percentual
Realização de atividades escolares	46%
Locomoção pela escola	29%
Organização de materiais	22%
Resolução de conflitos	3%
Total	100%
RIÇAS DA SUA IDADE JÁ PODEM TER AUTONOMIA EM TUDO?	Percentual
Não	100%
Total	100%
NA SUA CASA VOCÊ TEM AUTONOMIA?	Percentual
Sim	82%
As vezes	9%
Um pouco	9%
Total	100%
ETÁRIA DE 12 ANOS, VOCÊ TEM AUTONOMIA PARA DECIDIR?	Percentual
Crianças não assistiram o filme	27%
Crianças mentiriam a idade	45%
Arrumariam uma solução para ver o filme	27%
Total	100%

Figura 16 - Gráfico resultados atividade 1

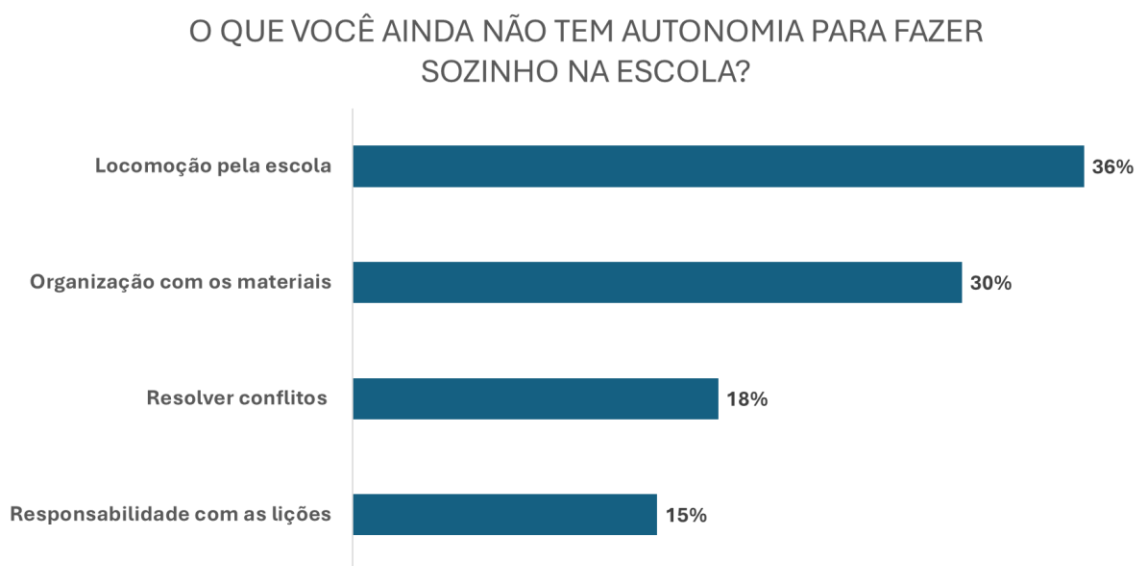


Com base na primeira atividade realizada na produção de dados, pesquisa realizada com 33 alunos, observou-se que 10 deles destacaram o autogerenciamento como um componente crucial da autonomia. O autogerenciamento refere-se à habilidade de planejar, monitorar e avaliar as próprias ações e comportamentos, incluindo a capacidade de estabelecer metas, priorizar tarefas e manter a disciplina necessária para alcançar os objetivos estabelecidos. Alunos que possuem essa habilidade são geralmente mais proativos e demonstram uma maior capacidade de resolver problemas de forma independente.

Além disso, 23 alunos mencionaram a responsabilidade como um pilar fundamental da autonomia. Ser responsável implica assumir a responsabilidade por suas ações e decisões, reconhecendo as consequências que elas podem ter. No contexto educacional, isso significa que os alunos são responsáveis por seu próprio aprendizado, incluindo a realização de tarefas, a participação ativa nas aulas e o cumprimento dos prazos estabelecidos.

Portanto, a pesquisa revela que a autonomia dos alunos está fortemente ligada ao autogerenciamento e à responsabilidade. Desenvolver essas habilidades é crucial para o sucesso acadêmico e pessoal, pois estimula os indivíduos a serem mais independentes, criativos e responsáveis por suas próprias ações e decisões. A garantia da autonomia deve ser um objetivo central em qualquer ambiente educacional, pois prepara os alunos para enfrentar os desafios da vida com confiança e competência.

Figura 17 - Gráfico resultados atividade 2



Com base nos resultados de uma nova atividade de coleta de informações realizada com 33 alunos, a autonomia foi analisada por meio de diferentes aspectos do comportamento e da responsabilidade dos estudantes no ambiente escolar. A pesquisa revelou dados significativos sobre como os alunos percebem e exercem sua autonomia em várias áreas.

Dos 33 alunos pesquisados, 12 destacaram a locomoção pela escola como um aspecto importante da autonomia. Isso indica que uma parte considerável dos alunos valoriza a capacidade de se movimentar de forma independente dentro do ambiente escolar, o que pode incluir encontrar salas de aula, acessar recursos como a biblioteca e participar de atividades extracurriculares sem a necessidade de supervisão constante.

Além disso, 6 alunos mencionaram a habilidade de resolver conflitos como um componente essencial da autonomia. Resolver conflitos de maneira eficaz é uma habilidade crucial para a convivência harmoniosa e para o desenvolvimento de competências sociais. Alunos que conseguem lidar com desentendimentos e problemas interpessoais de forma autônoma demonstram maturidade e capacidade de mediação.

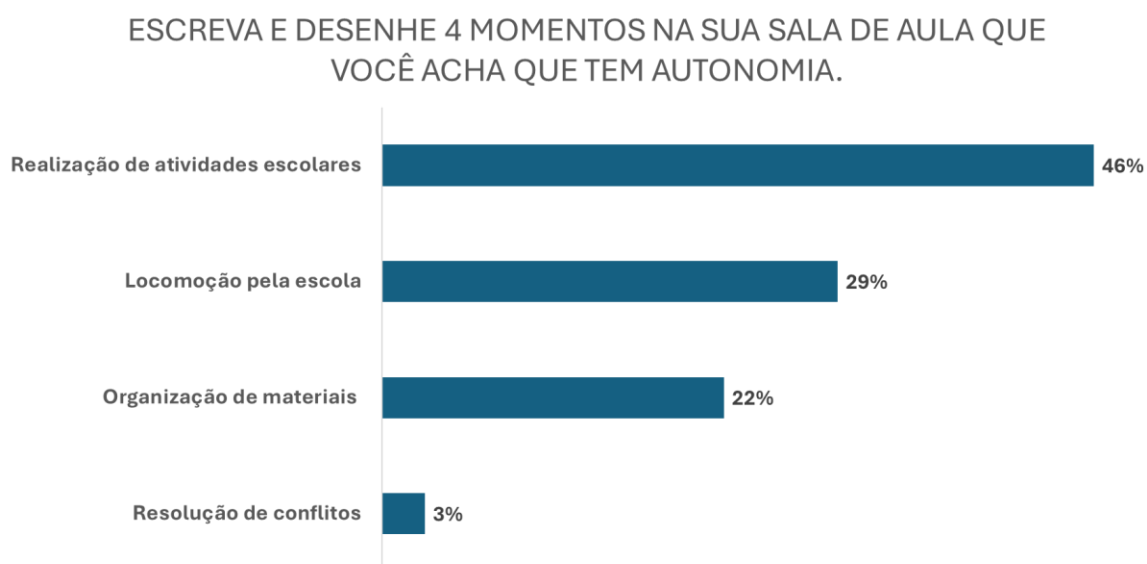
A organização com os materiais foi destacada por 10 alunos como um aspecto relevante da autonomia. Manter os materiais escolares organizados e acessíveis é fundamental para o sucesso acadêmico, pois facilita o cumprimento de tarefas e a preparação

para as aulas. Alunos que conseguem gerenciar seus materiais de forma eficiente tendem a ser mais preparados e a ter um melhor desempenho escolar.

Por fim, 5 alunos ressaltaram a responsabilidade com as lições como um elemento importante da autonomia. Ser responsável pelas próprias lições implica em cumprir prazos, realizar tarefas de casa e estudar de forma independente. Essa habilidade é crucial para o desenvolvimento de uma atitude proativa em relação ao aprendizado e para a construção de uma base sólida de conhecimento.

Os resultados desta nova atividade de coleta de informações destacam que a autonomia dos alunos é percebida e exercida em diversas áreas, incluindo a locomoção pela escola, a resolução de conflitos, a organização com os materiais e a responsabilidade com as lições. Cada um desses aspectos contribui para o desenvolvimento de uma autonomia mais ampla e integrada, preparando os alunos para enfrentar os desafios acadêmicos e pessoais com confiança e competência. Encorajar a autonomia em todas essas áreas deve ser um objetivo central em qualquer ambiente educacional, pois estimula os alunos a serem mais independentes, criativos e responsáveis.

Figura 18 - Gráfico resultados atividade 3



Com base nos resultados da próxima atividade proposta sobre a produção de informação, foi possível identificar como os alunos percebem e exercem sua autonomia em

diferentes aspectos do ambiente escolar. A pesquisa contou com um total de 109 votos distribuídos entre várias categorias, refletindo as áreas em que os alunos se sentem mais autônomos.

A realização de atividades escolares foi a categoria que recebeu o maior número de votos, com um total de 50. Isso indica que a maioria dos alunos valoriza a capacidade de completar tarefas escolares de forma independente. Essa habilidade é fundamental para o sucesso acadêmico, pois envolve a gestão do tempo, a compreensão das instruções e a aplicação do conhecimento adquirido em sala de aula. Alunos que conseguem realizar suas atividades escolares de maneira autônoma tendem a desenvolver uma maior confiança em suas habilidades e a obter melhores resultados acadêmicos.

A locomoção pela escola foi a segunda categoria mais votada, com 32 votos. Este aspecto da autonomia refere-se à capacidade dos alunos de se movimentarem de forma independente dentro do ambiente escolar, encontrando salas de aula, usando recursos como a biblioteca e participando de atividades extracurriculares sem a necessidade de supervisão constante. A habilidade de se locomover autonomamente pela escola é importante para o desenvolvimento da autoconfiança e da responsabilidade pessoal.

A organização de materiais recebeu 24 votos, destacando-se como uma área significativa da autonomia dos alunos. Manter os materiais escolares organizados e acessíveis é essencial para o sucesso acadêmico, pois facilita o cumprimento de tarefas e a preparação para as aulas. Alunos que conseguem gerenciar seus materiais de forma eficiente demonstram uma maior capacidade de planejamento e disciplina, o que contribui para um melhor desempenho escolar.

Por fim, a resolução de conflitos foi a categoria que recebeu o menor número de votos, com apenas 3. Embora menos votada, essa habilidade é crucial para a convivência harmoniosa e para o desenvolvimento de competências sociais. Alunos que conseguem lidar com desentendimentos e problemas interpessoais de forma autônoma demonstram maturidade e capacidade de mediação, habilidades importantes para a vida em comunidade.

Os resultados desta pesquisa destacam que a autonomia dos alunos é percebida e exercida principalmente na realização de atividades escolares, na locomoção pela escola e na organização de materiais. Embora a resolução de conflitos tenha recebido menos votos, ela continua sendo uma habilidade importante para o desenvolvimento pessoal e social dos

alunos. Encorajar a autonomia em todas essas áreas deve ser um objetivo central em qualquer ambiente educacional, pois estimula os alunos a serem mais independentes, criativos e responsáveis, preparando-os para enfrentar os desafios acadêmicos e pessoais com confiança e competência.

A análise dos resultados da atividade sobre a produção de informação forneceu *insights* significativos sobre como meus alunos percebem e exercem sua autonomia em diferentes aspectos do ambiente escolar. Com base nos 109 votos distribuídos entre várias categorias, identifiquei áreas específicas onde a autonomia dos alunos é mais evidente e valorizada, e essas descobertas têm implicações importantes para minha prática pedagógica.

Atividade Número 4:

Figura 19 - Gráfico resultados atividade 4



Com base nos resultados de uma nova atividade proposta para a produção de informação, foi realizada uma pesquisa com 11 crianças ($\frac{1}{3}$ da classe) para avaliar se elas acreditam que crianças da sua idade já podem ter autonomia em tudo. O resultado foi unânime: todas as 11 crianças votaram "não" para a pergunta.

Este índice revela uma percepção comum entre as crianças de que a autonomia completa em todas as áreas ainda não é viável para a sua faixa etária. A resposta negativa pode ser interpretada de várias maneiras, refletindo tanto a autoconsciência das crianças sobre suas limitações quanto a compreensão de que certas responsabilidades e decisões ainda requerem orientação e supervisão de adultos.

A percepção de que não possuem autonomia total pode estar relacionada a vários fatores. Primeiramente, as crianças podem reconhecer que ainda estão em processo de desenvolvimento de habilidades essenciais, como a capacidade de tomar decisões complexas, resolver problemas de forma independente e gerenciar responsabilidades de longo prazo. Além disso, elas podem entender que, em determinadas situações, a supervisão e o apoio dos adultos são necessários para garantir sua segurança e bem-estar.

Outro aspecto importante é a influência do ambiente familiar e escolar. Crianças que crescem em ambientes onde a autonomia é incentivada de forma gradual e segura tendem a desenvolver uma compreensão mais realista de suas capacidades. Elas aprendem a valorizar a orientação dos adultos enquanto adquirem habilidades para se tornarem mais independentes com o tempo.

Os resultados desta pesquisa indicam que as crianças reconhecem a importância de um equilíbrio entre autonomia e supervisão. Embora elas estejam desenvolvendo habilidades importantes para a independência, ainda percebem a necessidade de orientação e apoio em várias áreas de suas vidas. Este entendimento é crucial para um desenvolvimento saudável e equilibrado, pois permite que as crianças adquiram confiança e competência de forma gradual e segura. Permitir a autonomia de maneira adequada, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada criança, deve ser um objetivo central em qualquer ambiente educacional e familiar, preparando-as para enfrentar os desafios futuros com confiança e responsabilidade.

Ao analisar os resultados da nova atividade proposta para a produção de informação, realizada com 11 crianças, pude obter percepções importantes sobre a autonomia na infância. Todas as crianças responderam "não" à pergunta se acreditam que podem ter autonomia em tudo. Este resultado unânime indica uma percepção comum de que a autonomia completa em todas as áreas ainda não é viável para a sua faixa etária.

Essa resposta negativa reflete a autoconsciência das crianças sobre suas limitações e a

compreensão de que certas responsabilidades e decisões ainda requerem orientação e supervisão de adultos. As crianças reconhecem que estão em processo de desenvolvimento de habilidades essenciais, como a capacidade de tomar decisões complexas, resolver problemas de forma independente e gerenciar responsabilidades de longo prazo. Além disso, elas entendem que a supervisão e o apoio dos adultos são necessários para garantir sua segurança e bem-estar.

A percepção de que não possuem autonomia total pode estar relacionada a vários fatores. Primeiramente, as crianças podem reconhecer que ainda estão em processo de desenvolvimento de habilidades essenciais. Além disso, elas podem entender que, em determinadas situações, a supervisão e o apoio dos adultos são necessários para garantir sua segurança e bem-estar.

Outro aspecto importante é a influência do ambiente familiar e escolar. Crianças que crescem em ambientes onde a autonomia é incentivada de forma gradual e segura tendem a desenvolver uma compreensão mais realista de suas capacidades. Elas aprendem a valorizar a orientação dos adultos enquanto adquirem habilidades para se tornarem mais independentes com o tempo.

Os resultados dessa atividade indicam que as crianças reconhecem a importância de um equilíbrio entre autonomia e supervisão. Embora elas estejam desenvolvendo habilidades importantes para a independência, ainda percebem a necessidade de orientação e apoio em várias áreas de suas vidas. Este entendimento é crucial para um desenvolvimento saudável e equilibrado, pois permite que as crianças adquiram confiança e competência de forma gradual e segura.

Os resultados me mostram que permitir a autonomia de maneira adequada, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada criança, deve ser um objetivo central em qualquer ambiente educacional e familiar. Essa abordagem prepara as crianças para enfrentar os desafios futuros com confiança e responsabilidade. A partir dessas reflexões, minha prática pedagógica deve buscar equilibrar a garantia de autonomia com a supervisão necessária, proporcionando um ambiente seguro e estimulante para o desenvolvimento integral dos alunos.

Compreender como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia é essencial para identificar os desafios enfrentados

e propor estratégias eficazes para garantir seu desenvolvimento integral em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais. A partir dessa análise, reafirmo a importância de criar um ambiente educacional que valorize a autonomia e tenha o suporte necessário para que as crianças possam crescer de maneira saudável e equilibrada.

Atividade 5:

Figura 20 - Gráfico resultados atividade 5



Com base na nova produção de dados coletados, foi realizada uma pesquisa com 11 crianças para avaliar se elas têm autonomia em suas casas. A pergunta feita foi: "Na sua casa, você tem autonomia?" As respostas revelaram uma percepção variada entre as crianças sobre o nível de autonomia que possuem em seus lares.

- 9 crianças responderam "sim": A maioria das crianças, representando 81,8% dos entrevistados, afirmou que tem autonomia em casa. Isso sugere que essas crianças se sentem confiantes em realizar tarefas e tomar decisões de forma independente no ambiente doméstico. A autonomia pode incluir atividades como organizar seus próprios materiais, realizar tarefas domésticas, escolher suas roupas e até mesmo gerenciar seu tempo de estudo e lazer.
- 1 criança respondeu "às vezes": Uma criança, representando 9,1% dos entrevistados, indicou que tem autonomia em casa apenas em algumas

situações. Isso pode refletir uma experiência mista, onde a criança tem liberdade para tomar decisões em certos contextos, mas ainda depende da orientação dos pais ou responsáveis em outras áreas.

- 1 criança respondeu "um pouco": Outra criança, também representando 9,1% dos entrevistados, afirmou que tem um pouco de autonomia em casa. Esta resposta sugere que, embora a criança tenha alguma liberdade para agir de forma independente, essa autonomia é limitada e supervisionada de perto pelos adultos.

Os resultados desta pesquisa indicam que a maioria das crianças se sente autônoma em suas casas, o que é um sinal positivo de que estão sendo incentivadas a desenvolver habilidades de independência. No entanto, a variação nas respostas também destaca que a autonomia não é uma experiência uniforme para todas as crianças.

Crianças que responderam "Sim"

Para as 9 crianças que responderam "sim", a autonomia pode estar associada a um ambiente doméstico que estimula a confiança e a responsabilidade. Essas crianças provavelmente têm a oportunidade de tomar decisões e realizar tarefas sem a necessidade constante de supervisão. Isso pode incluir desde pequenas responsabilidades, como arrumar a cama, até decisões mais significativas, como escolher suas atividades extracurriculares.

Crianças que Responderam "Às Vezes" e "Um Pouco"

Para a criança que respondeu "às vezes" e a que respondeu "um pouco", a experiência de autonomia é mais restrita. Isso pode ser devido a vários fatores, como a idade, a personalidade da criança, ou as práticas parentais. Em alguns casos, os pais podem preferir manter um controle mais rígido sobre certas atividades para garantir a segurança e o bem-estar da criança. Em outros casos, a criança pode ainda estar desenvolvendo as habilidades necessárias para assumir mais responsabilidades.

A pesquisa revela que, embora a maioria das crianças sinta que tem autonomia em casa, há variações significativas na forma como essa autonomia é experimentada. Incitar a autonomia de maneira adequada, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada criança, é crucial para o seu crescimento saudável. Um equilíbrio entre liberdade e supervisão pode ajudar as crianças a desenvolverem confiança, responsabilidade e habilidades de tomada de

decisão, preparando-as para enfrentar os desafios futuros com competência e segurança.

Ao analisar os resultados da pesquisa realizada com 11 crianças sobre a autonomia em suas casas, pude refletir profundamente sobre as percepções variadas que elas têm em relação ao seu nível de independência no ambiente doméstico. A maioria das crianças, 81,8%, respondeu "sim" à pergunta sobre ter autonomia em casa, o que é um sinal encorajador de que estão sendo incentivadas a desenvolver habilidades de independência. Essas crianças provavelmente se sentem confiantes em realizar tarefas e tomar decisões de forma independente, o que pode incluir desde organizar seus próprios materiais até gerenciar seu tempo de estudo e lazer.

No entanto, as respostas de "às vezes" e "um pouco", dadas por 9,1% das crianças cada, indicam que a experiência de autonomia não é uniforme para todas. Essas respostas sugerem que, para algumas crianças, a autonomia é mais restrita e supervisionada de perto pelos adultos. Isso pode ser influenciado por diversos fatores, como a idade, a personalidade da criança ou as práticas parentais. Em alguns casos, os pais podem preferir manter um controle mais rígido sobre certas atividades para garantir a segurança e o bem-estar da criança, enquanto em outros, a criança pode ainda estar desenvolvendo as habilidades necessárias para assumir mais responsabilidades.

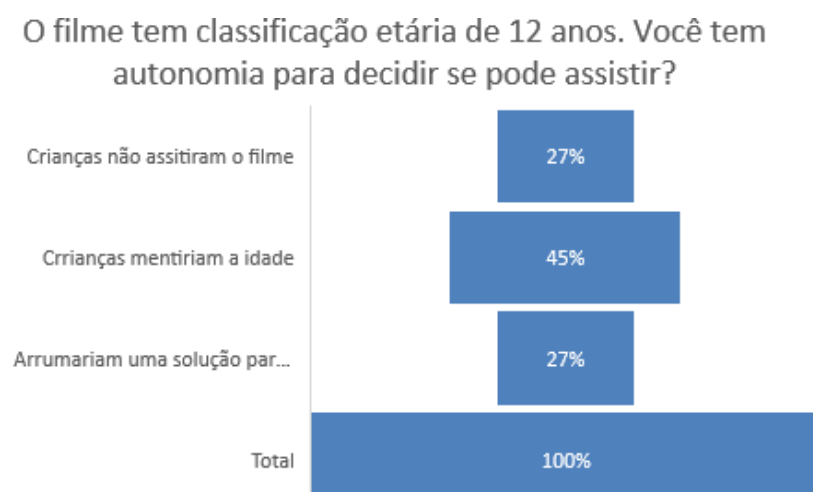
Essas variações nas respostas me levam a refletir sobre a importância de encorajar a autonomia de maneira adequada, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada criança. É crucial encontrar um equilíbrio entre liberdade e supervisão, para que as crianças possam desenvolver confiança, responsabilidade e habilidades de tomada de decisão. A autonomia não deve ser imposta de forma uniforme, mas sim adaptada às necessidades e capacidades individuais de cada criança.

Embora a maioria das crianças se sinta autônoma em casa, é essencial continuar incentivando essa independência de forma equilibrada e sensível às particularidades de cada uma. Garantir um ambiente doméstico que valorize a confiança e a responsabilidade, ao mesmo tempo em que apresenta o suporte necessário, pode preparar as crianças para enfrentar os desafios futuros com competência e segurança. Essas reflexões reforçam a importância de um acompanhamento atento e personalizado no desenvolvimento da autonomia infantil, garantindo que cada criança possa crescer de maneira saudável e confiante.

Compreender como as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental percebem e vivenciam a construção de sua autonomia é essencial para identificar os desafios enfrentados e propor estratégias eficazes para permitir seu desenvolvimento integral em aspectos sociais, emocionais, cognitivos e morais. A partir dessa análise, reafirmo a importância de criar um ambiente educacional e familiar que valorize a autonomia e tenha o suporte necessário para que as crianças possam crescer de maneira saudável e equilibrada.

Atividade 6:

Figura 21 - Gráfico resultados atividade 6



Uma pesquisa foi realizada com 11 crianças (1/3 da classe) para avaliar sua autonomia em tomar decisões relacionadas à classificação etária de filmes. A pergunta feita foi: "Foi lançado um filme com classificação etária de 12 anos. Você tem autonomia para decidir?" As respostas revelaram diferentes abordagens que as crianças adotariam para lidar com a situação.

- 3 crianças não assistiram ao filme: três crianças, representando 27,3% dos entrevistados, afirmaram que não assistiram ao filme devido à classificação etária. Isso indica que essas crianças respeitam as regras estabelecidas e não tentam burlar as restrições impostas pela classificação etária. Elas provavelmente entendem a importância de seguir as orientações dos pais ou

responsáveis e das autoridades reguladoras.

- 5 crianças mentiriam a idade: cinco crianças, representando 45,5% dos entrevistados, disseram que mentiriam sobre a idade para assistir ao filme. Esta resposta sugere que quase metade das crianças está disposta a desrespeitar as regras para satisfazer seu desejo de ver o filme. Isso pode indicar uma falta de compreensão sobre os motivos das restrições de idade ou uma tendência a desafiar as normas estabelecidas.
- 3 crianças arrumaram uma solução para ver o filme: três crianças, também representando 27,3% dos entrevistados, afirmaram que encontrariam uma solução alternativa para assistir ao filme. Isso pode incluir pedir a um adulto para acompanhá-las, assistir ao filme em casa com a supervisão dos pais, ou encontrar outras maneiras de contornar a restrição de idade. Esta resposta demonstra criatividade e iniciativa, mas também pode refletir uma disposição para contornar as regras de maneira indireta.

A conclusão desta pesquisa indica que as crianças têm diferentes níveis de autonomia e abordagens quando se trata de respeitar as classificações etárias de filmes. A variação nas respostas destaca a complexidade da autonomia infantil e a influência de fatores como a educação, os valores familiares e a personalidade individual.

Crianças que Não Assistiram ao Filme

As três crianças que optaram por não assistir ao filme demonstraram um alto nível de conformidade com as regras e uma compreensão das restrições de idade. Elas provavelmente foram ensinadas a respeitar as normas e a considerar as orientações dos adultos como importantes para sua segurança e bem-estar.

Crianças que mentiriam sobre a Idade

As cinco crianças que mentiriam sobre a idade mostram uma tendência a desafiar as regras para alcançar seus objetivos. Isso pode ser um sinal de que essas crianças estão testando os limites da autoridade e explorando sua independência. No entanto, essa atitude também pode indicar uma necessidade de orientação adicional sobre a importância das restrições etárias e as possíveis consequências de desrespeitá-las.

Crianças que Arrumaram uma Solução

As três crianças que arrumaram uma solução alternativa para assistir ao filme demonstraram criatividade e iniciativa. Elas estão dispostas a encontrar maneiras de contornar as restrições sem necessariamente desrespeitar as regras de forma direta. Isso pode ser visto como um sinal positivo de resolução de problemas, mas também sugere que essas crianças podem precisar de orientação sobre a importância de seguir as normas estabelecidas.

A pesquisa revela que as crianças têm diferentes níveis de autonomia e abordagens quando se trata de tomar decisões relacionadas à classificação etária de filmes. Estabelecer uma compreensão clara das razões por trás das restrições de idade e encorajar o respeito pelas normas é crucial para o desenvolvimento saudável das crianças. Um equilíbrio entre liberdade e supervisão pode ajudar as crianças a desenvolverem uma autonomia responsável, preparando-as para tomar decisões informadas e éticas no futuro.

Ao analisar os resultados da pesquisa com 11 crianças sobre sua autonomia em relação à classificação etária de filmes, pude refletir sobre as diversas maneiras pelas quais elas enfrentam e interpretam as normas estabelecidas. A questão sobre se elas têm autonomia para decidir assistir a um filme com classificação etária de 12 anos revelou três respostas principais, cada uma destacando diferentes aspectos da autonomia e a influência de fatores externos.

Observando as respostas, percebo que 27,3% das crianças optaram por não assistir ao filme, demonstrando uma clara conformidade com as regras e uma internalização positiva das restrições etárias. Essas crianças parecem compreender a importância das orientações dos adultos para garantir sua segurança e bem-estar. Isso reflete uma boa assimilação das normas e um entendimento de que seguir regras é crucial para um desenvolvimento saudável.

Por outro lado, 45,5% das crianças disseram que mentiriam sobre a idade para assistir ao filme. Esta resposta sugere que quase metade dos meus alunos está disposta a desafiar as regras para satisfazer seu desejo, o que pode indicar uma falta de compreensão sobre as razões por trás das restrições ou um impulso para explorar sua independência de forma mais rebelde. Esses alunos parecem estar em um estágio de desenvolvimento em que questionam e testam os limites da autoridade, o que pode ser uma oportunidade para introduzir

discussões sobre a importância de seguir regras e considerar as consequências das ações.

Além disso, 27,3% das crianças mencionaram que encontrariam uma solução alternativa, como buscar a permissão de um adulto ou assistir ao filme sob supervisão. Esta resposta mostra uma abordagem criativa para contornar a restrição, mas também sugere uma disposição para driblar as regras. Essas crianças demonstram habilidades de resolução de problemas, mas podem se beneficiar de uma orientação adicional sobre a importância de aderir às normas estabelecidas.

Refletindo sobre essas respostas, concluo que as crianças têm uma compreensão variada da autonomia e das regras, com abordagens diferentes para lidar com as classificações etárias de filmes. Isso destaca a necessidade de um equilíbrio cuidadoso entre liberdade e supervisão. Estabelecer uma compreensão clara das razões por trás das restrições e reforçar a importância de respeitar normas é crucial para o desenvolvimento responsável das crianças. Criar um ambiente que incentive a exploração da independência, enquanto esclarece a importância de seguir regras, pode ajudar a formar indivíduos que tomam decisões informadas e éticas.

Essas reflexões reforçam a importância de educar as crianças sobre as razões para as restrições e as consequências de não segui-las, ajudando-as a desenvolver uma autonomia responsável. Ao fazer isso, estamos preparando nossos alunos para enfrentar desafios futuros com confiança e ética, alinhando-nos ao meu objetivo de garantir um desenvolvimento integral nas dimensões social, emocional, cognitiva e moral.

7 - CONCLUSÃO

A pesquisa realizada com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I revelou *insights* profundos sobre como as crianças percebem e vivenciam a autonomia no contexto escolar. Utilizando estratégias como rodas de conversa, desenhos e narrativas, foi possível observar uma diversidade de entendimentos sobre o que significa ser autônomo. As crianças demonstraram associar a autonomia à capacidade de realizar tarefas de maneira independente e à liberdade de fazer escolhas no dia a dia escolar. Essas percepções evidenciaram tanto áreas em que os alunos já se sentem confiantes quanto outras em que ainda necessitam de apoio significativo para desenvolverem suas habilidades de autogestão. Essa variação no entendimento do conceito de autonomia entre as crianças aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que incentivem a construção dessa independência de maneira individualizada e coletiva, levando em consideração o ritmo e as necessidades de cada aluno.

Entretanto, um dos desafios mais significativos enfrentados ao longo da pesquisa foi a dificuldade em garantir a autonomia escolar entre crianças que ainda não possuem essa independência em suas rotinas domésticas. A análise detalhada das informações coletadas, incluindo os desenhos e as discussões nas rodas de conversa, revelou um dado preocupante: apesar de estarem na faixa etária de 8 a 9 anos, muitas crianças ainda não realizam atividades simples em casa, como tomar banho sozinhas, vestir-se, fazer as lições de casa ou organizar seus pertences pessoais. Em alguns casos, surgiram relatos de crianças que ainda dormem na cama dos pais ou que são trocadas de roupa enquanto estão dormindo, sem qualquer estímulo para que desenvolvam essas habilidades básicas de autonomia. Embora essas situações representem uma minoria entre os alunos pesquisados, elas revelam claramente a dificuldade de construir uma autonomia no ambiente escolar quando essa não é incentivada também no ambiente doméstico.

A ausência de autonomia em casa tem implicações diretas no desempenho acadêmico e no desenvolvimento de habilidades de independência na escola. Um aspecto particularmente preocupante que emergiu da pesquisa foi o impacto dessa falta de independência na aprendizagem, especialmente em disciplinas que exigem maior concentração, organização e responsabilidade, como a matemática.

Entre os alunos observados, alguns demonstram características marcantes de dependência. Eles apresentam uma entonação infantilizada e hipotonia na fala, além de dificuldades para localizar seus próprios pertences. Esses alunos também dependem constantemente da ajuda de terceiros para tomar decisões e realizar ações que, em geral, seriam esperadas de uma criança da mesma faixa etária. Essas manifestações são especialmente evidentes em situações que exigem maior autonomia e responsabilidade sobre suas próprias ações e decisões. Nessas circunstâncias, minha intervenção como professora se torna essencial para acolher e auxiliar no processo de construção da autonomia.

Os encontros realizados com as famílias desses alunos confirmaram as observações feitas em sala de aula. Os pais reconheceram que as dificuldades observadas na escola também são visíveis em casa, e muitos justificaram essa falta de autonomia mencionando que os filhos são os caçulas ou que eles próprios, como pais, tiveram comportamentos semelhantes quando eram crianças. Contudo, mesmo com a escola destacando repetidamente a importância de desenvolver a autonomia, os resultados indicaram que houve pouca mudança ou participação efetiva da família nesse processo. Isso sugere que, apesar dos esforços contínuos da escola para incentivar a independência das crianças, a colaboração familiar é crucial e, quando ausente, pode comprometer seriamente o progresso na construção dessa autonomia.

Do ponto de vista teórico, as contribuições de Jean Piaget (1945) e Yves de La Taille (2006) são fundamentais para compreender e aplicar práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da autonomia infantil. Piaget, com sua teoria do desenvolvimento cognitivo, argumenta que as crianças aprendem de maneira mais eficaz quando estão ativamente engajadas em experiências práticas que lhes permitem explorar e descobrir o mundo ao seu redor de forma independente. Ele enfatiza que o papel do educador é facilitar essas experiências, criando um ambiente onde as crianças possam investigar, experimentar e construir conhecimento por si mesmas, estimulando, assim, seu senso de autonomia. Por outro lado, Yves de La Taille destaca a importância da interação social e do desenvolvimento moral no processo de aprendizagem. Ele argumenta que os educadores devem criar oportunidades para que as crianças participem de atividades que envolvam negociação, resolução de conflitos e cooperação, permitindo-lhes desenvolver habilidades de julgamento moral e tomada de decisões informadas. Para La Taille, a autonomia envolve a habilidade de tomar decisões embasadas em um entendimento profundo dos valores e normas sociais.

A integração dessas teorias na prática pedagógica é essencial para criar ambientes de aprendizagem que possibilitem a autonomia de maneira ampla e significativa. No entanto, é preciso ir além da simples transmissão de regras e conceitos. O desenvolvimento da autonomia requer uma abordagem pedagógica que considere o aluno como um sujeito ativo em seu próprio processo de aprendizagem, capaz de tomar decisões e lidar com as consequências dessas decisões de forma responsável. Isso inclui a criação de atividades que incentivem a autogestão, a oferta de opções de escolha em diferentes aspectos do cotidiano escolar, a flexibilização de regras para aumentar a confiança dos alunos em suas próprias decisões, e a construção de um ambiente acolhedor onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas necessidades e pedir ajuda sem receios. Além disso, a organização dos espaços escolares deve ser planejada de modo a criar ambientes que cumpram funções pedagógicas e que sejam visualmente estimulantes e desafiadores, incentivando a exploração e o aprendizado independente.

Apesar dos desafios e das dificuldades encontradas, a pesquisa demonstrou que é possível alcançarmos um desenvolvimento significativo da autonomia infantil por meio de práticas pedagógicas cuidadosamente estruturadas que envolvem tanto a escola quanto a família. A falta de autonomia observada em alguns alunos não deve ser encarada como um obstáculo intransponível, mas sim como um indicativo das áreas que necessitam de maior atenção e suporte. Para isso, é imprescindível que a escola continue a trabalhar em estreita colaboração com as famílias, sensibilizando-as para a importância de incentivar a independência de seus filhos desde cedo e proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para que possam apoiar esse desenvolvimento em casa.

Em suma, a valorização da voz e das experiências das crianças, aliada à aplicação das teorias de Piaget e La Taille na prática educativa, e à criação de ambientes de aprendizagem inclusivos e estimulantes, são elementos essenciais para a garantia de uma autonomia crítica e responsável. A educação, nesse contexto, vai além da simples transmissão de conhecimento, tornando-se uma jornada colaborativa em que educadores, alunos e famílias constroem juntos um caminho para o desenvolvimento integral e consciente das crianças. Continuar a explorar e refletir sobre esses aspectos é vital para o avanço da educação e para garantir que cada criança tenha a oportunidade de atingir seu pleno potencial em um ambiente que valorize a autonomia em todas as suas dimensões.

Essa pesquisa me permitiu conhecer profundamente as crianças e compreender suas

necessidades de maneira mais detalhada. O desenvolvimento de um espaço de diálogo, em que as crianças pudessem compartilhar suas experiências e perspectivas, foi extremamente enriquecedor. A experiência de acompanhar o processo de cooperação e resolução de conflitos, assim como de integrar os diversos pontos de vista dos alunos, revelou-se crucial para aprimorar minha prática pedagógica.

Ao observar as interações das crianças e as situações em que elas precisavam tomar decisões e resolver conflitos, ficou claro que a construção da autonomia está intrinsecamente ligado à capacidade de agir com responsabilidade e discernimento em um contexto social. A prática de criar um ambiente educativo que estimule a autonomia envolve a promoção da independência nas tarefas diárias e a oportunidade de refletir sobre as implicações éticas e sociais das ações dos alunos.

A observação e análise das dinâmicas de cooperação e resolução de conflitos demonstraram a importância de garantir aos alunos um espaço para negociar, resolver problemas e colaborar com os colegas. Esses momentos foram essenciais para que as crianças desenvolvessem habilidades de julgamento e tomassem decisões baseadas em um entendimento mais profundo das normas e valores sociais.

Como professora da turma, a experiência de acompanhar de perto essas práticas foi particularmente valiosa. Através da reflexão contínua sobre as situações vivenciadas, foi possível perceber a necessidade de criar um ambiente que vá além da simples transmissão de regras e conceitos, estimulando a construção da autonomia de maneira significativa. Essa abordagem fortaleceu a capacidade das crianças de se autogerirem e tomarem decisões responsáveis e contribuiu para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla dos valores e normas que regem suas ações.

A pesquisa e a experiência prática mostraram que a construção da autonomia infantil envolve um equilíbrio entre estimular a independência nas tarefas diárias e possibilitar oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de julgamento ético e social. A prática pedagógica enriquecida por essas observações reforçou a importância de um ambiente educativo que valorize a autonomia e o desenvolvimento integral das crianças em todas as suas dimensões.

8 - PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES

1. Formação conceitual

A proposta de formação para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, voltada para o desenvolvimento da autonomia dos alunos a partir do trabalho em sala de aula, tem como objetivo construir subsídios teóricos e práticos que ajudem os educadores a implementarem práticas pedagógicas capazes de possibilitar a independência, o pensamento crítico e a responsabilidade. Esses elementos são essenciais para o desenvolvimento integral das crianças, que devem ser vistas como sujeitos ativos e capazes de tomar decisões que afetam seu próprio aprendizado. Além de incentivar essas competências, a formação integrará o desenvolvimento de valores morais e éticos, fundamentais para a construção de uma cidadania consciente e participativa.

A formação terá início com uma sólida base teórica, a partir do estudo de dois autores centrais para a compreensão do desenvolvimento da autonomia: Jean Piaget (1932) e Yves de La Taille (2006). Jean Piaget, em *O Juízo Moral na Criança* (1932), aborda como o desenvolvimento cognitivo da criança é um processo ativo, em que a autonomia surge à medida que o pensamento independente se desenvolve. As crianças começam a tomar decisões e resolver problemas de forma crítica, explorando o mundo ao seu redor de maneira dinâmica. Yves de La Taille, em *Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas* (2006), complementa esse panorama teórico ao enfatizar o papel da autonomia na formação ética e moral da criança. De acordo com La Taille, a autonomia envolve, além de agir de forma independente, também construir um senso moral interno, em que a criança compreenda o impacto de suas ações sobre os outros e internalize valores como respeito, responsabilidade e empatia. A formação destacará ainda como a moralidade e a ética podem ser incorporadas ao cotidiano escolar, possibilitando um ambiente que valorize a cidadania ativa desde cedo.

2. Discussão Sobre Metodologias Ativas

A partir da compreensão dos conceitos teóricos, os professores serão incentivados aplicar esses princípios em sala de aula por meio de metodologias ativas, que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem. A formação apresentará exemplos concretos de como essas metodologias podem ser usadas para estimular a construção da autonomia dos alunos. Entre as práticas recomendadas, estarão metodologias ativas que incentivem os alunos a serem protagonistas do seu aprendizado, tomando decisões sobre suas atividades,

explorando questões e buscando soluções de forma colaborativa e independente.

Dentre as metodologias ativas, uma que será amplamente discutida é a aprendizagem baseada em projetos, onde os alunos trabalham de forma autônoma em tarefas que envolvem pesquisa, planejamento e execução de projetos reais. Esse tipo de metodologia exige que os alunos façam escolhas sobre como organizar seu tempo, dividir responsabilidades em grupo e tomar decisões que afetam o resultado. A ideia é criar situações nas quais a autonomia seja encorajada, como necessidade para o sucesso da atividade.

Outra estratégia a ser explorada é a aprendizagem por investigação, que motiva a curiosidade natural das crianças e as estimula a buscar respostas para questões por meio de experimentação e descoberta. Ao permitir que os alunos assumam maior controle sobre seu aprendizado, os professores criam oportunidades para que eles pratiquem a autogestão, desenvolvam o senso crítico e melhorem sua capacidade de tomar decisões. Durante a formação, serão apresentados exemplos práticos de como flexibilizar regras e possibilitar escolhas, tudo com o intuito de fortalecer a confiança dos alunos em suas decisões, favorecendo a construção de uma cultura escolar que valorize a autonomia e a responsabilidade.

3. Áreas Artísticas

Outro aspecto central da formação será o uso das expressões artísticas como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento moral e ético das crianças. A arte apresenta às crianças uma maneira única de explorar e expressar seus sentimentos, pensamentos e valores. Ao desenhar, pintar, dramatizar ou criar esculturas, as crianças têm a oportunidade de refletir sobre suas experiências e sobre questões sociais e morais de maneira criativa e envolvente.

Nesse contexto, atividades artísticas serão utilizadas como meio de desenvolvimento da criatividade e como plataforma para a reflexão ética. Por meio de desenhos e outras formas de arte, os alunos podem expressar suas percepções sobre justiça, solidariedade e empatia, discutindo essas questões em grupo e aprendendo com os colegas. Por exemplo, uma dramatização pode envolver dilemas morais, onde as crianças precisam tomar decisões e justificar suas escolhas, permitindo que reflitam sobre as consequências de suas ações e as diferenças entre certo e errado.

Além disso, a arte permite que os alunos explorem diferentes perspectivas sobre temas sociais e éticos, criando um espaço seguro para o diálogo e o questionamento. A formação incentivará os professores a integrarem essas práticas artísticas em suas rotinas pedagógicas, garantindo que as crianças tenham múltiplas oportunidades de construir sua autonomia e sua capacidade de reflexão ética.

4. Práticas Colaborativas com a Família

A formação também abordará a importância da colaboração entre escola e família para o sucesso no desenvolvimento da autonomia e dos valores éticos nas crianças. Embora a escola seja um espaço privilegiado para o aprendizado, o papel da família é igualmente fundamental para reforçar e sustentar os comportamentos autônomos e responsáveis que são trabalhados na sala de aula.

Os professores serão encorajados a construir uma relação de parceria com as famílias, possibilitando o diálogo e o entendimento mútuo sobre a importância de permitir que as crianças desenvolvam independência desde cedo. Para isso, serão apresentadas técnicas de comunicação, reuniões regulares, boletins informativos e conversas individuais com os pais. Além disso, a formação incentivará a criação de atividades colaborativas que envolvam a família no processo educativo, como projetos de casa que sugiram a participação dos pais e discussões sobre valores morais que podem ser trabalhadas tanto em casa quanto na escola.

Essa colaboração é fundamental para garantir que a construção da autonomia seja contínua e coerente, ocorrendo tanto no ambiente escolar quanto no familiar. A formação dará aos professores as ferramentas necessárias para envolver as famílias de maneira proativa e significativa, criando uma verdadeira comunidade educativa onde todos contribuem para o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

5. Conclusão

Por fim, a formação proporcionará aos professores uma oportunidade de desenvolvimento profissional contínuo, onde poderão aprimorar suas habilidades pedagógicas e participar de um processo de aprendizagem colaborativa com outros profissionais. Durante a formação, os professores terão a chance de trocar experiências, discutir práticas bem-sucedidas e explorar novas abordagens para a construção da autonomia e dos valores éticos nas crianças.

Esse intercâmbio de ideias enriquecerá a prática pedagógica de cada participante, ajudando a criar um ambiente educacional mais inclusivo e transformador. A proposta de formação possibilita uma base teórica sólida e metodologias práticas para a construção da autonomia e o desenvolvimento de valores morais e éticos nas crianças. Ao qualificar os educadores para criar ambientes de aprendizagem que valorizem e estimulem a independência e a reflexão ética, a formação contribuirá para uma educação mais crítica e transformadora.

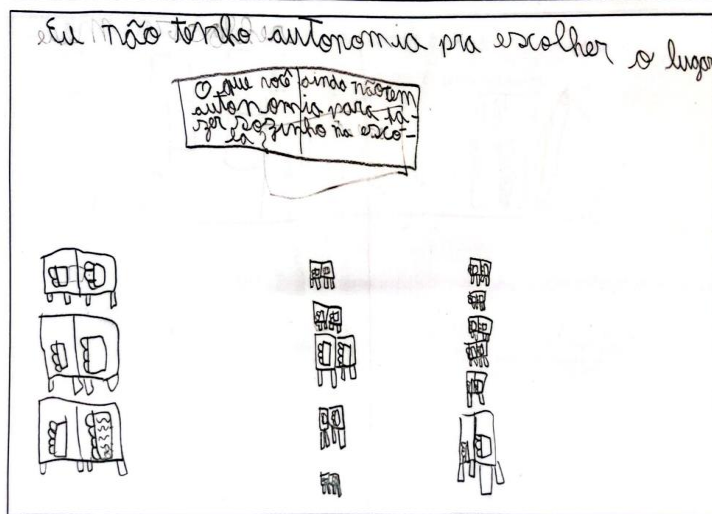
A implementação desta formação terá um impacto significativo na prática pedagógica, incentivando uma cultura escolar que valorize a autonomia e o desenvolvimento moral em todas as suas dimensões, preparando os alunos para enfrentar os desafios futuros com confiança, responsabilidade e um sólido senso de ética.

9 - APÊNDICES

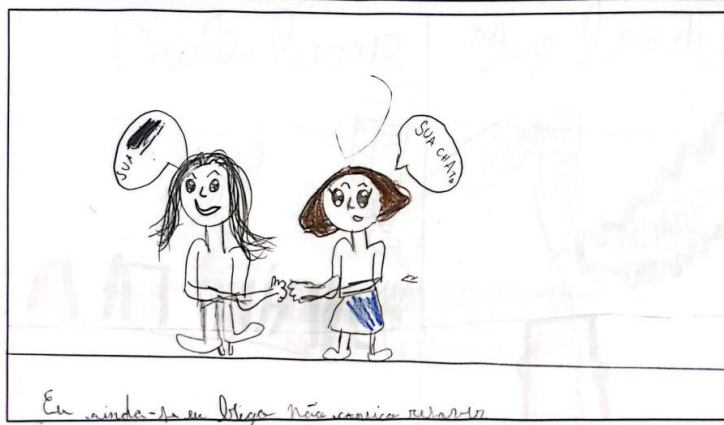
O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



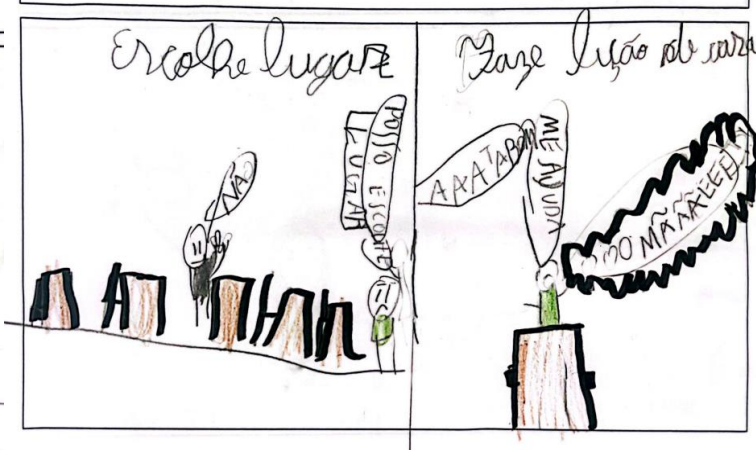
O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?

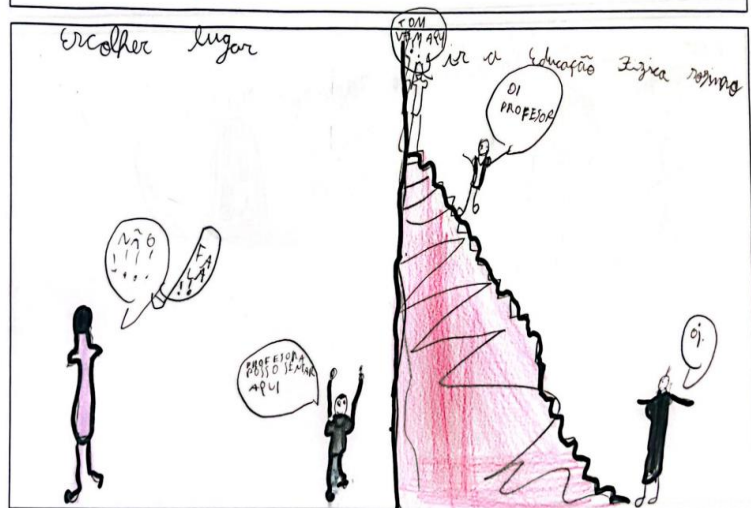


O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?

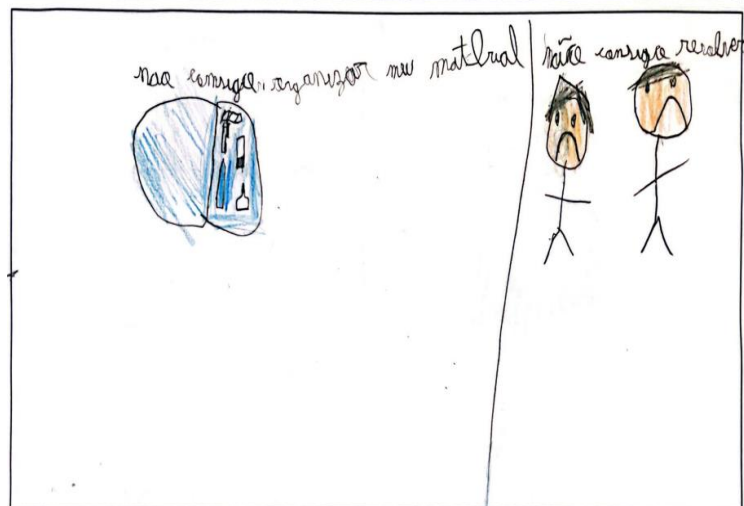


Eu não tenho para receber regime quando fico bravo.

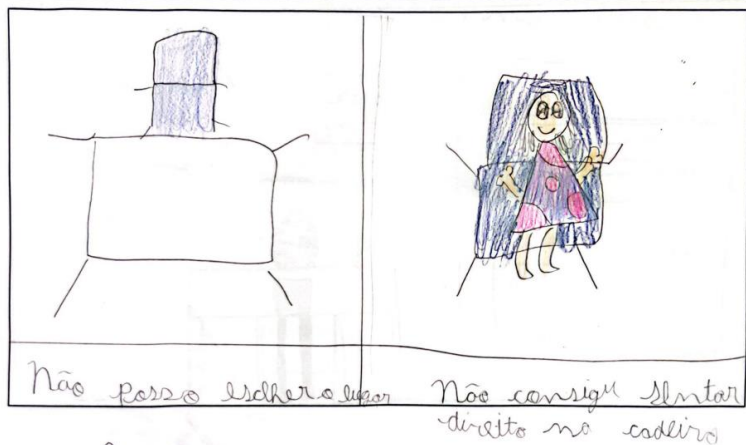
O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



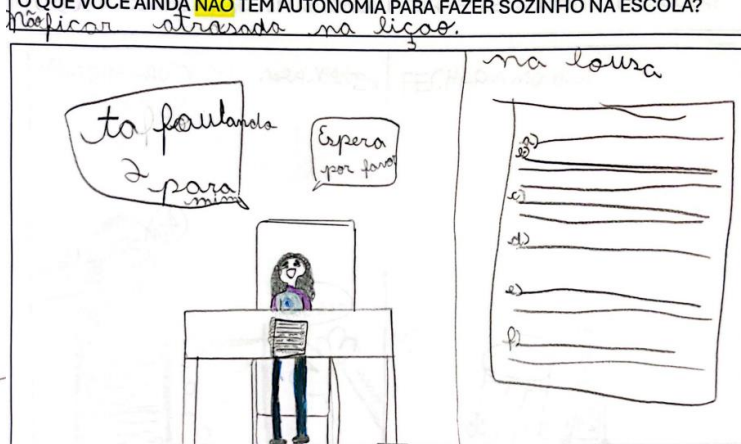
O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



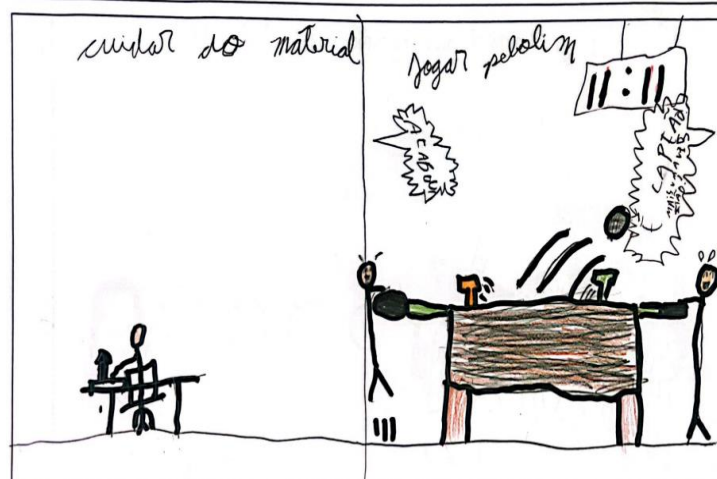
O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?



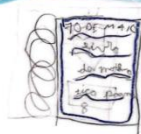
O QUE VOCÊ AINDA NÃO TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?

Eu ainda não tenho autonomia para fazer lições de casa.

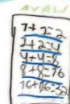


Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.

fazer agenda



fazer avaliação



ler um livro



ir tomar lanche



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.

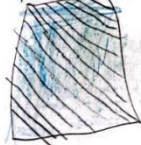
fazer avaliação



fazer a agenda



fazer a pasta de inglês



FAZER AS PÁGINAS DO LIVRO SOZINHO



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.

fazer avaliação



fazer atividades de matemática com a professora e com os colegas



fazer a pasta de inglês



fazer a pasta de inglês



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.

Escolher lugar e entrar com a



ir para a sala de aula com a professora



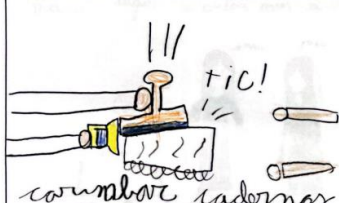
me organizar sozinho



fazer a agenda



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.



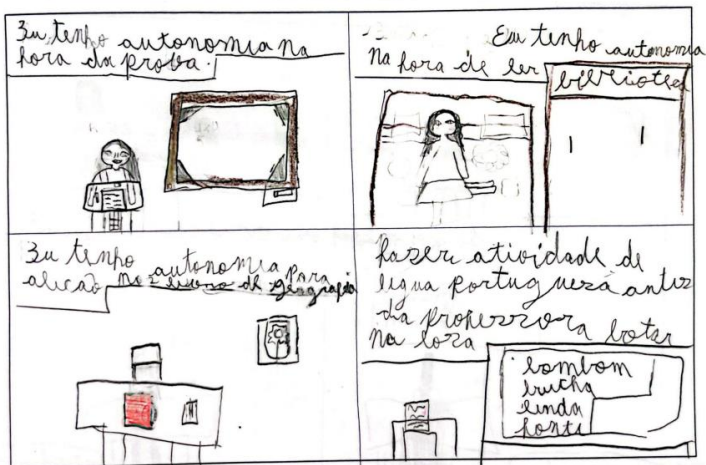
guardar material



FAZER O LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.



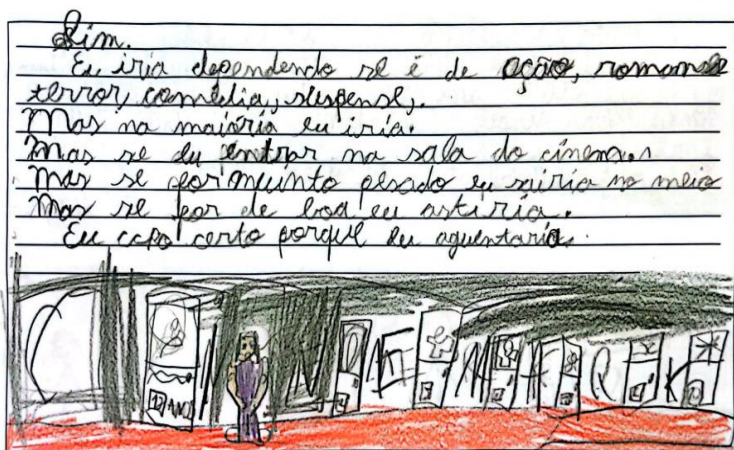
Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.



Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.



Foi lançado um filme no cinema que você adora e está louco para assistir, mas a classificação etária é 12 anos. O que você faria? Você tem autonomia para decidir??



A hand-drawn sketch of a scene. On the left, there is a boat on water, with a person inside. Below the boat, the word "lixão" is written. To the right of the boat, there is a rectangular sign with the word "sanitário" written inside. On the far right, a person is standing and looking at a small rectangular object, possibly a phone or a sign. Above this person, the words "guardar o dinheiro" are written.

Sim eu quero quando eu não ajudo nas tarefas de casa e fico dito da na cama e eu fico comendo a minha mãe para brincar, co migo enfiando da esta fazendo outra coisa impropria. Eu rir e me da quando da esta me chamando fica brava rapida com a minha mãe e com o meu pai eu fico querendo comprar muitas coisa das necessarias e eu sei enfiar e cansar.



A autonomia e a responsabilidade de quando se está sem o responsável

A latronia pode ser ruim quando a perzolata brigando com a dita chamar a professora. Ela pode conversar com o colega.

não autonomia

O que é autonomia na escola?

autonomia

NÃO DÁ PARA MIM

Obrigado

PARABÉNS

Oi

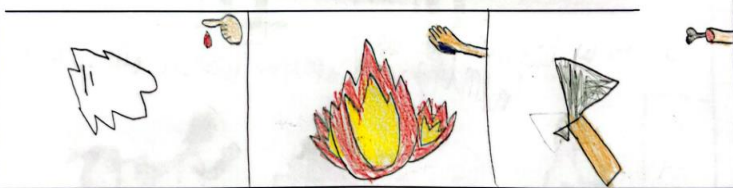
Tudo bem?

CHORO

Você tem que ter autonomia sendo que a professora até te ou não
tiver!!

Escolher o lugar e cumprir as regras

1. Não, por exemplo não podem meter em fogo, fogo, vidro, gás, machado, foice e etc. Além do mais tem alguns que nem conseguem sumir tomar banho sozinho acreditar de fazer para organizar as autonomias em ordem de perigo e localidade assim vidro, fogo, fogo, gás, foice e machado.



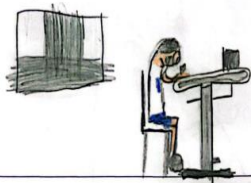
Sim. Sim. Minha casa é bem simples tem televisão, sala, uma planta, piscina e por bem que se. Também tinha autonomia de jogar videogame trocar de roupa descer para brincar e agora é o que eu não tenho autonomia usar a forma da caminhada por gator



The sketches show a person interacting with office equipment. In the top-left, the person is at a desk with a 'MACH' (machine) and 'LAPIS' (pencil). In the top-right, the person is holding a 'MACHINETA' (pencil sharpener) and a 'COMBO' (pencil case). In the bottom-left, the person is using a 'SCANNER' and 'LASER'. In the bottom-right, the person is holding a 'TOM' (pencil) and a 'MILHO' (corn) with a price tag of 'R\$ 2,00,00'.

Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.

Não chamar a professora para fazer algo no quadro
fazer minha lista antes de tentar



Subir as escadas sozinho

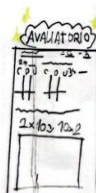


guardar minhas coisas no
armário



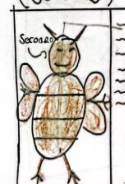
Escreva e desenhe 4 momentos na sua sala de aula que você acha que tem autonomia.

Trabalho individual



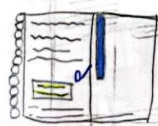
LER LIVRO SOZINHA

LIVRO
SOCORRO



SOLHA

FAZER AGENDA



TRABALHO EM GRUPO



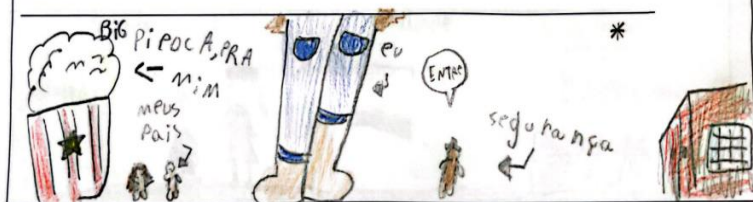
O QUE VOCÊ AINDA **NÃO** TEM AUTONOMIA PARA FAZER SOZINHO NA ESCOLA?

Eu não tenho autonomia para entrar
no banheiro



Foi lançado um filme no cinema que você adora e está louco para assistir, mas a classificação etária é 12 anos. O que você faria? Você tem autonomia para decidir??

Sim, os meus pais me deixaram assistir
eu assistir com eles no cinema,
se perguntarem minha idade, eu apó-
-viteira ser muito alta para dizer que
tenho 12 anos e acreditarem nisso
além do mais já vi vários filmes
para 12 anos e nunca tive tanto
medo.



* Foi uma
ipê R Bo Li



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AUTONOMIA DAS CRIANÇAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Pesquisador: RENATA MELLO DE CARVALHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79818824.0.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.857.293

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa a ser desenvolvida no programa de mestrado profissional em Educação, da PUC/SP, que tem por objeto a investigação da autonomia de crianças nos primeiros anos do ensino fundamental. No que interessa à atuação deste Comitê o projeto propõe a participação de 33 crianças entre 7 e 8 anos, do ensino fundamental, que serão submetidas a entrevistas, a processo de observação, a elaboração de desenhos e a criação de narrativas espontâneas.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a relação entre as estratégias pedagógicas adotadas por professores do Ensino Fundamental I e a construção da autonomia em sala de aula por crianças de 7 e 8 anos, bem como as percepções dos alunos sobre essas práticas identificando os desafios enfrentados e as abordagens mais significativas para promover a autonomia dos estudantes em um cenário que demanda a humanização.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos da pesquisa estão relacionados à criação de algum desconforto, proveniente do possível cansaço na participação das atividades. Referido risco pretende ser remediado com a atuação da pesquisadora e a informação de que, a qualquer tempo, as atividades podem ser suspensas. Aponta-se como benefícios a colaboração de todos na investigação da eficácia dos métodos pedagógicos, que serão usufruídos tanto pelos alunos como pela escola e

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

Página 01 de 03



Continuação do Parecer: 6.857.293

potencialmente com a comunidade em geral. Percebe-se, portanto, que os riscos são mínimos e não impedem a realização de pesquisa que pode trazer relevantes avanços à comunidade acadêmica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está apresentada com propriedade, com clareza quanto à metodologia a ser aplicada e os objetivos pretendidos. No que diz respeito à atuação deste Comitê, o projeto apresenta evidente preocupação na preservação dos direitos e interesses dos participantes, não apresentando risco significativo ou grave que impeça a sua execução.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta os documentos e termos exigidos para viabilizar a realização da pesquisa. Foram elaborados os termos de assentimento (aplicáveis às crianças) e os de consentimento (aplicáveis aos representantes legais das crianças), com linguagem clara e adequada, e com conteúdo informativo das garantias oferecidas para a proteção dos interesses e direitos das pessoas envolvidas. O projeto também conta com autorização da instituição de ensino na qual será realizada a pesquisa. Para comprovar o mérito acadêmico, por fim, foi juntado parecer de professora do programa de pós-graduação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Tendo em vista o exposto, considero o projeto apto a ser executado, pois preenche os requisitos necessários à preservação dos direitos e interesses dos participantes.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2339408.pdf	14/05/2024 20:27:42	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito
Outros	oficio.pdf	14/05/2024 20:27:11	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale.pdf	14/05/2024 20:26:56	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

Página 02 de 03



Continuação do Parecer: 6.857.293

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	14/05/2024 20:26:46	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	14/05/2024 20:26:32	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito
Parecer Anterior	parecer.pdf	14/05/2024 20:25:57	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	carta_de_autorizacao.pdf	14/05/2024 20:25:46	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	14/05/2024 20:25:37	RENATA MELLO DE CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 29 de Maio de 2024

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

Página 03 de 03

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. M. N. S. (orgs.). **O coordenador pedagógico e seus percursos formativos**. São Paulo: Edições Loyola, p. 9-16.
- BARDIN, L. (2011). **Análise de Conteúdo (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.)**. São Paulo: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Lisboa: Celta Editora, 2010.
- BRUNER, J. (1961). **The act of discovery**. Harvard Educational Review, 31(1), 21-32.
- BRONSON, M. B. **Self-regulation in early childhood: Nature and nurture**. New York, NY: Guilford Press, 2000.
- BOGDAN, R., & Biklen, S. (1982). **Qualitative Research for Education: An Introduction to Theory and Methods**. Allyn and Bacon.
- CERISARA, A. B. **A criança e a educação infantil: perspectivas de pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CONTI, M. A.; PASSEGGI, M. C. **Narrativas narrativas das crianças: pesquisa e ensino**. Natal: EDUFRRN, 2014.
- CHIZZOTTI, Antonio (2000). **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez.
- CLARK, A (2005). **"Listening to and involving young children: A review of research and practice"**. Early Child Development and Care, 175(6), 489-505.
- CRESWELL. J.W (2021). **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Penso na editora.
- DEBUS, M. (2018). **Autonomia e suas ressignificações: uma análise a partir das crianças**. Revista Brasileira de Educação, 23, e230059.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. **The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior**. Psychological Inquiry, v. 11, n. 4 (p. 227-268, 2000).
- DESSEN, M. A., VINHA, T. P. (2014). **A psicologia e a construção de competências emocionais e sociais na escola**. Psicologia: Teoria e Prática, 16 (3), 58-69.
- DUNN, J. **The Beginnings of Social Understanding**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- ENGEL, S. (2005). **"Narrative analysis of children's experience"**. In S. Greene & D. Hogan (Eds.), Researching children's experience: Approaches and methods (pp. 199-216). Sage.
- EISTER, E. W (2008). **"Art and knowledge"**. In J. Gary Knowles & Ardra L. Cole (Eds.), Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples, and issues (pp. 3-12). Sage.

FERREIRA, M. C. **Reflexividade narrativa das crianças: narrativas de si e de outros**. São Paulo: Cortez, 2008.

FILHO, Edson A. S. (1995). “**Análise de Representações Sociais**”. In. SPINK, M. J. (org.). O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.

FLICK, Uwe. (2009). **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: José Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.

_____. (2009). **An Introduction to Qualitative Research**. Sage Publications.ed. Porto Alegre: Artmed.

FREIRE, P. (2017). **Educação como Prática da Liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (2017a). **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. São Paulo: Paz e Terra.

_____. (1997). **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra

_____. (1996). **A pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1996). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1994). **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1993). **Professora Sim, Tia Não: Cartas a quem ousa ensinar**. Editora Olho d'Água.

_____. (1970). **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra.

_____. (1967). **Educação como Prática da Liberdade**. Editora Paz e Terra.

GARDNER, Howard (1995). **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Porto Alegre: Editora Penso.

GATTI, Bernadete A.; ANDRÉ, Marli (2011). **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil**. In.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **Studying Children in Context: Theories, Methods, and Ethics**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003.

GILBERT, M. F. (2020). **Concepções de autonomia entre coordenadores e professores de escolas particulares de Goiânia**. Revista Brasileira de Educação, 25, e 250022.

GOLEMAN, Daniel (1995). **Inteligência Emocional**: São Paulo: Editora Objetiva.

GREENE, S., & HOGAN, D. (2005). **Researching children's experience: Approaches and methods**. London. Sage.

HORN, M. G. S. (2004). **A organização do espaço em ambientes de Educação Infantil: Um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOYUELOS, Alfredo (2021). **A Ética no Pensamento e na Obra De Loris Malaguzzi**. São Paulo: Editora Phorte.

JOHNSON, D.W.; JOHNSON, R.T. (1999). **Learning together and alone: Cooperative, competitive, and individualistic learning** (5th ed.). Boston: Allyn and Bacon.

KELLOGG, R. **Analyzing Children's Art**. Palo Alto: Mayfield Publishing Company, 1970.

KOHLBERG L.(1981). **Essays on Moral Development**, Vol. I: The Philosophy of Moral Development. San Francisco: Harper & Row.LA TAILLE, Y. (2006). **Autonomia moral e desenvolvimento humano**. Educação e Pesquisa, 32(3), 1-13.LA TAILLE, Y. **Formação ética: Do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

KOHLBERG, Lawrence; MAYER, Roger. **Child psychology and childhood education: a cognitive-developmental view**. New York: Longman, 1987.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética: dimensões educacionais e afetivas**. São Paulo: Ática, 2006.

LA TAILLE, Yves de. **Vergonha, a gaivota e o pássaro-pétras: ensaio sobre a autoestima e a moralidade**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002

.LA TAILLE, Yves de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. São Paulo: Ática, 1998.

LA TAILLE, Yves de. **O respeito e a autonomia: valor moral e competência infantil**. Campinas: Papirus, 1992.

LIMA, Elvira Souza; LIMA, Marcelo Guimarães (2019). “**Neurociência na educação infantil: o significado do ato de desenhar**”. In Nome da publicação em Negrito. Ano XIII, n. 20, 2018. Publicado em 24 jun. 2019

LOPES, A.M.C (2015) . **Educação Infantil e Registro de Práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras. MALCHIODI, C. A. (1998). **Understanding children 's drawings**. New York: Guilford Press.1998

LÜDKE, M., & André, M., M. E. D. A. (1986). **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. EPU.

MALCHIODI, C. A. (1998). **Understanding children's drawings**. New Jersey Guilford Press.1998

MINAYO, M. C. S. (2002). **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. Hucitec.

MOITA, G. (1995). **Narrativas de Vida e Formação**. Porto Editora.

_____. **A entrevista narrativa e a pesquisa em educação**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 272-285, 1995.

MONTESSORI, Maria (2021). **A criança**. São Paulo: nVersos

_____. (2021). **A mente da criança: Mente Absorvente**. São Paulo: Kirion.

_____. (2017). **A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica**. São Paulo:

Kirion.

NEUMANN, Patrícia; VELOZO, Emerson L. (2019). **Reflexões sobre afetividade e racionalidade na experiência educativa a partir de John Dewey**. *RevistAleph*, julho (32), p. 219-245.

NÓVOA, A. **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

PASSEGGI, M. C. **Narrativas narrativas das crianças e formação de professores**. Natal: EDUFRN, 2011.

_____. **Reflexividade narrativa das crianças: narrativas de si e de outros**. São Paulo: Cortez, 2014.

PIAGET, J. **The Child's Conception of the World**. London: Routledge & Kegan Paul, 1956.

_____. (1994). **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus.

_____. (1971). **A Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1972). **The psychology of the child**. New York: Basic Books.

_____. (1976). **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores

_____. (1971) **Biology and knowledge: An essay on the relations between organic regulations and cognitive processes**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1971.

_____. (1970). **Science of education and the psychology of the child**. New York, NY: International Universities Press.

_____. (1952). **The origins of intelligence in children**. New York, NY: International Universities Press.

_____. (1932). **The moral judgment of the child**. New York, NY: Free Press.

PLACCO, Vera M. N. S.; SOUZA, Vera L. T. S (2018). “**O que é formação? Convite ao debate e à proposição de uma definição**”. In.

REEVE, J. **A motivação para aprender: um guia para professores**. São Paulo: Editora LTC, 2006.

_____. (2006). **Teachers as facilitators: What autonomy-supportive teachers do and why their students benefit**. *The Elementary School Journal*, 106(3), 225-236.

SÁ, Celso. P. (1998). **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ.

SALVI, R. F. (2018). **Paulo Freire: da educação bancária à educação para a autonomia**. *Cadernos de Pesquisa*, 48(169), 256-270.

SANTOS, A.C., P. (2006). **A construção da autonomia na educação infantil**. Revista Brasileira de Educação, 11(32), 263-277.

SATO, Harley A. K (2020). **A escuta ao aluno por meio de questionário de incidentes críticos (QIC). Dissertação de Mestrado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23166>

SAVERY, J.R., & Duffy, T.M. (1995). **Problem Based Learning: An Instructional Model and Its Constructivist**. New Jersey: Framework. Educational Technology, 35(5), 31-38.

SCOTT, J (2000). **"Children as respondents: The challenge for quantitative methods"**. In P. Christensen & A. James (Eds.), Research with children: Perspectives and practices (pp. 98-119). Falmer Press. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203964576>

SELIGMAN, Martin (2011). **Florescer**: São Paulo: Editora Objetiva.

SILVA, Jeanny M. S (2019). **Diferentes caminhos para formação docente estratégias empregadas por coordenadores pedagógicos**. 279f. 2019. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22023>

_____. (2012). **O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista**. São Paulo Mercado de Letras.

_____. (2006). **Como lidar com a indisciplina na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

VYGOTSKY, L. S. (2001) **Pensamento e Linguagem: Os Desenvolvimentos Mais Recentes da Psicologia e da Pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1978). **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press.

WALLON, Henry (1998). **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Editora Almedina

WELLER, W.PFAFF, N. (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 29-38.

ZIMMERMAN, B. J. (2000). **Attaining self-regulation: A social cognitive perspective**. In M. Boekaerts, P. R. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), Handbook of self-regulation (pp. 13-39). San Diego, CA: Academic Press.